

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
LETÍCIA DELLA GIACOMA DE FRANÇA

CAMINHOS DO PENSAMENTO TRADUTÓRIO DE LAWRENCE VENUTI

CURITIBA  
2014

LETÍCIA DELLA GIACOMA DE FRANÇA

CAMINHOS DO PENSAMENTO TRADUTÓRIO DE LAWRENCE VENUTI

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura no programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Paraná, sob orientação do Prof. Dr. Maurício Mendonça Cardozo.

CURITIBA  
2014

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

França, Leticia Della Giacoma de  
Caminhos do pensamento tradutório de Lawrence Venuti / Leticia Della  
Giacoma de França – Curitiba, 2014.  
167 f.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Mendonça Cardozo  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da  
Universidade Federal do Paraná.

1. Tradução e interpretação. 2. Comunicação intercultural. 3. Tradutores.  
I. Título.

CDD 418.02



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS


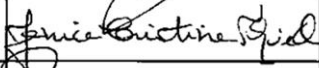

## PARECER

Defesa de dissertação da mestranda LETÍCIA DELLA GIACOMA DE FRANÇA para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados MAURICIO MENDONÇA CARDOZO, JANICE THIEL e RUTH BOHUNOVSKY arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“CAMINHOS DO PENSAMENTO TRADUTÓRIO DE LAWRENCE VENUTI”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

| Banca                     | Assinatura   | APROVADA<br>Não<br>APROVADA |
|---------------------------|--|-----------------------------|
| MAURICIO MENDONÇA CARDOZO |  | Aprovado                    |
| JANICE THIEL              |  | Aprovada                    |
| RUTH BOHUNOVSKY           |  | aprovado                    |

Curitiba, 25 de novembro de 2014.



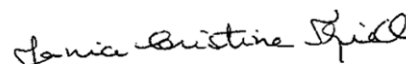
Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves  
Coordenador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Ata sexcentésima sexagésima quinta, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **LETÍCIA DELLA GIACOMA DE FRANÇA**. No dia vinte e cinco de novembro de dois mil e quatorze, às dez horas e trinta minutos, no Laboratório de Letras Estrangeiras Modernas – LAB 02, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: **MAURICIO MENDONÇA CARDOZO**, Presidente, **JANICE THIEL** e **RUTH BOHUNOVSKY**, designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada “CAMINHOS DO PENSAMENTO TRADUTÓRIO DE LAWRENCE VENUTI” apresentada por **LETÍCIA DELLA GIACOMA DE FRANÇA**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após o senhor presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada uma das Examinadoras para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, o Professor **MAURICIO MENDONÇA CARDOZO** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, o senhor Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Literários**, devendo encaminhar à Coordenação em até 60 dias a versão final da dissertação. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia vinte e cinco de novembro de dois mil e quatorze. xxxxxxxx

  
Dr. Mauricio Mendonça Cardozo

  
Dr.ª Janice Thiel

  
Dr.ª Ruth Bohunovsky

  
Letícia Della Giacoma de França

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais: não há palavras para agradecer pela paciência e pela torcida. Vocês tornaram tudo isto possível com todo seu apoio, encorajamento e amor. Vocês são as pessoas mais bonitas que eu conheço.

Ao Ramon: qualquer agradecimento vai parecer muito pouco comparado a tudo o que você fez por mim ao longo da escrita deste trabalho, mas não custa tentar: muito obrigada por ser meu companheiro nesta jornada.

Aos amigos Filipe, Juliana, Liana, Luciane e Marina, meus irmãos de coração: agradeço pela parceria, pelas ausências perdoadas, pela força e pelo axé.

Aos colegas da Editora Champagnat e da PUCPR de modo geral: agradeço a compreensão, a ajuda e o incentivo. Agradeço especialmente às professoras Ana Maria de Barros e Rosane de Mello Santo Nicola pelo apoio.

Ao professor Marcelo Paiva de Souza: obrigada pelas sempre interessantes discussões em sala de aula, pelas sugestões e palavras de incentivo no Fórum de Produção Discente.

À professora Cristina Carneiro Rodrigues, que acompanhou os primeiros passos que dei rumo à pesquisa acadêmica numa tarde quente (escaldante!) em São José do Rio Preto e ainda hoje me impulsiona com seus questionamentos minuciosos: muito obrigada pela leitura cuidadosa e pelas sugestões feitas durante a qualificação deste projeto.

À professora Ruth Bohunovsky: agradeço pelas valiosas sugestões, dicas de leitura e encaminhamentos no parecer da qualificação e ainda mais por aceitar fazer parte da banca avaliadora deste trabalho. As reflexões em seus artigos e ensaios foram valiosas para o meu entendimento sobre as ideias de Venuti e a tradução de modo geral, por isso, é com muito orgulho que escrevo seu nome na lista de avaliadores deste trabalho.

À professora Janice Cristine Thiel: agradeço imensamente a gentileza de aceitar o convite para compor a banca avaliadora desta dissertação, bem como a confiança depositada em mim em tantas atividades junto à Editora Champagnat e à PUCPR.

À Capes: agradeço pelo apoio financeiro.

Ao Maurício, por saber equilibrar a medida entre orientar e desorientar quando é preciso: obrigada por não ter desistido.

## RESUMO

É inegável o destaque que o pensamento de Lawrence Venuti acerca da situação contemporânea dos tradutores no mundo anglófono assumiu desde a publicação de seu *The Translator's Invisibility*, em 1995. A polaridade entre uma abordagem domesticadora e outra estrangeirizadora, bem como a denúncia da situação de invisibilidade do tradutor, inscreveram seu nome no rol de pensadores inequívocos para a compreensão da teoria e da crítica contemporâneas de tradução. Entretanto, Venuti é um pesquisador muito ativo, oferecendo constante refinamento e reformulações de conceitos-chave num pensamento em construção. Assim, tendo como norte os desenvolvimentos e superações anunciadas no prefácio de seu *Translation Changes Everything* (2013), esta dissertação pretende justamente acompanhar sua trajetória intelectual, iniciada em meados dos anos 1990 e ainda bastante ativa nos dias de hoje, analisando a transformação de seu repertório teórico e conceitual e problematizando as continuidades e discontinuidades de seu pensamento.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da tradução. Teoria da tradução. Lawrence Venuti.

## ABSTRACT

One cannot deny the spotlight over Lawrence Venuti's thoughts about the translators' contemporary conditions in the Anglo-American world since the publication of *The Translator's Invisibility* in 1995. The polarity between a domesticating and a foreignizing approach, as well as the exposition of the translator's invisibility, have inscribed his name in the list of the essential thinkers to the understanding of the contemporary translation theory and criticism. However, Venuti is a very active researcher, who offers a constant refining and recasting of key concepts in his reflections. Thus, considering the developments and solutions presented in the introduction to his *Translation Changes Everything* (2013), this dissertation aims at analyzing his intellectual career, which began in the mid-1990s and is still quite active nowadays, evaluating the transformation of his theoretical and conceptual repertoire while questioning the continuities and discontinuities of his thinking.

KEYWORDS: Translation Studies. Translation Theory. Lawrence Venuti.



## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>1</b>   |
| <b>1. DA INVISIBILIDADE DO TRADUTOR</b>  | <b>12</b>  |
| 1.1 A invisibilidade do tradutor   | 13         |
| 1.2 A tradução como instrumento de transformação   | 17         |
| 1.3 Um chamado à ação  | 26         |
| 1.4 Venuti, leitor de Schleiermacher   | 34         |
| 1.5 Considerações sobre o problema da estrangeirização                                       | 55         |
| <b>2. ESCÂNDALOS</b>   | <b>63</b>  |
| 2.1 Tradução minorizante, a boa tradução   | 65         |
| 2.2 Da estrangeirização à minorização: paralelos   | 72         |
| 2.3 A recepção do pensamento de Venuti no Brasil: a tradução em contextos não<br>hegemônicos | 87         |
| 2.4 Resíduo e subjetividade  | 98         |
| <b>3. O TRADUTOR MUDA TUDO</b>   | <b>107</b> |
| 3.1 Ruptura com o instrumentalismo (?): um “novo” modelo hermenêutico                        | 108        |
| 3.2 Ética e evento   | 132        |
| 3.3 Uma cultura de tradução  | 136        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>149</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>154</b> |

## INTRODUÇÃO

Diversas são as atividades nas quais o norte-americano Lawrence Venuti tem projeção: professor de inglês na Temple University (Filadélfia, Estados Unidos), tradutor de língua italiana, catalã e francesa (com traduções premiadas pelo PEN American Center em 1980, pelo governo italiano em 1983, pela National Endowment of Arts em 1983 e 1999 e pela National Endowment for the Humanities em 1989)<sup>1</sup>, membro do corpo editorial de diversos periódicos sobre tradução e literatura comparada (*Reformation: The Journal of the Tyndale Society*; *The Translator: Studies in Intercultural Communication*; *TTR: Traduction, Terminologie, Redaction; Translation Studies*; *Target: An International Journal of Translation Studies*; *Palimpsestes*), mas o que o torna um nome inequívoco junto à academia é seu pensamento acerca da tradução e, mais especificamente, dos desdobramentos e significados político-ideológicos da adoção de um método específico de tradução.

Uma das figuras mais conhecidas no âmbito dos Estudos da Tradução contemporâneo, Venuti ganhou projeção principalmente por sua crítica à situação de invisibilidade imposta aos tradutores e à prática tradutória no contexto anglo-americano. Sua obra mais citada por críticos, pesquisadores, professores e estudantes de Tradução, *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (2008), é fonte de debate desde seu lançamento em 1995. A partir de suas observações sobre a prática de tradução nos Estados Unidos e na Inglaterra, Venuti aborda a necessidade de uma reflexão de cunho político e filosófico sobre a tradução. Segundo o pensador, a prática de crítica e de leitura que predomina na cultura anglo-americana exige que as traduções sejam lidas como se não fossem textos traduzidos, mas, sim, textos originalmente escritos em inglês. Isso ocorre, na percepção de Venuti, em virtude da valorização da fluência, que, por sua vez, estaria vinculada a razões socioeconômicas (VENUTI, 2008, p.12).

Tomando como base uma seleção de comentários críticos sobre traduções em língua inglesa, encontrados em periódicos britânicos e americanos que abrangem desde o pós-guerra até a década de 1990, o teórico descreve as

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em <<http://www.temple.edu/english/People/VenutiL.asp>>. Acesso em: 5 maio 2014.

principais características de uma tradução fluente: aquela realizada em inglês padrão e de uso corrente e genérico, em que a sintaxe do texto estrangeiro não é percebida e na qual as palavras estrangeiras são evitadas (VENUTI, 2008, p.4-5). Assim, a tradução fluente é aquela que o leitor da cultura anglo-americana reconhece como inteligível, livre de qualquer obstáculo (como o uso de uma linguagem especializada ou coloquial, arcaísmos, gírias, palavras em outro idioma) que denuncie seu caráter derivativo. O discurso homogêneo — *fluente* — produz, portanto, o que ele denomina “ilusão da transparência”<sup>2</sup> (VENUTI, 2008, p.1), impedindo uma avaliação crítica dos valores domésticos inscritos no texto estrangeiro. Em sua luta contra a fluência na tradução na estrutura cultural anglo-americana, o teórico propõe estratégias discursivas que podem ser adotadas pelos tradutores para favorecer a percepção do texto traduzido como tal, ou seja, como um texto que originalmente foi escrito em outra língua.

Ao descrever a tradução como uma prática invisível no âmbito da cultura anglo-americana e propor uma forma de combater a fluência, Venuti contribuiu decisivamente para que, contemporaneamente, esse tema ganhasse seu lugar em diversos debates e trabalhos sobre tradução, não só na cultura anglo-americana como também em outras culturas (cf. PYM, 2010). Sua reflexão sobre a “invisibilidade do tradutor”, bem como a sua proposta para torná-lo “visível”, tem não só sido alvo de críticas, mas também servido como ponto de referência para diferentes discussões nessa área de estudo. Como aponta Frota já em 2000, apenas cinco anos após o lançamento de *The Translator's Invisibility*<sup>3</sup>, as ideias apresentadas por Venuti constituem “uma importante referência nos estudos da tradução, o conceito de (in)visibilidade tendo-se transformado em tema de pesquisa na área” (FROTA, 2000, p.72).

<sup>2</sup> Essa e todas as traduções de textos em inglês que não estão disponíveis em português são de minha autoria.

<sup>3</sup> O artigo “The Translator's Invisibility”, que sistematiza as ideias de Venuti acerca da invisibilidade do tradutor que, mais tarde, seriam desdobradas no livro de mesmo nome, foi publicado em 1986. Ainda que se trate de um artigo bastante conhecido e citado nos meios acadêmicos (e, vale lembrar, a tradução para o português publicada em 1995, é ainda hoje referência no Brasil), é difícil negar que a fama de Venuti esteja diretamente relacionada ao livro, que além de explorar as noções de invisibilidade, fluência, resistência, estrangeirização e domesticação, apresenta diversos estudos de caso para demonstrar como diferentes abordagens à prática e crítica de tradução têm resultados distintos em termos de política, ideologia, cânone e marginalidade/centralidade de culturas, idiomas e sociedades no contexto anglo-americano. Devido à abrangência dos temas explorados por Venuti em *The Translator's Invisibility*, elejo a publicação do livro, e não do artigo, como o momento-chave que alavancou a carreira de Venuti internacionalmente e por isso a coloco em posição privilegiada nesta dissertação.

Em *The Translator's Invisibility*, Venuti expõe suas ideias acerca da condição de invisibilidade a que o tradutor está submetido no contexto anglo-americano em decorrência de uma prática de tradução que favorece um texto fluente, que passa como original e não como tradução. Pouco tempo depois, em seu livro seguinte, *Os Escândalos da Tradução*<sup>4</sup>, Venuti expande sua reflexão acerca das consequências da invisibilidade do tradutor, partindo daquilo que chama de escândalos culturais, econômicos e políticos da tradução (2002, p.9) para “averiguar as relações entre a tradução e uma gama de categorias e práticas que contribuem para seu status marginal atual” (2002, p.10). Em ambos os livros, Venuti explicita a urgência em modificar a maneira como a tradução é praticada, lida, ensinada e criticada nos Estados Unidos e na Inglaterra, uma vez que isso que ele identifica como a invisibilidade do tradutor “mascara não só o trabalho do tradutor como também as relações de assimetria — cultural, econômica e política — entre as nações de língua inglesa e as outras nações do mundo” (1995, p.28). Dessa forma, desenvolver mecanismos que combatam a invisibilidade do tradutor e investigar o resultado da adoção ou não desses mecanismos é uma questão central no pensamento de Venuti e que conquistou grande repercussão junto à academia.

Prova da penetração do pensamento de Venuti entre os pesquisadores de diversas culturas são os resultados da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Tradução, relação e alteridade: questões de recepção do pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti”, que realizei entre 2011 e 2012<sup>5</sup>. Nessa pesquisa, dediquei-me a mapear a recepção no Brasil do pensamento de três importantes pensadores da tradução: Antoine Berman, Friedrich Schleiermacher e Lawrence Venuti. Para tanto, recorri a revistas especializadas da área dos Estudos da Tradução, a edições especiais sobre tradução nos periódicos da área de Letras e Linguística e a seções fixas sobre tradução em publicações multidisciplinares, disponíveis online ou em edições impressas. O objetivo desse mapeamento foi reunir um conjunto significativo de textos articulados a partir do pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti e publicados no país no período de 1994 a 2011. Esse levantamento resultou em 271 artigos publicados em 21 periódicos distintos

---

<sup>4</sup> A publicação em língua inglesa dessa obra, *The Scandals of Translation*, deu-se em 1998. Ao longo deste trabalho, tomo por base sua tradução para o português, publicada no Brasil em 2002.

<sup>5</sup> Os detalhes sobre os procedimentos, análises e conclusões dessa pesquisa serão abordados mais detidamente no item 2.3 do presente trabalho.

(totalizando 95 volumes pesquisados), escritos por 235 pesquisadores diferentes. Desse total, a referência a Venuti aparece em 158 textos, ou 67% do total. A leitura cuidadosa desses 158 artigos revela que, no Brasil, as principais ideias de Venuti foram lidas como uma “metodologia” de tradução: esses artigos concentram-se em comentar os efeitos sobre o texto que a adoção de uma estratégia *resistente* de tradução pode acarretar, sem expandir a reflexão para além do âmbito estritamente textual. Porém, é de se perguntar se o pensamento de Venuti de fato se limita a uma questão metodológica — um **método** de traduzir *versus* outro **método** e a discussão dos méritos e desdobramentos de um método sobre o outro — ou se dele podemos depreender questões muito mais amplas.

Um mergulho na obra de Venuti torna-se, portanto, necessário para levar esse questionamento adiante. Com isso quero dizer que uma leitura cuidadosa dos principais textos de Venuti sobre Tradução, tendo como horizonte a compreensão da maneira como suas ideias se desenvolvem, evoluem e abarcam ou abandonam determinadas convicções e conceitos pode nos revelar um projeto específico de Venuti e a maneira como ele pretende levar a cabo esse projeto, bem como as transformações dos objetivos, materiais e métodos desse projeto. Para tanto, neste trabalho me dediquei à leitura de livros e artigos de Venuti sobre tradução, concentrando-me especialmente nas ideias sistematizadas em seus livros *The Translator’s Invisibility*, *Os Escândalos da Tradução* e *Translation Changes Everything* (que, na realidade, é uma coletânea de artigos publicados entre 2000 e 2012). Empreendo esse esforço em uma tentativa de rastrear sua trajetória intelectual, observando a maneira como temas específicos são apresentados e retrabalhados ao longo de sua carreira. Com esse objetivo em mente, investigo também os motivos que o levam a abrir mão de alguns dos conceitos-chave que o tornaram famoso, concentrando-se, mais recentemente, no desenvolvimento de outro repertório para levar adiante esse projeto.

Considero possível identificar três momentos no desenvolvimento das ideias de Venuti: ele começa com a denúncia da condição de invisibilidade do tradutor no contexto anglo-americano e anuncia um projeto de resgate desse tradutor; num segundo momento, avalia o impacto global que essa situação de invisibilidade do tradutor em todo o mundo tem sobre a marginalização de determinadas culturas,

línguas e sociedades; e, num terceiro momento, volta sua atenção para o tradutor enquanto sujeito e para a influência do meio em que traduz sobre seu ofício<sup>6</sup>.

Nisso que identifico como um primeiro momento da reflexão de Venuti, o termo “invisibilidade” é usado pelo autor para descrever “a atividade e a situação do tradutor na cultura anglo-americana contemporânea” (2008, p.1). Segundo o teórico, esse termo refere-se a dois fenômenos que se determinam mutuamente: um deles seria a ilusão de transparência produzida pela própria manipulação do idioma realizada pelo tradutor; o outro seria a prática de leitura e de avaliação de traduções que predomina na cultura anglo-americana do século XX. Segundo ele,

uma tradução, de prosa ou de poesia, ficção ou não-ficção, é considerada aceitável por muitos editores, resenhistas e leitores quando sua leitura é fluente, quando a ausência de peculiaridades estilísticas e linguísticas faz com que o texto traduzido pareça transparente, dando a impressão de refletir a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro, ou o significado essencial do texto — a impressão, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”. [...] Quanto mais fluente a tradução, mais invisível o tradutor e, presumivelmente, mais visível o escritor e o significado do texto estrangeiro (2008, p.1).

Apesar de considerar esses dois fatores (a ilusão de transparência e a prática de leitura) como os determinantes para a “invisibilidade” do tradutor, Venuti destaca também a concepção de autoria que predomina na cultura anglo-americana como outro fator que determinaria, pelo menos parcialmente, a invisibilidade do tradutor (2008, p.6). Venuti considera, então, que essa concepção de autoria é o fator mais importante para a situação de marginalidade da tradução (2002, p.65) que detecta na década de 1990 nos Estados Unidos e na Inglaterra. De acordo com essa concepção predominante,

o autor expressa livremente seus pensamentos e sentimentos no texto escrito, que, deste modo, passa a ser visto como uma autorrepresentação

---

<sup>6</sup> Acho importante destacar que a identificação desses três momentos na trajetória de Venuti é fruto do modo particular como eu leio esse pensador, tendo em vista o objetivo de mapear um roteiro intelectual em seus escritos mais destacados a partir da questão da invisibilidade do tradutor, avaliando a maneira como esse tema é apresentado e reformulado ao longo dos anos. É certo que leituras com objetivos diversos, organizadas a partir de outras questões, talvez pudessem resultar em diferentes modos de distinguir e arbitrar esses momentos-chave.

original e transparente, sem a mediação de determinantes transindividuais (linguísticos, culturais, sociais) que possam complicar a originalidade autoral (2008, p.6).

Para fazer oposição à fluência e à invisibilidade do tradutor, Venuti afirma dedicar-se a “desenvolver uma teoria e prática de tradução que resista aos valores culturais dominantes da língua-alvo” (2008, p.18). A essa “estratégia de tradução” dá o nome de “*resistancy*” (2008, p.18), modificação da palavra “*resistance*”<sup>7</sup>, que, em português, quer dizer “resistência”<sup>8</sup>. Para o teórico, a forma modificada “*resistancy*” é a melhor maneira de nomear a sua proposta, porque não só evitaria a fluência como também desafiaria a cultura-alvo (2008, p.18).

Essa resistência está intimidade ligada à adoção de um “método” que evita a domesticação, ou seja, “a redução etnocêntrica do texto estrangeiro a valores culturais da língua-alvo” (2008, p.15), pois exerceria uma pressão para desviar esses valores, registrando a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro (2008, p.15). Isso se daria não só por meio da escolha dos textos a serem traduzidos — por exemplo, a escolha de textos não canônicos —, como também por meio da utilização de um discurso marginal na tradução — por exemplo, um discurso que contenha arcaísmos. Para que o estrangeiro (aquele que pertence à cultura-fonte) se manifeste na tradução, a forma da língua estrangeira deve aparecer no texto traduzido, ainda que para isso seja necessário o rompimento ou o desvio dos códigos culturais que prevalecem na língua-alvo. Para Venuti, o tradutor desloca sua atenção “do significado conceitual” para o jogo de significantes do qual esse mesmo significado depende e a redireciona para “as estruturas fonológicas, sintáticas e discursivas” (2008, p.18).

As consequências de ordem cultural, linguística, política e ideológica do apagamento do tradutor e do estrangeiro figuram como preocupações centrais em seu livro seguinte, *Escândalos da Tradução*. Nesse desdobramento da reflexão

<sup>7</sup> No ensaio “A invisibilidade do tradutor” (originalmente publicado em 1986, traduzido no Brasil em 1995), Venuti já se refere a essa sua estratégia de oposição à fluência como “*resistance*” (1995, p.119), ainda sem modificar a palavra inglesa.

<sup>8</sup> Neste trabalho, utilizarei o termo “resistência” para traduzir esse conceito de Venuti porque este é o termo mais comumente utilizado entre os comentadores de Venuti no Brasil. Outras traduções possíveis, que tentariam diferenciar o conceito de Venuti do uso padrão da língua, poderiam ser *resistência* (um neologismo) ou *resistividade* (um termo correlato de uso mais específico e menos corrente).

iniciada em *The Translator's Invisibility*, observamos um Venuti mais voltado ao questionamento dos motivos que levariam a tradução a permanecer como uma prática velada, à margem dos debates e das pesquisas, principalmente no âmbito da cultura anglo-americana (2002, p.9), mas que se expandem para diversas culturas e sociedades — o estudioso relata a sua oposição ao texto fluente como uma luta contra a exclusão linguística e cultural. Dessa forma, se num primeiro momento Venuti ocupou-se de descrever o fenômeno da invisibilidade, neste segundo momento, que também entendo coincidir com a publicação de seu *Escândalos da Tradução*, a dimensão ético-cultural do apagamento do tradutor é colocada no centro do pensamento de Venuti. A fluência é descrita como assimilacionista, por apresentar o texto traduzido aos leitores domésticos como se esse texto fosse uma “representação realista” da cultura e do texto estrangeiros (2002, p.29), como se a tradução não tivesse sofrido as modificações decorrentes dos “códigos e ideologias domésticos” (2002, p.12). Nesse momento, o autor dá preferência à exposição da tradução como uma atividade cultural em si. Assim, Venuti explora os mecanismos que privilegiam a heterogeneidade linguística, baseando-se em uma ética de maior respeito pelas diferenças culturais.

Nesse segundo momento, o teórico passa a se ocupar em fazer um exame daquilo que identifica como os escândalos da tradução. Destacando o aspecto etnocêntrico da tradução, Venuti avalia que talvez o maior dos “escândalos” da tradução seja o fato de que as relações de dependência e de poder entre as culturas sempre colocariam a cultura traduzida a serviço da cultura que faz a tradução (2002, p.15). Com a intenção de minimizar os efeitos desses “escândalos”, Venuti propõe uma ética que imprima “maior respeito em relação às diferenças linguísticas e culturais” na tradução (2002, p.20). Seu projeto vai significar não só a tradução de textos de menor prestígio literário, de posição marginal no cânone da cultura de partida (2002, p.26), como também o uso de discursos que “explorem a multiplicidade e a policronia do inglês americano” (2002, p.27). Assim, deixando a estrangeirização e a fidelidade abusiva de lado, Venuti propõe uma estratégia de tradução cujo objetivo seria “abalar o domínio do inglês” (2002, p.26).

Respalando-se em Deleuze e Guattari (1995-1997), Venuti afirma que o uso da língua é um lugar de relações de poder porque uma língua seria uma “força coletiva” na qual uma forma de maior prestígio controla as variáveis consideradas



menores (VENUTI, 2002, p.24). Seguindo o pensamento desses dois autores, o teórico refere-se à variante padrão (hegemônica) como “língua maior” (2002, p.26). Os elementos menores seriam aqueles utilizados por uma minoria<sup>9</sup> e estariam fora do que é tomado como padrão. O estudioso lembra que o inglês é uma das línguas para a qual menos se traduz, embora seja a língua mais traduzida no mundo (2002, p.26). E argumenta que a “ascendência econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias em relação à sua língua e cultura” (2002, p.26). Desse modo, o autor considera que, perante o idioma inglês, as línguas estrangeiras estariam na condição de minorias. E, dentro do próprio idioma, as formas não reconhecidas como pertencentes ao inglês padrão também seriam “menores”. A partir dessa visão, considerando a possibilidade de uso maior e uso menor da língua, entende-se que a própria tradução seria um uso “menor” da língua.

Segundo Venuti, essas variáveis linguísticas menores seriam o que Lecercle (1990) denomina “*remainder*”, termo traduzido como “resíduo” na versão brasileira de Pelegrin, Villela, Esqueda e Biondo (2002), seguindo Arrojo no ensaio “Sobre Interpretação e Asceticismo: Reflexões em torno e a partir da Transferência” (1993, p.95). Venuti afirma que o resíduo subverteria a forma linguística de maior prestígio porque a revelaria como uma forma social e historicamente marcada, trazendo à cena as contradições e as lutas que mascaram essa condição (1993, p.95). A tradução é vista como um agente que poderia introduzir uma subversão de poder linguístico, tornando menor, menos poderoso, o dialeto hegemônico. Por meio da utilização de uma estratégia de tradução que desprezaria as formas dominantes e prestigiadas da língua inglesa para poder “introduzir variações que alienam a língua doméstica” (VENUTI, 2002, p.28), Venuti pretende submeter a forma linguística inglesa de maior prestígio — o inglês padrão e fluente — a uma forma de menor prestígio. Ele afirma, inclusive, que prefere traduzir textos literários de menor prestígio na cultura-fonte ou textos que, na tradução, possam ser utilizados para promover variações no “dialeto-padrão e [nas] formas culturais dominantes no inglês americano” (2002, p.26). Para Venuti, isso tornará possível “[revelar] a tradução

---

<sup>9</sup> O termo “minority” tem, aqui, o sentido dado por Deleuze e Guattari (1980), cuja tradução em português foi publicada em 1995. Não se refere a uma minoria quantitativa. A minoria seria um “devir” em relação a uma maioria que “supõe um estado de poder e de dominação” (1995, p.52). No que se refere ao aspecto linguístico, a minoria é constituída por elementos que estariam fora do que é tomado como o padrão hegemônico. Essa questão será retomada no item 2.2 deste trabalho.

como sendo de fato uma tradução, distinta do texto que ela substitui” (2002, p.28). Venuti dá o nome de “*minoritizing translation*”, “tradução minorizante”, a essa estratégia de tradução (2002, p.28).

Chegamos, finalmente, ao terceiro momento: depois de duas décadas de estudos voltados à (in)visibilidade do tradutor e aos escândalos da tradução, em seu mais recente livro, *Translation Changes Everything* (2013), Venuti anuncia uma ruptura com suas reflexões anteriores e uma “mudança significativa” (2013, p.2) em seu pensamento. Essa ruptura anunciada por Venuti está diretamente ligada a um desejo de se afastar daquilo que identifica como um modelo “instrumentalista” no pensamento de Friedrich Schleiermacher e Antoine Berman, a quem é frequentemente associado devido à defesa que os três pensadores fazem de um modo de praticar a tradução que busca revelar o estrangeiro, o diferente, no texto traduzido. Na leitura de Venuti, as propostas de Berman e Schleiermacher “supõem uma essência inerente *no* ou *produzida pelo* texto estrangeiro e livremente acessível pelo tradutor, independente do tempo e lugar em que a tradução se dá” (2013, p.2, grifos meus). Ele destaca que essa inclinação instrumentalista de Berman e Schleiermacher não levaria em consideração a diferença transformadora que a tradução inscreve no texto de partida, uma vez que “qualquer senso de estrangeiridade comunicado em uma tradução nunca está disponível de alguma forma direta ou não mediada: é uma construção sempre mediada por inteligibilidades e interesses na situação de recepção” (2013, p.2).

Assim, Venuti anuncia um modelo hermenêutico que entende a tradução como “um ato interpretativo, a inscrição de uma possibilidade interpretativa entre outras” (2013, p.4). Venuti passa a considerar o texto de partida como um material que chega ao processo tradutório já interpretado, marcado por um discurso cultural e submetido a uma inscrição mais profunda e talvez divergente quando traduzido. Desse modo, Venuti descreve o processo de tradução como a aplicação de mediadores formais e temáticos que realizam essa inscrição, transformando o texto de partida no texto de chegada (2013, p.495-499). Esse novo modelo acaba por redefinir a ideia de *resíduo* em seu pensamento: agora, Venuti o descreve como a criação de um novo contexto — “a tradução recontextualiza o texto de partida na língua e cultura de chegada ao aplicar um conjunto de interpretantes formais e temáticos para inscrever uma interpretação” (2013, p.4). A partir desse novo modelo

de tradução, mais flexível, Venuti deixa de lado a denúncia da situação de invisibilidade do tradutor e os desdobramentos políticos-ideológicos dessa condição, pontos centrais em momentos anteriores de seu pensamento, e passa a se dedicar a uma reflexão ética que reconhece a inevitável *perda* de diferença da cultura de partida, assim como o exorbitante *ganho* de diferença, expostos com a tradução, um escambo que revela as possibilidades criativas da tradução.

Venuti é um pensador bastante ativo e atuante nos meios acadêmicos em que se discute a tradução, então é evidente que podemos esperar que suas reflexões sobre o tema estejam em constante movimento, questionamento e reformulação. Diante disso, interessa-me acompanhar os rastros dessa trajetória intelectual, desde as ideias expostas em *The Translator's Invisibility*, passando pela denúncia dos “escândalos” da tradução, até a “virada” que Venuti anuncia no prefácio de seu *Translation Changes Everything*. Venuti declara explicitamente (2013, p.2) que não pretende abandonar por completo o estudo dos “efeitos estrangeirizadores” e que a ideia de mobilizar tais efeitos para questionar os valores dominantes na situação de recepção é ainda uma de suas maiores preocupações. Dessa forma, cabe investigar a maneira como os diferentes momentos do pensamento de Venuti se comunicam e se relacionam, ainda que ele deixe de lado ou reformule os conceitos teóricos e críticos que o tornaram um nome de tamanho destaque junto aos pesquisadores e estudantes no âmbito dos Estudos da Tradução.

O presente trabalho pretende empreender uma leitura cuidadosa da obra de Venuti, analisando e comentando a maneira como os conceitos-chave de seu pensamento se desenvolvem e se transformam ao longo do tempo. Para tanto, esta dissertação divide-se em três capítulos, cada um correspondendo a um dos momentos do pensamento de Venuti, conforme proponho nesta minha leitura de sua obra. O primeiro capítulo exporá as ideias de Venuti sobre a invisibilidade do tradutor, suas vinculações teóricas, ideológicas e políticas e seus mecanismos e a maneira como Venuti sugere que ela seja combatida. Em seguida, no segundo capítulo, abordarei a “expansão” da ideia da invisibilidade em termos sociais, políticos e ideológicos, acompanhando os desdobramentos ético-culturais daquilo que Venuti denuncia como “escândalos da tradução”. Esses dois primeiros movimentos do presente trabalho também contarão com questionamentos de pontos considerados problemáticos em suas ideias, levantados por mim e por destacados

pensadores do cenário contemporâneo dos Estudos da Tradução. Finalmente, o terceiro capítulo, refletindo o que chamo de terceiro momento do pensamento de Venuti, trabalhará com a ruptura de Venuti com Schleiermacher e Berman, que, em minha leitura, é central para o desenvolvimento de toda a “nova” perspectiva de Venuti nos artigos publicados a partir do ano 2000. Ao longo desta leitura da trajetória intelectual de Venuti, tenho como objetivo expor as transformações de sua obra, ainda em construção, flagrando as continuidades e descontinuidades de seu pensamento e procurando cotejar o que Venuti anuncia fazer com o que, a partir de minha leitura, entendo que ele faz.

## 1. DA INVISIBILIDADE DO TRADUTOR

Os anos finais da década de 1980 e os iniciais da década de 1990 viram florescer novamente<sup>10</sup> questões sobre a identidade cultural e a diferença entre culturas<sup>11</sup>, o que acaba por fortalecer um esforço em situar a Tradução como uma disciplina independente, não mais uma subárea da Linguística ou da Literatura Comparada. É nesse cenário intelectual e acadêmico que Venuti começa a despontar como um dos pensadores mais relevantes da área, por traçar um paralelo das relações de poder entre culturas dominantes e subjugadas (ou numericamente ameaçadas) com suas respectivas formas linguísticas e culturais dominantes ou marginalizadas.

Em sua avaliação, Venuti lança mão de um repertório conceitual e teórico que tem raízes principalmente no pensamento de Friedrich Schleiermacher, mas que também trabalha com ideias de nomes como Walter Benjamin, Antoine Berman, Jacques Derrida, Friedrich Nietzsche, entre outros. Destaco principalmente a proposição de estratégias de tradução “linguisticamente marcadas”, que Venuti avalia como a resposta à necessidade da conscientização quanto às diferenças culturais entre culturas de partida e de chegada (VENUTI, 2004, p.75 e p.225). Entretanto, enquanto explicitamente associa suas ideias a pensadores que defendem traduções “fiéis” em detrimento de traduções “livres”, Venuti reorienta sua

---

<sup>10</sup> Digo “florescer **novamente**” pois, como argumenta Berman (2002), uma abordagem ético-cultural não é uma novidade na História da Tradução: a Alemanha romântica, herdeira de uma reflexão sobre tradução que remonta à tradução da Bíblia feita por Lutero no século XVI, é o berço de uma tradição na qual o ato de traduzir é considerado como uma parte integrante da existência cultural de uma nação.

<sup>11</sup> O termo *cultura* é recorrente no pensamento venutiano; no entanto, uma discussão mais detida sobre o sentido e o significado do emprego desse termo ainda não foi feita por Venuti. Laraia (2001) pontua que, no domínio da Antropologia, o termo *cultura* foi definido de diversas maneiras, uma vez que é um grande desafio descrever teoricamente toda a amplitude e a dinamicidade que o termo comporta. De forma bastante resumida, pode-se dizer que esse conceito rege os modos de organização de uma determinada comunidade em níveis diversos (valores, crenças, usos, costumes, hábitos, tradições, lendas, ritos, entre outros) e influencia as mudanças internas do comportamento social humano. Na utilização que Venuti faz do termo, muitas vezes tem-se a impressão de que *cultura* surge como sinônimo de “nação”, “população”, “grupo de habitantes de um espaço política e geograficamente limitado que faz uso do mesmo idioma”, sem que se problematizem as diferenças hierárquicas, econômicas, educacionais, religiosas, linguísticas, cronológicas etc. de um “mesmo” povo, de uma “mesma cultura” — como se “a cultura anglo-americana” fosse homogênea. Essas impressões de leitura não serão tematizadas neste trabalho; no entanto, fica registrada a percepção dessa tendência homogeneizadora de Venuti em suas reflexões, na esperança de que esse meu apontamento ecoe nas problematizações que aqui se colocam.

abordagem — de uma preocupação com a manutenção das estruturas da língua de partida para o foco na exclusão ou inclusão de formas periféricas ou minoritárias dentro da língua de chegada durante o processo tradutório. É nesse contexto que Venuti desenvolve, então, a distinção entre o que ele denomina traduções “domesticadoras” (*domesticating*) e “estrangeirizadoras” (*foreignizing*) para descrever os dois extremos da postura de um tradutor perante a língua e a cultura de chegada.

### 1.1 A invisibilidade do tradutor

Essas ideias sobre domesticação e estrangeirização são exploradas por Venuti em artigo publicado em 1986, “The Translator’s Invisibility”, que alguns anos depois seriam expandidas e aprofundadas com a publicação de *The Translator’s Invisibility: a History of Translation* (publicado originalmente em 1995 e reeditado em 2008). Não é exagero dizer que esta é, até o momento, a obra de maior destaque do pensador norte-americano: em levantamento realizado entre 2011 e 2012 (FRANÇA, 2012), observei que, das 158 menções ao pensamento de Venuti em artigos, ensaios e resenhas publicadas em revistas especializadas da área dos Estudos da Tradução no país entre os anos de 1994 e 2011, cerca de 80% tinham *Invisibility* listado entre as referências<sup>12</sup>. É nessa obra que aparecem as reflexões mais famosas de Venuti: a questão da invisibilidade do tradutor e as grandes polaridades que marcam esse momento de seu pensamento (estrangeirização *versus* domesticação; fluência *versus* resistência). É nessa obra, também, que Venuti se mune de certo espírito “combativo”, denunciando as condições de trabalho dos tradutores anglo-americanos e as descontinuidades das traduções publicadas nos territórios norte-americano e inglês desde a Segunda Guerra Mundial até meados do século XXI, bem como o fechamento dessas culturas ao material cultural e linguístico estrangeiro. Venuti demonstra clara preocupação quanto aos desdobramentos políticos e ideológicos da adoção de um método de tradução que mascara a condição de estrangeiridade de um texto traduzido e se debruça sobre

---

<sup>12</sup> A recepção do pensamento de Venuti no Brasil é um tema explorado no segundo capítulo do trabalho.

diversos estudos de caso para demonstrar, de um lado, o mecanismo que impõe a adoção de um discurso *fluente* nas traduções produzidas nos Estados Unidos e na Inglaterra e, de outro, a extensão das consequências dessa imposição.

Venuti inicia seu livro com a denúncia da situação de invisibilidade do tradutor no contexto anglo-americano: de acordo com Venuti, as traduções são lidas como textos originais, e o nome do tradutor frequentemente é deixado de lado. A postura dos críticos literários é exemplar nesse sentido:

[...] vários jornais, tais como o *The Los Angeles Times*, nem ao menos listam os tradutores em notas de rodapé das resenhas, os resenhistas em geral não mencionam que o livro é uma tradução (enquanto citam passagens do texto como se ele tivesse sido escrito em inglês), e editores, de forma geral, excluem quase uniformemente o nome do tradutor das capas dos livros e propagandas (CHRIST, 1984 apud VENUTI, 2008, p.7).

Venuti fornece diversas evidências para demonstrar a condição de invisibilidade da tradução. A primeira que destaco diz respeito ao número de traduções produzidas nos Estados Unidos e na Inglaterra em comparação com outros países da Europa e Américas: “a produção de livros nos Estados Unidos e Inglaterra aumentou em dez vezes desde os anos 1950, mas o número de tradução permaneceu na casa dos 2 a 4% da produção total anual” (2008, p.11). O teórico faz questão de frisar que “as práticas editoriais em outros países geralmente caminharam na direção oposta[;] [...] as traduções sempre foram responsáveis por uma porcentagem significativa da produção total de livros, e essa porcentagem é consistentemente dominada por traduções da língua inglesa” (2008, p.11). Na Itália, por exemplo, as editoras publicaram 33.893 livros em 1989, dos quais 8.602 eram traduções — o que corresponde a 25,4% do total. Em 2002, o quadro era semelhante: 54.624 livros foram publicados, sendo que 12.531 eram traduções (22,9% do total) (2008, p.11<sup>13</sup>). A título de comparação, destaco que, no Brasil, em 2009, foram publicados 52.509 livros (entre novos títulos e reedições), dos quais

---

<sup>13</sup> Chamo atenção para a atualização dos dados mostrados por Venuti nesse momento: com a publicação da segunda edição de *The Translator's Invisibility* em 2008, novas estatísticas foram incluídas nesse ponto de sua argumentação. Ao longo deste trabalho, destacarei as diferenças significativas entre a primeira e a segunda edição do livro quando essas alterações forem pertinentes.

apenas 5.807 (11% do total) eram traduções, a maior parte do inglês (3.699 títulos) (REIMÃO, 2011, p.194-210).

Desnecessário dizer que a maior parte desses livros traduzidos foi originalmente publicada nos Estados Unidos e na Inglaterra. Isso porque, segundo Venuti, desde a Segunda Guerra Mundial o inglês é a língua mais traduzida ao redor do mundo: de acordo com dados da UNESCO, em 2000, 43.011 livros foram traduzidos da língua inglesa, número cerca de seis vezes maior do que o de traduções da “segunda colocada”, a língua francesa, com 6.670 traduções (2008, p.11).

Diante desse quadro em que a tradução fica relegada a segundo plano na cultura anglo-americana, não é de se admirar que os tradutores, em geral, sejam tão mal remunerados. O levantamento feito por Venuti em 1995 indica que, desde os anos 1960, o tradutor que desejasse ganhar dinheiro dedicando-se apenas à tradução ficaria abaixo do nível da pobreza estabelecido pelo governo norte-americano (2008, p.10). A consequência imediata dessa situação: os tradutores são obrigados a traduzir esporadicamente enquanto se dedicam primordialmente a outros trabalhos, atuando como revisores, professores e editores, ou acabam aceitando vários projetos de tradução de uma só vez.

Ainda de acordo com Venuti, a invisibilidade do tradutor é reforçada também pelas leis de direitos autorais que prevalecem nos Estados Unidos e na Inglaterra:

As leis inglesas e norte-americanas definem a tradução como uma “adaptação” ou “obra derivada” de uma “obra original”, cujos direitos autorais, incluindo o direito exclusivo de “preparar obras derivadas” ou “adaptações”, são investidos no autor. O tradutor é dessa forma subordinado ao autor, que decisivamente controla a publicação da tradução durante o período de validade dos direitos autorais sobre o texto “original”, atualmente, o tempo de vida do autor mais 70 anos (2008, p.8).

Entretanto, a noção de originalidade descrita nas leis de direitos autorais nesses países é ambígua: uma vez que a noção de “autor” se constrói a partir da criação de uma forma ou meio de expressão, não de uma ideia — ou seja, enquanto originalidade da linguagem, não do pensamento — as leis inglesas e norte-



americanas permitem que os direitos sobre as traduções sejam dados ao tradutor, reconhecendo que o tradutor usa outra língua para recriar o texto estrangeiro e, nesse sentido, pode-se entender a tradução como uma obra original.

Além disso, os contratos firmados entre os tradutores *freelancer* e as editoras reforçam a ambiguidade da posição do tradutor diante dos direitos sobre sua tradução: ao mesmo tempo em que a editora declara que “será considerada a única e exclusiva proprietária, em todo o mundo e para sempre, de todos os direitos aqui existentes, livre dos reclames seus ou de qualquer pessoa por meio de você ou por seu intermédio”<sup>14</sup> (2008, p.9), uma cláusula do mesmo contrato-padrão da Columbia University Press exige do tradutor a garantia de que “seu trabalho será original”<sup>15</sup>.

Venuti identifica a exigência de fluência na tradução como grande responsável pela desvalorização da tradução e do trabalho do tradutor. O termo “fluência” designa uma escrita livre de peculiaridades linguísticas ou estilísticas desviantes do uso idiomático padrão e corrente, que dão a impressão de que o texto traduzido foi originalmente produzido na cultura de chegada — ou seja, a ilusão de que a tradução não é de fato uma tradução, mas, sim, o texto original. Para o autor, essa ilusão está intimamente relacionada “ao esforço do tradutor em assegurar a leitura fácil do texto traduzido, aderindo ao uso corrente da linguagem, mantendo sintaxe contínua, fixando um significado preciso” (VENUTI, 2008, p.1). A exigência de uma tradução fluente condiciona a recepção, a crítica e as condições de trabalho dos tradutores, resultando em prejuízos que se expandem para além do âmbito da tradução, podendo desdobrar-se em “discriminação étnica, confrontos geopolíticos, colonialismo, terrorismo, guerra” (2008, p.14).

Na contramão da exigência de textos fluentes, Venuti defende a adoção de uma prática de tradução *resistente*. Essa resistência se refere à rejeição do uso de uma linguagem fluente — ou seja, contemporânea em vez de arcaica, largamente utilizada em vez de especializada e que seja considerada padrão em vez de

---

<sup>14</sup> Reproduzo a cláusula integralmente: “You and we agree that the work you will prepare has been specially ordered and commissioned by us, and is a work made for hire as such term is used and defined by the Copyright Act. Accordingly, we shall be considered the sole and exclusive owner throughout the world forever of all rights existing therein, free of claims by you or anyone claiming through you or on your behalf.”

<sup>15</sup> Reproduzo a cláusula integralmente: “You warrant that your work will be original and that it will not infringe upon the copyright or violate any right of any person or party whatsoever.”

coloquial (2008, p.4) — e à subversão da exigência de uma sintaxe que garanta a leitura contínua e fácil para garantir a “precisão semântica” do texto traduzido (2008, p.4-5). Com a adoção dessa prática resistente, o tradutor teria o poder de tornar visíveis seu trabalho e ele mesmo. Diante disso, Venuti declara que sua motivação ao escrever *The Translator's Invisibility* é “tornar o tradutor mais visível para resistir e mudar as condições sob as quais a tradução é teorizada, estudada e praticada hoje, sobretudo nos países de língua inglesa” (2008, p.13). Para Venuti, dar preferência a uma prática de tradução que revela a estranheza do texto traduzido vai ao encontro desse objetivo, pois é apenas quando a tradução se apresenta como tal que é possível “refletir sobre suas condições, os dialetos domésticos e discursos em que ela é escrita e a situação doméstica em que é lida” (2008, p.312). Assim, desenha-se a primeira polaridade da obra de Venuti: de um lado, a tradução fluente, alinhada ideologicamente a posturas etnocêntricas, xenofóbicas e que mascaram a diferença, tornando o tradutor invisível; do outro lado, a tradução resistente, capaz de revelar simultaneamente o tradutor e a diferença veiculada pelo texto estrangeiro, como veremos a seguir.

## 1.2 A tradução como instrumento de transformação

Venuti identifica na prática de tradução a oportunidade de promover transformações que se expandem para além do âmbito da tradução, recepção e crítica de obras estrangeiras, ainda que insista que seu interesse principal é modificar a maneira como a tradução é pensada e praticada nos Estados Unidos e na Inglaterra. Diante desse desafio de transformar a maneira como a tradução é praticada no contexto anglo-americano, Venuti descreve o público para o qual *The Translator's Invisibility* se destina:

Eu imagino uma audiência diversa para o livro, incluindo teóricos da tradução e da literatura, críticos literários, especialistas em literaturas de vários períodos e nacionalidades (de língua inglesa e estrangeira), resenhistas de traduções em periódicos, editores, fundações privadas e agências fomentadoras do governo. Acima de tudo, eu quero falar com tradutores e leitores de tradução, tanto profissionais quanto não

profissionais, chamando sua atenção para o modo como a tradução é escrita e lida e impulsionando-os a pensar em novos modos de fazê-la (2008, p.viii).

Venuti não deixa de reconhecer a importância das instituições universitárias na escrita e recepção de *The Translator's Invisibility*:

Como estava lotado em um Departamento de Inglês de uma universidade nos Estados Unidos, abordei a tradução a partir das questões que então — e ainda hoje — direcionavam a pesquisa e os debates no âmbito dos estudos literários e culturais, notadamente a ideia da autoria original, as relações entre língua, subjetividade e ideologia, conceitos de sexo, raça, classe, e nação enquanto influenciadores de formas e práticas culturais, ética e política em representações culturais, relações entre globalização e cultura (2008, p. ix)<sup>16</sup>.

Venuti reconhece o impacto que seu texto teve sobre o cenário acadêmico internacional. No prefácio à segunda edição de *The Translator's Invisibility*, Venuti destaca que, devido à abrangência dos assuntos abordados, suas reflexões

[...] [atravessaram] fronteiras institucionais, alcançando leitores em um campo mais amplo de áreas e disciplinas que incluem, e vão além, das linguagens e literaturas, estimulando debate e chamando atenção para o papel crucial desempenhado pela tradução em trocas entre culturas (2008, p.ix).

Ainda segundo Venuti, suas ideias estimularam “discussões sobre tradução fora da Academia, na mídia popular, em agências do governo e em vários tipos de instituições culturais, entre escritores e tradutores” (2008, p.ix). Mas, apesar do impacto externo ao âmbito dos Estudos da Tradução e da área de Letras de forma geral, Venuti não deixa de notar que parte da motivação para escrever seu livro veio “do fracasso dos pesquisadores dos Estudos da Tradução em considerar as questões que quis levantar; dada a recepção mista dentro da área, esse quesito não mudou tanto quanto [Venuti] havia esperado” (2008, p.ix).

---

<sup>16</sup> Este trecho foi incluído na segunda edição do livro.

A primeira dessas questões discutidas por Venuti diz respeito à cultura escrita anglo-americana de forma geral. A exigência de textos fluentes não se limita unicamente às traduções: “a predominância da fluência na tradução de língua inglesa reflete tendências comparáveis em outras formas culturais, inclusive em outras formas de escrita” (2008, p.5). Segundo Venuti, o enorme poder econômico e político adquirido por meio da pesquisa científica durante o século XX e as inovações na área de comunicação, desenvolvidas durante a Segunda Guerra Mundial, que buscavam expandir as indústrias de propagandas e entretenimento anglo-americanas, afetaram todos os meios de comunicação, eletrônicos ou impressos, “valorizando um uso estritamente instrumental da linguagem e de outros meios de representação, enfatizando, assim, a inteligibilidade imediata” (2008, p.5). Dessa forma, predomina na língua inglesa a autoridade do *plain style*, um “estilo claro”, resultado de

[...] um movimento histórico em prol de ortografia e gramática uniformes, com uma ideologia que enfatiza transições suaves e não idiossincráticas, eliminação de estranhezas, etc. — tudo o que poderia chamar a atenção da linguagem sobre si mesma (2008, p.5).

Diante dessa exigência de textos fluentes, não é surpresa que os estilos literários predominantes nas culturas inglesa e norte-americana fossem o realismo e o verso livre:

[...] um estilo de prosa neutro e transparente se desenvolveu em alguns romances nos quais as palavras parecem estar lá para que o leitor veja através delas — enxergando o mundo retratado além da página. Da mesma forma, na poesia de meio-de-caminho contemporânea, vemos a eliminação da rima e aliteraões evidentes, com formas métricas preservadas acima de tudo por sua capacidade de oficializá-la como “poesia” (BERNSTEIN, 1986 apud VENUTI, L., 2008, p.5).

Com a exigência de textos claros, sem estranhezas, parece inevitável que a escrita fluente se torne o padrão também para as traduções, não importando, segundo Venuti, “se o texto é literário ou técnico-científico, humanístico ou

pragmático, um romance ou o cardápio de um restaurante” (2008, p.5). Dessa forma, toda a escrita em língua inglesa aparenta estar condenada a um tipo específico de estilo, a não ser, como sugere Venuti, que os tradutores reajam contra essa exigência de traduções fluentes, disseminando um tipo de texto que chama atenção para si mesmo (o texto *resistente*) a partir da literatura traduzida para os demais gêneros textuais.

O projeto de transformar a cultura escrita anglo-americana esbarra em uma grande dificuldade: sem que mais traduções sejam publicadas em língua inglesa, a mudança na forma como os textos são traduzidos será praticamente inexpressiva. O número de livros traduzidos publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra não passa de 4% da produção editorial anual (2008, p.11). Enquanto isso, o número de traduções publicadas em países da América Latina e Europa chega a um 25% do número total de livros publicados anualmente — e, como foi demonstrado anteriormente, a maior parte desses livros foi traduzida a partir da língua inglesa. As listas de livros mais vendidos do USA Today, o jornal com maior tiragem dos Estados Unidos, e da Veja, a revista com maior tiragem no Brasil, reforçam os dados expostos por Venuti. Na lista do USA Today<sup>17</sup>, apenas um dos 100 livros mais vendidos é uma tradução. Trata-se de *The Alchemist*, tradução do original *O Alquimista*, do brasileiro Paulo Coelho, que ocupa a 84ª posição. No Brasil, por sua vez, a lista de livros mais vendidos é dominada por autores estrangeiros na categoria ficção. Entre os 20 livros listados pela revista Veja<sup>18</sup>, apenas dois foram originalmente publicados em português: *Felicidade Roubada*, de Augusto Cury (7ª posição) e *Princesa Adormecida*, de Paula Pimenta (18ª posição). Dos 18 livros restantes, um foi traduzido a partir do francês (a saber, *O pequeno Príncipe*, tradução de *Le Petit Prince*, o clássico livro de Antoine de Saint-Exupéry), e os 17 restantes foram traduzidos a partir da língua inglesa<sup>19</sup>. Venuti destaca que “esses padrões de tradução apontam para um desequilíbrio com ramificações culturais notáveis” (2008, p.11). Tendo em vista que, desde a Segunda Guerra Mundial, o inglês é a língua mais traduzida do mundo, essas ramificações reafirmam e

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.usatoday.com/life/books/best-selling/>>. Acesso em: 18 jul. 2014.

<sup>18</sup> Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/livros\\_mais\\_vendidos/](http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/)>. Acesso em: 18 jul. 2014.

<sup>19</sup> Ressalto que a Veja não indicou o nome de nenhum dos tradutores em sua lista, e que o nome de alguns dos tradutores dos livros que entraram na lista de *best sellers* não são mencionados nem mesmo nos sites das editoras que os publicam.

fortalecem, de acordo com Venuti, a hegemonia política, econômica e cultural dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Os dados apresentados por Venuti, porém, não são inequívocos e podem ser lidos de diferentes pontos de vista. Retomo a citação apresentada anteriormente: “A produção de livros nos Estados Unidos e Inglaterra aumentou em dez vezes desde os anos 1950, mas o número de tradução permaneceu na casa dos 2 a 4% da produção total anual” (2008, p.11). Fica claro que Venuti deseja que esse número de traduções seja maior, e, de fato, 2 a 4% são proporções bastante pequenas do total publicado anualmente. O argumento soa bastante convincente; no entanto, uma análise mais cuidadosa dos gráficos que Venuti elabora na primeira edição do seu livro (a segunda edição, de 2008, não apresenta nenhum gráfico) pode indicar uma situação menos calamitosa do que aquela que Venuti anuncia:

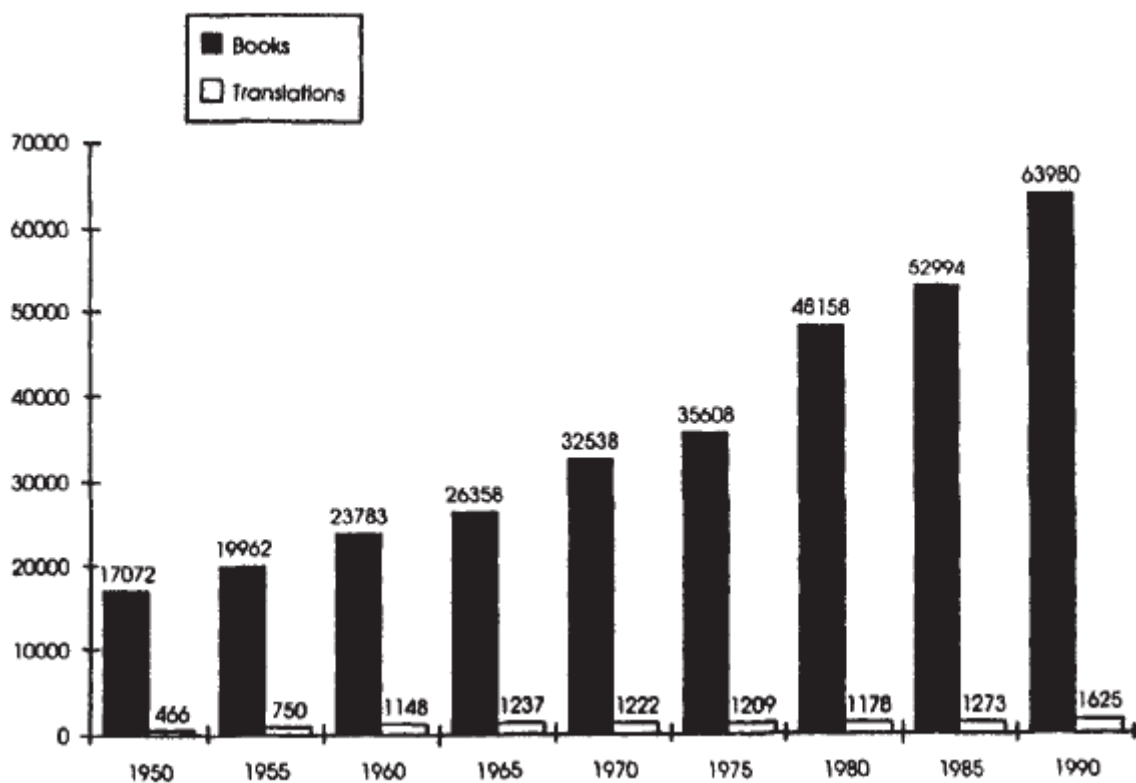


Figura 1: Produção editorial britânica entre os anos 1950 e 1990

(VENUTI, 1995, p.13)

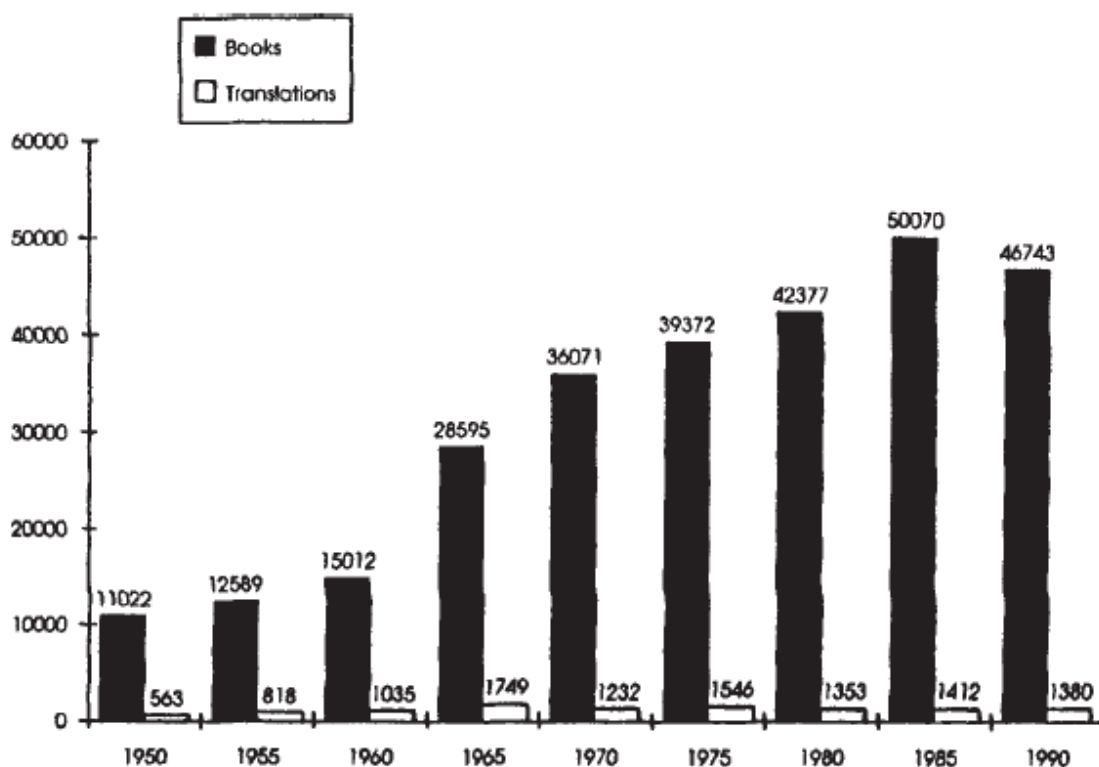


Figura 2: Produção editorial norte-americana entre os anos 1950 e 1990

(VENUTI, 1995, p.13)

Os dados apresentados nos dois gráficos revelam que o número de traduções entre o total de publicações nos Estados Unidos e na Inglaterra durante as décadas contempladas aumentou quase três vezes. Ou seja, o número de livros publicados cresceu, assim como o número de traduções publicadas nesses países. Venuti justifica sua queixa comparando o número de traduções para a língua inglesa (2 a 4% do total) em relação às traduções para a língua francesa (9,9%) e italiana (25,4%). O que esses números dizem de fato? Estaria o mundo anglófono realmente tão desprovido de traduções? Considere-se o fato de que nos anos centrais para essa análise de Venuti (1950-1995), o *Index Translationum*, uma lista compilada pela UNESCO criada em 1932 que elenca traduções publicadas em todo o mundo, indica um número 2,5 vezes superior de traduções na Inglaterra e nos Estados Unidos (total de 1.640.930) em relação à França (624.830) ou Itália (577.950), como destaca Pym (2010). Ou seja, há mais traduções para o inglês do que para o francês ou o italiano. Este é um dado que Venuti não torna visível, e certamente é tão relevante quanto o percentual do total de livros publicados. Apesar de a proporção entre traduções e originais ser menor do que a verificada na Itália ou na França, os

leitores norte-americanos e ingleses certamente contam com um número bastante expressivo de livros traduzidos a sua disposição.

Venuti parece desejar um equilíbrio ideal entre originais e traduções circulando entre o público anglófono. Como definir uma proporção “justa” entre traduções e originais? Impossível fazê-lo, levando-se em conta principalmente o fato de que os diversos idiomas em todo o mundo são bastante desiguais no que diz respeito à sua produção textual, com mercados editoriais muito mais aquecidos em alguns países do que em outros. Assim, não se pode esperar que as proporções entre traduções e originais fossem comparáveis. A questão, no entanto, não é essa: o que preocupa Venuti é o fato de que a língua inglesa ocupa um espaço muito maior no mercado editorial do que outros idiomas. Assim, deixar justamente esse dado de lado em seus cálculos é, no mínimo, algo a se pensar. Ressalto novamente que esses gráficos foram excluídos da segunda edição de *The Translator's Invisibility*, o que nos faz pensar que o autor pode ter sentido a necessidade de rever essa proposição. Talvez o próprio Venuti tenha percebido que sua preocupação com a proporção entre traduções e originais publicados no mundo editorial anglófono é um tanto descabida considerando-se o total publicado na Inglaterra e nos Estados Unidos em relação aos dados dos mercados editoriais italiano e francês. É verdade que não se pode descartar a hipótese de que o autor tenha aberto mão desses gráficos por eles se revelarem demasiadamente desatualizados no contexto de uma reedição em 2008. Mas, se esse movimento de seu pensamento fosse realmente imprescindível, o autor também poderia ter recorrido a dados mais atualizados.

O número (supostamente) reduzido de traduções publicadas em língua inglesa está diretamente relacionado a outro problema profundamente enraizado na cultura anglo-americana: enquanto externamente essa cultura “impõe os valores culturais de língua inglesa sobre um vasto público leitor” (2008, p.12), internamente o fechamento para os valores culturais e as línguas estrangeiras

[...] produz culturas na Inglaterra e Estados Unidos que são agressivamente monolíngues, fechadas para a literatura estrangeira, acostumadas com traduções fluentes que invisivelmente inscrevem textos estrangeiros nos valores ingleses e americanos e proporcionam aos leitores a experiência narcisista de reconhecer sua própria cultura em um outro cultural (2008, p.12).



Venuti diz ainda que não apenas essa limitação do número de textos estrangeiros na cultura anglo-americana, mas também sua submissão à revisão domesticadora das editoras, condiciona o tradutor ainda mais à sua condição de invisibilidade como também faz diminuir “o capital cultural dos valores estrangeiros em língua inglesa” (2008, p.12). Assim, a invisibilidade do tradutor é sintoma da “complacência das relações entre Inglaterra e Estados Unidos e os outros culturais, uma complacência que pode ser descrita — sem muito exagero — como externamente imperialista e internamente xenofóbica” (2008, p.12).

Venuti observa que as culturas inglesa e norte-americana não apenas não se abrem para o estrangeiro, como também rejeitam seus valores por meio de um método de tradução que os assimila aos valores da cultura anglo-americana. Isso porque, segundo Venuti, todo processo de tradução é inevitavelmente violento: ele aponta que essa violência reside no propósito e na atividade da tradução — definida, nesse momento de sua trajetória intelectual, como “a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que preexistem na língua e na cultura de tradução” (2008, p.14). Esses valores, continua Venuti, “estão sempre configurados em hierarquias de dominância e marginalidade, sempre determinando a produção, circulação e recepção de textos” (2008, p.14). Assim, Venuti considera que toda tradução é um ato político-cultural (2008, p.15), pois a violência que reside em qualquer ato de tradução revela que o objetivo da tradução — mostrar o estrangeiro como o reconhecível, o familiar, por vezes até *o mesmo* — sempre arrisca uma domesticação por completo desse outro cultural, o que muitas vezes vai ao encontro de um projeto bastante consciente, que visa a “apropriar-se das culturas estrangeiras para cumprir agendas culturais, econômicas, políticas” (2008, p.14) na cultura que recebe o texto traduzido.

Assim, os efeitos violentos da tradução sobre a cultura que a recebe são sentidos interna e externamente: Venuti enfatiza que “a tradução detém enorme poder na construção de identidades de culturas estrangeiras, podendo resultar em discriminação étnica, confrontos geopolíticos, colonialismo, terrorismo, guerra” (2008, p.14). Além disso, a tradução desempenha papel fundamental

[...] na manutenção ou revisão de cânones literários [...], de paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa e procedimentos clínicos que dialogam com disciplinas e profissões na cultura que recebe a tradução, seja na área de física ou arquitetura, filosofia ou psiquiatria, sociologia ou direito (2008, p.14-15).

“São todas essas afiliações sociais e efeitos”, prossegue Venuti, “que permitem que a tradução seja entendida como uma prática político-cultural, construindo ou criticando identidades ideologicamente marcadas para culturas estrangeiras” (2008, p.15). Ao construir a imagem do estrangeiro à semelhança da cultura que o recebe, por meio da adoção de um discurso fluente, a tradução não cumpre com sua premissa básica, ser o *local da diferença* (2008, p.34). Assim, Venuti sai em defesa não apenas da valorização do tradutor, mas, sobretudo, desse espaço de convivência entre os valores culturais e as vozes estrangeiras e anglo-americanas.

Dessa forma, o objetivo de defender um método de tradução resistente à assimilação do texto estrangeiro ao discurso nacional e adotar uma postura de valorização do estrangeiro é “desenvolver uma teoria e uma prática de tradução que resiste aos valores dominantes na cultura que recebe a tradução, como forma de dar significado às diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro” (2008, p.18). Mas isso não significa que a adoção do discurso resistente vai “oferecer acesso imediato ao estrangeiro” — Venuti insiste que nenhuma tradução pode fazê-lo, mas, sim,

[...] construir uma certa imagem do estrangeiro que parte da cultura que recebe a tradução, mas que visa questioná-la baseando-se em materiais que não são atualmente dominantes — a saber, o marginal e o fora de padrão, o residual e o emergente. (2008, p.19-20)

Esse movimento de construção não é unilateral: a tradução aqui é vista como um processo simultâneo de criação de identidades — a do estrangeiro e o do nacional — e, ao praticá-la, a cultura que recebe a tradução tem a oportunidade de

questionar seus próprios valores: “nenhuma cultura deveria ser considerada imune à autocrítica, seja ela hegemônica ou subordinada, colonizadora ou colonizada” (2008, p.20).

Assim, o trabalho de Venuti vai além da crítica do modo como a tradução é historicamente praticada no contexto anglo-americano, na medida em que ele também chama a atenção para o modo como o estrangeiro é percebido e como sua identidade é construída pela estrutura hegemônica e etnocêntrica dos Estados Unidos e da Inglaterra, segundo os valores culturais, políticos, econômicos e ideológicos desses países. Dessa forma, Venuti vê na estratégia estrangeirizadora não apenas o resgate do valor e da visibilidade dos tradutores, mas também a possibilidade de abrir a cultura anglo-americana ao estrangeiro, numa relação de troca e questionamento, não mais de assimilação e apagamento.

### 1.3 Um chamado à ação

*The Translator's Invisibility* é um livro composto por diversos “estudos de caso”, cada um enfocando um aspecto distinto daquilo que Venuti identifica como partes estruturantes desse contexto xenofóbico, hegemônico e etnocêntrico anglo-americano que descreve. Seu texto apresenta exemplos de traduções que se submetem às exigências do cânone, da língua e da cultura majoritária e de um ideal político-ideológico específico e também exemplos de tradutores que desafiaram essas injunções. Assim, em uma obra marcada por tensões binárias e polaridades, não é de estranhar que sua reflexão se encerre com um capítulo batizado de “Call to action”, *Chamado à ação*.

O capítulo se abre com uma citação de Maurice Blanchot (traduzido para o inglês por Richard Sieburth), na qual o pensador francês destaca o poder que repousa nas mãos dos tradutores:

O tradutor é o mestre secreto da diferença das línguas, não para aboli-la, mas, sim, para utilizá-la, a fim de despertar em sua língua, por meio das

mudanças sutis ou violentas que provoca, uma presença daquilo que há de diferente, originalmente, no “original”<sup>20</sup> (BLANCHOT, 1990 apud VENUTI, 2008, p.265).

No curto, porém provocativo, ensaio “Traduire”, publicado em 1960 e traduzido para o inglês em 1990, Blanchot inverte a hierarquia tradicional em que o original é “superior” à tradução. Blanchot considera o texto estrangeiro não como um monumento cultural imutável do qual a tradução será para sempre uma cópia efêmera, mas, sim, como um texto em trânsito, “jamais estacionário”, submetido à “solene derivação de obras literárias” e estabelecendo uma autodiferenciação que a tradução pode capturar ou liberar (VENUTI, 2008, p.265). Assim, o texto estrangeiro tem caráter derivativo e é dependente de outros materiais preexistentes e também da tradução. Por esse motivo, uma obra que vale ser traduzida abriga em si essa diferença, essa “possibilidade de ser diferente de si mesma ou estrangeira a si mesma que toda língua viva possui” (BLANCHOT, 1990 apud VENUTI, 2008, p.265). Venuti aponta, então, que cabe ao tradutor, portanto, estabelecer a monumentalidade do texto estrangeiro, seu merecimento de uma tradução, ao mesmo tempo em que prova que ele não é um monumento, que o texto estrangeiro necessita justamente de uma tradução para revelar a diferença que o torna merecedor de uma tradução.

Já nesse movimento de seu pensamento, Venuti destaca a relevância da interpretação para a prática e a crítica de tradução — questão que ganhará lugar de destaque mais adiante (vide item 3.1):

A diferença que torna um texto de partida valioso para Blanchot nunca está “disponível” de alguma forma não mediada. Ela é sempre uma interpretação feita pelo tradutor, não necessariamente aberta a todo leitor, ganhando visibilidade e privilegiada apenas a partir de uma perspectiva particular na cultura de chegada, seja teórica ou crítica, axiológica ou ideológica (VENUTI, 2008, p.266)<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> A citação original de Blanchot é “[Le traducteur] est le maître secret de la différence des langues, non pas pour l’abolir, mais pour l’utiliser, afin d’éveiller, dans la sienne, par les changements subtils ou violents qu’il lui apporte, une présence de ce qu’il y a de différent, originellement, dans l’original’.”

<sup>21</sup> Venuti reformulou esse parágrafo na segunda edição de *The Translator’s Invisibility*. Na primeira edição lê-se “The difference that makes a source-language text valuable to Blanchot is never ‘available’ in some unmediated form. It is always an interpretation made by the translator, not

Assim, cada etapa no processo de tradução (desde a seleção do texto estrangeiro até a adoção de uma estratégia de tradução para a edição e leitura de um texto) é mediada pelos diversos valores, crenças e representações que circulam na língua de chegada, sempre em alguma ordem hierárquica. Ao tradutor é dada a opção de resistir ou submeter-se às formas, regras e práticas que adquiriram o maior prestígio e poder na língua de tradução. A submissão, para Venuti, significa “uma ética domesticadora no processo tradutório, localizando o mesmo em um outro cultural, buscando um narcisismo cultural que é imperialista em casa e conservador, até mesmo reacionário, na manutenção de hierarquias culturais na situação de recepção” (2008, p.266). A resistência, por sua vez, significa “uma ética de estrangeirização, localizando o estrangeiro em um outro cultural, buscando a diversidade cultural, sinalizando diferenças linguísticas e culturais e abalando as hierarquias na língua de tradução” (2008, p.266). A resistência, por sua vez, significaria a resistência aos valores que excluem ou marginalizam os textos estrangeiros, realizando um ato de restauro cultural que busca questionar (e possivelmente reformar ou até mesmo destruir) a ideia de cânone na cultura de chegada (2008, p.266).

Venuti insiste no poder do tradutor para o redirecionamento das traduções na estrutura cultural anglo-americana, desafiando as tendências domesticadoras por meio de uma prática que não é apenas mais consciente de seu poder, mas também autocrítica. Por este motivo, Venuti conclama os tradutores norte-americanos e ingleses a alinharem-se a uma postura ética na tradução e lista as atitudes que devem ser tomadas nesse sentido:

O conhecimento da cultura de partida, ainda que em nível de expertise, é insuficiente para produzir uma tradução que é ao mesmo tempo legível e resistente a uma redução domesticadora. Os tradutores devem possuir também um conhecimento amplo da língua e cultura de tradução, tanto passada quanto presente. E eles devem ser capazes de implantar esse conhecimento na escrita. A seleção de um texto estrangeiro para tradução e a intervenção de uma estratégia discursiva para traduzi-lo deve se basear em uma avaliação crítica da cultura de recepção, suas hierarquias e

---

necessarily open to every reader, gaining visibility and privileged only from a particular ideological standpoint in the target-language culture.” (p.308)

exclusões, suas relações com as culturas estrangeiras em todo o mundo. Antes de escolher um texto estrangeiro ou aceitar uma tradução, os tradutores devem escrutinar a atual situação do gênero textual e do tipo de texto, área ou disciplina em que estão operando. Os tradutores literários devem estar familiarizados com os cânones de literaturas estrangeiras em inglês, bem como com os cânones das literaturas britânica e norte-americana, em comparação aos padrões de trocas interculturais e relações geopolíticas. Os tradutores que trabalham em outras áreas das ciências humanas devem estar familiarizados com o corpus de textos estrangeiros que adquiriram autoridade nas instituições acadêmicas dos Estados Unidos e Inglaterra, assim como a tradição erudita anglófona que é reconhecida como referência em um contexto global (2008, p.267).

Venuti orienta os tradutores também quanto ao estilo de escrita que podem adotar nesse projeto de estrangeirização e combate à invisibilidade:

Os tradutores contemporâneos podem experimentar formas linguísticas fora do padrão, assim como formas de intertextualidade como alusão e citação onde são apropriadas para a interpretação do texto estrangeiro. A fluência não precisa ser abandonada, mas, ao contrário, deve ser reinventada para criar novos tipos de legibilidade que oferecem prazeres mais sofisticados ao chamar atenção para o status secundário da tradução e ao sinalizar as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro. Tradutores comprometidos a transformar sua marginalidade cultural podem fazer isso dentro dos códigos que são específicos à cultura de recepção. Isso significa, por um lado, limitar suas experiências discursivas a desvios perceptíveis que se aproximam da, sem atingir, zona da paródia ou do incompreensível; por outro lado, expandir seu repertório como escritores para englobar uma grande variedade de registros e dialetos, estilos e discursos, elaborados a partir da história da literatura e das tendências literárias em língua inglesa (2008, p.273).

Porém, Venuti ressalta que os tradutores devem ser apoiados também por uma transformação na forma como a tradução é lida, criticada e ensinada nos Estados Unidos e na Inglaterra. Uma vez que a tradução é uma escrita de mão dupla — uma reescritura de um texto estrangeiro de acordo com valores da cultura de chegada —, toda tradução deve ser entendida também em dois sentidos: como comunicação e como inscrição interpretativa (VENUTI, 2013)<sup>22</sup>. Ler uma tradução enquanto tradução significa refletir sobre suas condições, os dialetos e discursos

---

<sup>22</sup> A ideia da tradução como escrita interpretativa é o foco de Venuti no artigo “How to read a translation”, originalmente publicado em 2004 na *Words Without Borders: The On-Line Magazine for International Literature* e relançado em *Translation Changes Everything* (2013); porém, ao longo de *The Translator's Invisibility* (2008) já podemos observar a essa consideração sendo posta de forma sistemática ao longo de todo o texto.

domésticos em que é (re)escrita e também sobre fatores aparentemente exteriores, como a situação cultural em que é lida e que teve uma influência decisiva (ainda que indesejada) sobre as escolhas do tradutor. Essa leitura é também historicizante: ela diferencia o passado, estrangeiro, e o presente, doméstico. Avaliar uma tradução enquanto tradução significa entendê-la como uma intervenção sobre o presente. As resenhas e críticas não devem, portanto, “limitar-se a comentários sobre o estilo de uma tradução ou sua precisão segundo os cânones que são aplicados implicitamente” (VENUTI, 2008, p.276). Ao contrário, os resenhistas devem “considerar os cânones de precisão que o *tradutor* implantou na obra, analisando a decisão de traduzir e publicar um texto estrangeiro segundo o cânone atual daquela literatura estrangeira na cultura de tradução” (2008, p.276).

Também nas instituições acadêmicas, onde “práticas diferentes de leitura podem ser desenvolvidas e aplicadas a traduções” (2008, p.276), a tradução deve ser entendida como um texto de mão dupla. Uma tradução produz informações sobre o texto de partida — suas estruturas discursivas, seus temas e ideias —, mas nenhuma tradução jamais deve ser pensada e utilizada em sala de aula como uma representação transparente daquele texto de partida, mesmo que essa seja a prática prevalente hoje: “[q]ualquer informação obtida a partir da tradução é, inevitavelmente, apresentada em termos de língua-alvo, que deve ser objeto de estudo, de discussão em sala de aula e de pesquisa avançada” (2008, p.276).

Cabe aqui adiantar uma discussão que Venuti empreende em *Escândalos da Tradução* (2002), mas que está diretamente conectada a esse fôlego final de seu *Translator's Invisibility*. No capítulo dedicado ao ensino de tradução e ao uso de obras traduzidas na academia anglo-americano (capítulo 5, “A pedagogia da literatura”, p.169-201), Venuti aponta que

alguns departamentos de língua estrangeira responderam às matrículas flutuantes durante o período pós-Segunda Guerra Mundial, instituindo cursos nos quais literaturas estrangeiras específicas são lidas somente em traduções inglesas. Mas, se a questão da tradução é tratada nesses cursos, ainda é algo duvidoso — dada a fria recepção que os corpos docentes de língua estrangeira têm dado à tradução como um método de instrução de língua estrangeira (2002, p.172).

Venuti chama Derrida a essa discussão, para quem a tradução é um “problema político-institucional da Universidade: como todo ensino em sua forma tradicional, e talvez como todo ensino qualquer que ele seja, [a tradução] tem como seu ideal, com traduzibilidade exaustiva, a obliteração da língua” (DERRIDA, 1979 apud VENUTI, 2002, p.176). Isso significa que a pedagogia de hoje não entende a tradução como forma textual mediada, afetada pela subjetividade da figura do tradutor. Esse ponto levanta um problema de ordem política: considerar que a tradução depende da interpretação de um sujeito significa admitir que existe mais de uma maneira de ler um texto, desafiando, desse modo, a autoridade da interpretação de um professor.

Para ilustrar essa situação, Venuti faz referência a um artigo incluído em uma coletânea sobre o ensino d’A *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, escrito por um professor de literatura italiana medieval na Universidade de Toronto, Amilcare Iannucci. O artigo se intitula “Teaching Dante’s *Divine Comedy* in Translation” e, apesar de indicar que vai explorar a questão da tradução da obra para o inglês, dedica apenas um parágrafo de suas sete páginas a essa questão. Após indicar que a principal dificuldade dos estudantes na leitura d’A *Divina Comédia* é a distância temporal e cultural, Iannucci declara:

Há uma outra barreira entre os estudantes e Dante nesse curso: a língua. Lemos A *Divina Comédia* em tradução, e não importa o quanto a tradução seja boa, ela nunca será Dante. Nenhum tradutor pode esperar capturar a fluência e o ritmo do verso de Dante, simplesmente devido às diferenças intrínsecas existentes entre a língua inglesa e a italiana. Há ainda um outro risco na tradução. No texto original há sempre ambiguidades que o tradutor não é capaz de reproduzir. Diante de um trecho difícil, ele ou ela é obrigado(a) a adotar uma postura crítica. Assim, qualquer tradução d’A *Divina Comédia* é fortemente influenciada pela interpretação que o tradutor tem da obra. Opções interpretativas que existem no italiano de Dante são eliminadas e ambiguidades, talvez desconhecidas pelo original, são criadas. Nem mesmo as traduções em prosa conseguem escapar desse tipo de distorção: em seu esforço para conservar a letra, elas destroem completamente o espírito. Essa é a razão por que prefiro uma tradução em verso. Na minha opinião, vale a pena sacrificar um pouco da precisão a fim de servir a poesia de Dante. Embora não esteja livre de deficiências, costumo usar a tradução d’A *Divina Comédia* feita por Dorothy Sayers (IANUCCI, 1982 apud VENUTI, 2002, p.174).



Estudar os significados que a versão em inglês feita por Sayers inscreve no texto italiano de Dante enfraqueceria a autoridade interpretativa do professor que ensina que sua leitura é verdadeira e adequada ao italiano, apesar de sua assimilação da pesquisa moderna e do uso que os alunos fazem da tradução. Embora o artigo revele a consciência de que a tradução dissemina significados imprevisíveis pelo autor do original, o professor Ianucci presume que essa relação pode ser superada e que a sua interpretação é feita a partir de uma tradução transparente em língua inglesa.

Venuti advoga em favor de uma pedagogia da literatura, que traz para a sala de aula a consciência de que os textos utilizados por alunos e professores são escolhidos ou mesmo produzidos para se adequarem às necessidades e objetivos de comunidades culturais específicas em momentos históricos específicos. Reformar a maneira como os textos traduzidos são debatidos nas ementas do ensino anglo-americano significa rejeitar a ideia de que existe uma “verdade interpretativa” inerente ao texto, que ignora o fato de que os estudantes estão constituindo esse texto de forma ativa ao selecionarem e sintetizarem a evidência textual e a pesquisa histórica e que, portanto, sua interpretação é formada por restrições linguísticas e culturais:

Reconhecer um texto como traduzido e incorporar esse reconhecimento às interpretações em sala de aula pode ensinar aos alunos que suas operações críticas são limitadas e provisórias, situadas numa história transitória de recepção, numa situação cultural específica, num currículo, numa língua específica. E com o conhecimento dessas limitações vem a consciência das possibilidades, maneiras diferentes de entender o texto estrangeiro, maneiras diferentes de entender seus próprios momentos culturais (VENUTI, 2002, p.179)

Também a pesquisa sobre a tradução (ou que se vale dela) deve levar em consideração a historicidade e as implicações de uma prática tradutória específica sobre a ciência e literatura. Sabemos que a história do pensamento sobre a tradução foi marcada por uma postura normativa, e nesse sentido são exemplares os textos de Vinay e Darbenet ([1958] 1977) e Newmark (1981). Em oposição a esse movimento normativo, vimos também a defesa de uma postura descritivista das práticas tradutórias principalmente a partir da publicação de *The Manipulation of*

*Literature* (HERMANS, 1985). A pressuposição básica dos pesquisadores ligados a esse modo de pensar a tradução era então inovadora:

O que eles têm em comum é, em resumo, uma visão da literatura como um sistema complexo e dinâmico; a convicção de que deve haver uma contínua intercomunicação entre modelos teóricos e estudos de caso práticos; uma abordagem à tradução literária que é descritiva, orientada ao resultado, funcional e sistêmica; e um interesse nas normas e restrições que governam a produção e a recepção das traduções, na relação entre a tradução e outros tipos de processamento de textos, e no lugar e papel das traduções tanto dentro de uma literatura específica quanto na interação entre diferentes literaturas (HOLMES, 1985, p.10-11).

Esse tipo de abordagem é diametricamente oposto aos dogmas de tradução da época, cuja manutenção se deve em grande parte aos institutos de treinamento de tradutores, populares após a Segunda Guerra — estes orientados por um ideal prescritivo. O sucesso da escola descritivista se expandiu na década de 1990, principalmente entre os pensadores originários dos Países Baixos. No entanto, Venuti avalia que é necessário que o pensamento sobre a tradução vá além da pesquisa sobre as condições em que as traduções são produzidas e recebidas: para ele, é necessário pensar também nos motivos que colocam a tradução como uma prática marginal no contexto anglo-americano e nas implicações dessa marginalidade para os tradutores, leitores e pesquisadores de tradução:

A pesquisa sobre a tradução nunca pode ser simplesmente descritivista; meramente entender a tradução como um tema da história cultural ou da crítica já significa uma oposição a sua posição marginal na hierarquia atual das práticas culturais (2008, p.276).

Venuti aponta a consciência de que nenhum esforço de descrição é neutro ou imparcial, pois parte de uma leitura que é necessariamente marcada por ideologias, políticas, críticas e poéticas vigentes na instituição em que se faz essa análise. É por esse motivo que uma abordagem descritivista que pretende realizar uma análise inteiramente objetiva está fadada ao fracasso logo de partida.

A escolha de um tópico a partir de um período histórico específico trará consigo preocupações de ordem cultural contemporâneas. No entanto, mesmo que

a pesquisa da tradução não possa ser vista como descritiva e desprovida de interesses políticos e culturais, também “não deve procurar ser simplesmente prescritiva, aprovar ou rejeitar teorias e práticas de tradução sem o cuidado de analisar as suas relações com os seus próprios momentos e com os do pesquisador” (2008, p.277).

Nesse aspecto, os tradutores desempenham também um papel importante na condição de intelectuais cujas trocas com o estrangeiro podem questionar e modificar o *status quo* da academia. No entanto, Venuti destaca que eles precisam “ser capazes de se envolver nos debates acadêmicos nas áreas e disciplinas em que praticam suas traduções” (2008, p.277). Com esse movimento “sindicalista” (“emprestando” aqui o termo utilizado por Maria Paula Frota (2000) para descrever as defesas apaixonadas de Venuti em *The Translator’s Invisibility*), Venuti indica que o as condições em que a tradução é praticada, teorizada e criticada nos Estados Unidos e na Inglaterra só poderão se transformar a partir de um esforço bastante consciente e programado por parte de representantes dos três “setores” que sofrem diretamente com a “invisibilidade do tradutor”: tradutores, professores, críticos e resenhistas devem trabalhar juntos e promover o diálogo entre “as classes” (lembrando que muitas vezes um único indivíduo desempenha todas essas funções) para resgatar a tradução de sua condição marginal. Nesse sentido, *The Translator’s Invisibility* promove uma reflexão bastante abrangente dirigida a exatamente esses indivíduos, chamando-os à “luta” por uma nova forma de se praticar, pensar e analisar o material traduzido no contexto anglo-americano.

#### **1.4 Venuti, leitor de Schleiermacher**

É possível que uma das críticas mais significativas (segundo os objetivos desta pesquisa) feita ao projeto de Venuti tenha sido a de Mary Snell-Hornby em seu *The Turns of Translation Studies: New Paradigms or Shifting Viewpoints?* (2006). Recontando e reavaliando a trajetória da “Virada Cultural” nos Estudos da Tradução entre os anos 1980 e 1990, Snell-Hornby não deixa de destacar a dominância das reflexões escritas e propagadas em inglês naquele momento:

Ao longo dos anos 1990, tornou-se evidente que no contexto de um discurso global a língua inglesa, por bem ou por mal, assumiu uma posição central [...]. A onipresença do inglês como consequência do “McMundo” assumiu tamanhas proporções que, de uma língua franca amplamente aceita, reverteu seu papel tornando-se uma língua dominante [...] usada *nolens volens* por pessoas e instituições em várias partes do mundo para garantir sua sobrevivência (ou lucros) econômica ou política. Essa é a “lei indireta” de nosso Império do Inglês, e tem consequências profundas para a tradução (SNELL-HORNBY, 2006, p.140).

Na avaliação de Snell-Hornby, a posição de destaque do inglês tem origem no enorme poder que o Império Britânico adquiriu com sua expansão colonial, num processo semelhante àquele que se deu com o francês e o espanhol; porém, esse poder se consolidou, de um lado, devido à dominação global do poderio tecnológico e cultural dos Estados Unidos após a Segunda Guerra e, de outro, “ao fato de que sua gramática básica e seu vocabulário essencial podem ser adquiridos por falantes de outras línguas com relativa facilidade para conversações cotidianas e comunicações superficiais” (2006, p.140). Para comprovar esses dados, Snell-Hornby se vale dos dados divulgados no artigo de Fernando Navarro (tradutor da área médico-científica) publicado em 1997 “Which is the world’s most important language?”, no qual é revelado que na década de 1990 o inglês era o idioma oficial de 52 países, com cerca de 1,7 bilhão de falantes. Snell-Hornby destaca que o que é digno de nota não é o número de falantes nativos (pois, nesse caso, o chinês teria o dobro de falantes), mas acima de tudo que esse número indica a quantidade de pessoas que têm o inglês como segunda língua ou idioma de trabalho e educação (2006, p.141).

Outro fator crucial acerca do papel dos idiomas no mundo globalizado contemporâneo é seu poder econômico, calculado pela multiplicação do número de falantes do idioma em um país pela renda *per capita*, somando-se em seguida os resultados de todos os países em que aquele idioma é falado. De acordo com o artigo mencionado anteriormente,

as línguas mais economicamente poderosas são aquelas faladas nos três líderes econômicos mundiais: os Estados Unidos, o Japão e a Alemanha, respectivamente. Mais de 60% da produção econômica mundial é fruto de falantes de inglês, japonês e alemão. Se adicionarmos à conta o espanhol e o francês, esse índice aumenta para 75%. É digno de nota o fato de que

das seis línguas mais economicamente importantes do mundo, cinco são europeias (NAVARRO, 1997 apud SNELL-HORNBY, 2006, p.142).

No que diz respeito ao inglês, é importante destacar que metade dos anglófonos nativos em todo o mundo (e três quartos do poder econômico atribuído à língua inglesa) está concentrada em um único país — os Estados Unidos da América. De 1997 a 2014 as estatísticas podem ter mudado, porém as proporções permanecem basicamente as mesmas — constituindo, em um sentido metafórico, o “Império do inglês”.

Snell-Hornby destaca também o aumento das publicações e conferências conduzidas inteiramente em inglês, mesmo no âmbito dos Estudos da Tradução. Segundo a professora,

Utilizar uma língua internacionalmente conhecida para reduzir o trabalho e os custos organizacionais faz sentido, economicamente falando; porém, diferentemente de congressos de, por exemplo, medicina ou física, a língua nos Estudos da Tradução não é meramente um meio de comunicação neutro e sim *parte do problema* em discussão. Conferências sobre tradução realizadas exclusivamente em inglês favorecem os participantes que têm o inglês como língua materna ou língua de trabalho (seja em Departamentos de Inglês ou em institutos de tradução), que tendem a falar sobre materiais em língua inglesa com exemplos em inglês, ou sobre línguas estrangeiras em contraste com o inglês, enquanto os pesquisadores que trabalham com pares de línguas que excluem o inglês têm outras áreas de interesse e muitas vezes se juntam de forma relutante às discussões nesses encontros. Da mesma forma, periódicos acadêmicos que aceitam exclusivamente contribuições em língua inglesa tendem a constituir-se majoritariamente de materiais (mesmo aqueles que não foram submetidos por autores anglo-americanos) significativamente relacionados a problemas da língua inglesa. O resultado é que aquilo que é generalizado como “a disciplina” pode se referir a uma área específica dos Estudos da Tradução abordada a partir de uma perspectiva anglo-americana “global” — mais uma faceta do “Império do Inglês” (SNELL-HORNBY, 2006, p.144, grifos meus).

Na esteira da reflexão de Snell-Hornby vale lembrar que Venuti ocupa uma posição curiosa no cenário dos Estudos da Tradução. Em seus textos, ele busca a promoção da diferença, dos discursos estrangeiros e da voz de um Outro não hegemônico, não etnocêntrico, e é a essa postura de “respeito” com o capital cultural e linguístico do estrangeiro que Venuti deve sua fama junto aos pesquisadores dos mais diversos países. No entanto, enquanto editor do selo St. Jerome, dedicado aos

Estudos da Tradução, junto à editora acadêmica Routledge, Venuti publica exclusivamente em língua inglesa, assim como todos os outros autores que publicaram suas obras por esse selo. É claro que não podemos exigir que Venuti deixe de lado sua língua materna e publique textos em qualquer outro idioma que não o inglês; no entanto, não estaria ele em uma posição bastante privilegiada para promover a pluralidade de línguas e culturas justamente nas publicações que versam exatamente sobre a diferença, a relação entre o Próprio e o Outro e as questões linguísticas e culturais envolvidas no contato promovido pela tradução? Ao assinar como editor uma coleção composta por livros escritos exclusivamente em inglês, não estaria o próprio Venuti também reforçando o (ao invés de resistir ao) domínio desse “império do inglês” descrito por Snell-Hornby — um império que ele mesmo se dedica a questionar e desconstruir?

É nesse cenário de dominação da língua inglesa e seus problemas que emergem as reflexões de Venuti em fins dos anos 1980. Para Snell-Hornby, o tópico da dominação global do inglês estaria diretamente ligado às reflexões de Friedrich Schleiermacher e ao romantismo alemão, conforme foram introduzidas no mundo anglófono por André Lefevere em seu *Translating Literature: The German Tradition from Luther to Rosenzweig*, de 1977 (SNELL-HORNBY, 2006, p.145). Além de Lefevere, outro “mediador” entre o pensamento de Schleiermacher e Venuti é o filósofo francês Antoine Berman, em particular com seu livro sobre o romantismo alemão *L'Épreuve de l'Étranger: Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*, publicado originalmente em 1984. O resultado, para Snell-Hornby, foi que “normas da vanguarda crítica norte-americana voltaram-se à filosofia continental, especialmente a hermenêutica alemã, pelo viés do pós-estruturalismo francês” (2006, p.145). Ou seja, para Snell-Hornby, deve-se levar em consideração o fato de que Schleiermacher e os românticos alemães foram lidos especialmente a partir da mediação de figuras como André Lefevere e Antoine Berman. Pensando no trabalho de Venuti em seu primeiro livro, Berman de fato parece surgir com Schleiermacher, na condição particular de um “leitor” de Schleiermacher, que

trata o argumento de Schleiermacher como uma ética de tradução, preocupado em tornar o texto traduzido um lugar onde um outro cultural é manifestado — apesar de que, é claro, uma alteridade jamais pode ser

manifestada em seus próprios termos, apenas naqueles do idioma da tradução e, portanto, sempre já codificado (VENUTI, 2008, p.15)<sup>23</sup>.

Antes de seguir adiante com a discussão, cabe aqui fazer uma breve incursão no pensamento de Friedrich Schleiermacher, a exemplo do que o filósofo expõe em sua famosa conferência “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens” (“Sobre os Diferentes Métodos da Tradução” na tradução de Margarete von Mühlen Poll publicada em 2001)<sup>24</sup>.

Friedrich Schleiermacher nasceu em 1768, na cidade de Breslau, localizada no que hoje é a Polônia, mas cujo domínio vem se alternando entre diversas nações de língua alemã desde sua fundação. Importante filósofo, teólogo, tradutor e professor no século XIX, considerado o “pai” da hermenêutica moderna, Schleiermacher é o autor de um dos textos mais fundamentais no âmbito dos Estudos da Tradução, “Sobre os diferentes métodos de tradução”, apresentado em forma de conferência no dia 24 de junho de 1813 na Academia Real de Ciências de Berlim e publicado em forma de ensaio em 1890. Esse ensaio é considerado o “único estudo dessa época na Alemanha que constitui uma *abordagem sistemática e metódica da tradução*” (BERMAN, 2002, p.259, grifos do autor).

Por conta desse ensaio, Schleiermacher é lembrado principalmente como o teórico que sistematizou os dois “métodos” possíveis de tradução na famosa fórmula “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele” (SCHLEIERMACHER, 2001, p.43). Não se pode dizer que a ideia de modos diferentes de traduzir já não existisse antes que Schleiermacher apresentasse suas reflexões durante a sessão na Academia Real — Goethe também se refere a duas “máximas da tradução”, articulada nos mesmos termos

---

<sup>23</sup> São pouquíssimas as menções que Venuti faz a Berman em *The Translator's Invisibility* – apenas quatro páginas de um total de 285 páginas de texto corrido, em todas elas apenas como comentador de Schleiermacher –, o que causa estranheza não apenas por conta do destaque de Berman como um pensador destacado dos Estudos da Tradução de forma geral, mas principalmente por conta da posição central que Venuti elege para Berman em seu pensamento, como fica bastante claro na introdução ao seu *Translation Changes Everything* (2013), como veremos adiante.

<sup>24</sup> A primeira versão desse resumo do pensamento de Schleiermacher aparece previamente em França (2010), portanto, o que se segue é uma reapresentação das reflexões desenvolvidas em minha monografia de graduação, com algumas diferenças mínimas no que diz respeito à ordem das informações e fraseado.

utilizados por Schleiermacher, alguns anos antes da conferência do filósofo<sup>25</sup>, e já reproduz um saber que circulava nos meios intelectuais alemães no mínimo desde Herder —, mas essa divisão entre os métodos de tradução é até hoje mais conhecida pela conferência de Schleiermacher do que por textos de outros autores.

Schleiermacher mostra-se claramente a favor do primeiro método, “levar o leitor até o autor”. Para ele, o segundo método, “levar o autor até o leitor”, é equivalente ao tradutor que produz um texto tendo em vista aquilo que o autor original faria se escrevesse sua obra na língua de chegada; o primeiro “método”, por sua vez, revela um tradutor que se esforça para escrever um texto da mesma maneira que o autor original teria escrito caso tivesse desejado traduzir sua obra para a língua alemã:

A primeira tradução será perfeita a sua maneira, quando se puder dizer que, se o autor tivesse aprendido tão bem alemão quanto o tradutor aprendeu romano, então aquele não teria traduzido sua obra original composta em romano de forma diferente de como o tradutor realmente o fez. A outra tradução, porém, ao não mostrar o autor como ele mesmo teria traduzido, mas como ele teria originalmente escrito em alemão como alemão, dificilmente tem outro critério de perfeição, além de que se pudesse garantir que todos os alemães em conjunto tivessem se deixado transformar em conhecedores e contemporâneos do autor; assim, a própria obra teria se tornado no que é agora a tradução para eles pelo fato de o autor ter se transformado em um alemão (SCHLEIERMACHER, 2001, p.45).

A diferença entre os métodos é significativa. Traduzir uma obra tendo em mente aquilo que o autor original teria feito se tivesse originalmente escrito sua obra em língua alemã significa limitar o texto às formas de expressão já existentes em alemão. Para Schleiermacher, “cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo o seu pensamento são um produto dela” (2001, p.35-37), ou seja, os alemães são condicionados por sua língua materna, e é ela que delimita a extensão de sua compreensão de mundo: aquilo que está fora dos recortes feitos pela língua materna não pode ser compreendido pelo indivíduo. Como demonstra Schleiermacher:

---

<sup>25</sup> Vide GOETHE, “Três trechos sobre tradução”. In: *Antologia Bilíngüe – Clássicos da Teoria da Tradução. Volume 1 – Alemão/Português*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. Heidermann (org.). Florianópolis: NUT, 2001



Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela (2001, p.37).

Entretanto, Schleiermacher vê uma alternativa para a abertura a novas expressões e conceitos na língua materna — uma alternativa que passa necessariamente pelo indivíduo declarado pelos românticos como gênio, aquele que é reconhecido para além de seu campo específico devido a sua influência sobre a língua:

Toda pessoa que pensa de uma maneira livre e intelectualmente independente também forma a língua a sua maneira. Pois, se não por essa influência, como poderia ela ter se desenvolvido de seu estado inicial cru para a sua formação mais avançada na ciência e na arte? Nesse sentido, pois, é a força viva do indivíduo que dá novas formas à matéria formadora da língua, inicialmente só para comunicar um estado de consciência passageiro para a finalidade do momento, das quais, às vezes mais, às vezes menos, algumas vão ficando na língua e, acolhidas por outras, vão se propagando e se aperfeiçoando (2001, p.37).

Para o filósofo, “todo discurso livre e mais elevado requer ser concebido de duas formas: em parte pelo espírito da língua de cujos elementos é formado [...]; por outro lado, ele requer ser concebido pela alma do enunciador como sua ação” (2001, p.37). O discurso só pode ser entendido como um produto da língua que formou o enunciador “à medida que se sente que somente um heleno poderia pensar e falar dessa forma, que só essa língua poderia ter esse efeito num espírito humano” (2001, p. 37-39). Nesse ponto, Schleiermacher revela o quanto a identidade, as características, a personalidade e as ideias de um povo estão intrinsecamente relacionadas com a língua nacional. Dessa forma, se apenas um grego seria capaz de discursar de maneira tão específica, os leitores alemães que desejam ter acesso a esse discurso terão de se tornar gregos — e não o contrário, ou seja, tornar o grego um alemão: “para que seus leitores entendam, eles precisam captar o espírito da língua própria do autor, precisam poder olhar a forma de pensar e sentir particular do autor” (2001, p.39). Como seria possível apresentar essas particularidades do

autor estrangeiro aos leitores da tradução? Para Schleiermacher, isso só é possível se é a língua alemã que se curva diante da língua estrangeira, e não o contrário.

O filósofo alemão destaca que esse movimento é válido apenas em certos tipos de textos. Assim, o verdadeiro tradutor é aquele que se apoderou

[...] da arte de compreender através do mais zeloso empenho na língua, através do conhecimento preciso de toda a vida histórica do povo e através da apresentação mais viva possível de algumas obras e seus autores, esse, e sinceramente, só esse pode desejar transmitir também a seus compatriotas e contemporâneos a igual compreensão das principais obras da arte e da ciência (2001, p.39).

Note-se que Schleiermacher limita o campo de atuação de seu tradutor à arte e à ciência. Para o filósofo, “o intérprete exerce sua função no campo dos negócios, o verdadeiro tradutor, primordialmente no campo da ciência e da arte” (2001, p.29). Isso porque a interpretação utiliza-se da linguagem oral, enquanto a tradução utiliza-se da linguagem escrita:

[...] ao ramo da arte e da ciência pertence a escrita, somente através dela suas obras se realizam. Traduzir produções científicas e artísticas de boca a boca seria tão desnecessário quanto parece ser impossível (SCHLEIERMACHER, 2001, p.29).

Do mesmo modo, “a escrita é apenas uma forma mecânica para os negócios, para eles a oralidade é a forma mais original, e qualquer interpretação escrita, na verdade, é vista apenas como o apontamento de uma tradução oral” (SCHLEIERMACHER, 2001, p.29). Com isso, para Schleiermacher, a verdadeira tradução se ocupa de textos elevados, deixando para os intérpretes a tarefa de trabalhar com a intermediação necessária entre relações comerciais.

Não apenas teorias e práticas inovadoras surgem nesse contexto: como foi dito anteriormente, também novas formas de expressão nascem por meio de um método específico de tradução:

Línguas não são inventadas, e todo trabalho puramente arbitrário nelas e dentro delas é tolice; mas elas são descobertas pouco a pouco, e ciência e arte são as energias através das quais essa descoberta é incentivada e aperfeiçoada. Todo excelente espírito em que sob uma de ambas as formas se realiza de maneira particular uma parte das concepções do povo, trabalha e age para isso na língua, e suas obras também precisam conter uma parte de sua história. Isso traz grandes, muitas vezes até insuperáveis dificuldades ao tradutor de obras científicas, pois àquele que lê uma excelente obra desse tipo na língua original, equipado de conhecimentos suficientes, a influência da mesma na língua não escapa tão facilmente. Ele percebe quais palavras, quais combinações ainda lhe apareceram à primeira luz da novidade; ele vê como elas se insinuam na língua pela necessidade especial desse espírito e por sua força característica; e essa observação determina substancialmente a impressão que ele capta. *É, pois, tarefa da tradução transplantar justamente isso para seu leitor*, senão, muitas vezes, este perde uma parte muito significativa do que lhe foi atribuído (SCHLEIERMACHER, 2001, p.51, grifos meus).

Assim, o ganho da tradução só pode ser efetivo por meio da adoção do primeiro método, tendo em vista que, para Schleiermacher, um dos principais objetivos da tradução é “iluminar a língua com o espírito próprio de um mestre estrangeiro, mas este totalmente separado e desligado de sua língua” (2001, p.81) — ou seja, a tradução acrescentaria novas formas de expressão a uma língua que ainda não está completamente formada, além de ampliar a capacidade de compreensão do mundo dos alemães, o que vem ao encontro do projeto pedagógico de formação do povo alemão, no sentido do que é sintetizado na noção de *Bildung*. Dessa forma, apenas uma tradução que permita uma abertura a novas formas de expressão, oriundas da língua do texto original, faz sentido para Schleiermacher, que, ao longo de seu discurso, destaca as vantagens da adoção desse método que leva o leitor até o autor e as condições sob as quais tal prática de tradução pode se desenvolver plenamente.

O que expus acima, nessa breve incursão no pensamento do filósofo Friedrich Schleiermacher, são ideias que considero centrais para compreendermos a leitura que Venuti faz das principais considerações do filósofo alemão e a maneira como ele as assimila em suas próprias reflexões. Isso porque Venuti coloca essa famosa dicotomia de métodos de Schleiermacher numa posição de destaque em seu *The Translator's Invisibility*. Na leitura que Venuti faz desse famoso discurso de Schleiermacher,

Schleiermacher oferece ao tradutor a escolha entre uma prática domesticadora, uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da situação de recepção, trazendo o autor para casa, e uma prática estrangeirizadora, uma pressão etnodesviante de seus valores para registrar as diferenças culturais e linguísticas do texto estrangeiro, mandando o leitor para o exterior (VENUTI, 2008, p.15, grifos meus).

Aqui, Venuti sobrepõe a dicotomia alemã de *Verfremdung* (levar o leitor até o autor) e *Entfremdung* (levar o autor até o leitor) a seu próprio repertório conceitual, respectivamente, às noções de estrangeirização e domesticação. Venuti até mesmo intensifica seu tom:

Quero sugerir que na medida em que a tradução estrangeirizadora procura restringir a violência etnocêntrica da tradução, ela é altamente desejada hoje enquanto intervenção cultural estratégica sobre o estado atual das questões mundiais, direcionados contra a hegemonia das nações falantes de inglês e as trocas culturais desiguais em que envolvem seus outros globais. Estrangeirizar a tradução em inglês pode ser uma forma de resistência contra o etnocentrismo e o racismo, o narcisismo cultural e o imperialismo, segundo os interesses das relações democráticas geopolíticas (VENUTI, 2008, p.16).

A noção de “estrangeirizar a tradução” é formatada, portanto, para servir ao cenário e ao contexto da questão ética na tradução em fins do século XX a partir de uma perspectiva especificamente anglo-americana. A partir dessa perspectiva, Venuti escreve sua “história da tradução”, na qual as traduções estrangeirizadoras são julgadas como fundamentalmente “boas”, enquanto as domesticadoras são fundamentalmente “más”. Essa é uma posição que faz sentido quando se considera o projeto que Venuti quer divulgar — o resgate da visibilidade do tradutor por meio da adoção de recurso textuais que revelem a “estrangeiridade” do texto de partida. No entanto, suas formulações são “fundamentais e generalizadoras”, em oposição a sua “história da tradução” que, como destaca sarcasticamente Anthony Pym na resenha que fez a *The Translator’s Invisibility*<sup>26</sup>, é bastante seletiva:

---

<sup>26</sup> Resenha originalmente publicada em 1996, reeditada em 2010 para incluir um parágrafo em que Pym se defende das acusações de ter tratado com ironia a resenha do livro de Lawrence Venuti. Reproduzo esse parágrafo integralmente: “Prefatory note (2010): The following is a slightly revised version of the article published in *Target* 8/2 (1996), pp. 165-177, with the original page breaks indicated in square brackets. Revisiting the text now, in 2010, I am a little surprised to note the extent

A melhor parte do tour guiado que Venuti oferece aos tradutores e teóricos de língua inglesa é que a maior parte deles é etiquetada com notas sobre suas conexões políticas, crenças religiosas e associações ocasionais. Todos os “maus” são associados ao humanismo liberal, imperialismo, sexismo e/ou individualismo. Os poucos “bons” geralmente se opõem a esses vícios, da mesma maneira em que se opõem a traduções fluentes (PYM, 2010, sem páginas numeradas).

Snell-Hornby prossegue dizendo que, desde que o livro de Venuti foi publicado em 1995, a disputa entre domesticação e estrangeirização assumiu uma posição central no debate em língua inglesa dos Estudos da Tradução:

As duas noções difundiram-se como *memes*, segundo os critérios de Chesterman, sendo atribuídas a Venuti e perdendo seu contato com Schleiermacher e o mundo do romantismo alemão — um mundo muito diferente deste em que vivemos hoje. [...] O próprio Schleiermacher destacou a importância de compreender um autor “pelo prisma de sua nacionalidade e época em que vive” (SNELL-HORNBY, 2006, p.148).

Entendo que Snell-Hornby aponte, nessa passagem, uma questão importante no embate/seguimento de ideias de Schleiermacher e Venuti: Venuti apropria-se dos conceitos de Schleiermacher, domesticando-os para adequá-los às necessidades de uma consciência crítica específica anglo-americana em meados do século XX. Ao desafiar o papel hegemônico da língua inglesa, a posição dos tradutores e as condições de seu trabalho, as propostas de Venuti estão justificadas; no entanto, não podemos supor que a adoção de uma postura estrangeirizadora seria capaz de resolver todos os problemas levantados por Venuti, como, por vezes, o pensador parece dar a entender. Nesse sentido, vale lembrar o comentário sarcástico de Pym na resenha de *The Translator's Invisibility*, quando este diz que Venuti é o que temos

---

to which it was read as being overly 'sarcastic' (Munday 2001: 155), as poking fun merely for the sake of fun. At the time, in 1995-96, I sincerely appreciated Venuti's work for the intellectual space it legitimized: I would have hoped that the last sentence of my article would carry significantly more weight than the opening gambit. Venuti was a lot more engaging than the technocratic would-be scientists of the day. I was certainly not trying to be sarcastic in any gratuitous sense – if I had, I would have had a field-day with Venuti's decidedly retro triple-substantive titles, and the like – and I was seriously trying to make a few points about the sociology of translation. But we are not able to control the way we are read; readers see more beginnings than ends. So here is the text, more or less as it was.” Apesar da insistência, o tom de sarcasmo do início da resenha de Pym não se dilui de todo em sua sequência, nem mesmo para leitores que, superando as expectativas, leiam seu texto até o final.

de mais próximo de um “super-herói dos Estudos da Tradução” (2010, sem páginas numeradas).

A postura de Venuti enquanto leitor de Schleiermacher voltará a ser tematizada neste trabalho mais adiante. Por enquanto, na esteira das reflexões apresentadas neste capítulo, acho importante destacar dois pontos. O primeiro diz respeito ao fato de que a chave de leitura, pelo menos neste momento inicial da reflexão de Venuti, é uma espécie de síntese ética da leitura que Berman faz de Schleiermacher, uma espécie de redução instrumentalista: Berman é resumido na defesa da “tradução ética” e na rejeição à “tradução etnocêntrica” como se apenas seguisse e atualizasse as fórmulas propostas por Schleiermacher. O segundo diz respeito ao fato de que Venuti parece ler Schleiermacher via Lefevere, mais especificamente em sua tradução de “Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens”, publicada em 1977. Lefevere, em *Translation, History, Culture* (1990), não deixa de destacar que a visão de linguagem de Schleiermacher “não mais vê os significantes como veículos essencialmente neutros para comunicar significados, mas, sim, como intrinsecamente conectando diferentes linguagens” (p.19). Todas as citações que Venuti faz desse texto de Schleiermacher parecem se referir a essa tradução de Lefevere.

No terceiro capítulo de seu *The Translator's Invisibility*, batizado “Nation”, Venuti explora as maneiras como a tradução atua no estabelecimento do nacionalismo. Para tanto, considera os tons político-ideológicos que o discurso de Schleiermacher assumia. Para Venuti, o projeto de Schleiermacher utilizava a tradução como um instrumento “que poderia enriquecer a língua alemã desenvolvendo uma literatura de elite e, dessa forma, permitindo que a cultura alemã percebesse seu destino histórico de dominação global” (2008, p.83). O pensador norte-americano considera que a proposta nacionalista de Schleiermacher se baseia “na teorização da tradução como o local da diferença” (2008, p.82) — como seu próprio trabalho. Para Venuti o que os diferencia é que, ao contrário de seu trabalho,

[...] a teoria de tradução de Schleiermacher repousa sobre uma condescendência chauvinista a respeito de culturas estrangeiras, a noção de sua inferioridade perante a cultura de língua alemã, mas também um respeito antichauvinista por suas diferenças, uma noção de que a cultura de

língua alemã é inferior e por isso precisa dobrar-se a elas se deseja se desenvolver (2008, p.82).

Essas contradições, diz Venuti, são típicas dos movimentos nacionalistas que tomaram a Europa no século XIX e indicam que a teoria de tradução de Schleiermacher pode ser destacada do projeto ideológico para o qual foi criada e usada para outros fins. Assim, Venuti descreve o discurso de Schleiermacher como um manifesto político, direcionado para a elite burguesa formadora da intelectualidade da cultura de língua alemã. Entendo que uma prova disso seria a preferência de Schleiermacher por um método que almeja

[...] proporcionar ao seu leitor uma imagem e um prazer tais como a leitura da obra na língua original oferece ao homem formado de tal maneira que gostaríamos de chamar, no melhor sentido da palavra, de admirador e conhecedor. A língua estrangeira lhe é familiar, mas sempre continua estranha, aquele que para apreender o todo, não precisa voltar a recompor em sua mente os detalhes da língua materna, como os escolares o fazem, mas aqueles que, também lá onde goza de forma mais tranquila das belezas de uma obra, permanece consciente das diferenças entre a língua e sua língua materna (SCHLEIERMACHER, 2001, p.49).

Para Venuti, “o tradutor objetiva dar significado às diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, mas apenas como elas são percebidas na tradução por um público limitado, uma elite educada” (VENUTI, 2008, p.85). Assim, a defesa de um método específico de tradução é, para o teórico ítalo-americano, também — e acima de tudo — uma defesa de discursos voltados para a elite intelectual alemã. Nessa defesa, portanto, Schleiermacher investe “esse limitado grupo social de considerável autoridade cultural, a ponto de dar a eles uma função social precisa — ‘gerar um modo de expressão característico’” (2008, p.86). Para Venuti, isso nos mostra definitivamente que “Schleiermacher estava inscrevendo sua prática de tradução privilegiada em uma agenda política-cultural: uma elite educada controla a formação de uma cultura nacional ao refinar sua linguagem por meio de traduções estrangeirizadoras” (2008, p.86).

Ainda de acordo com Venuti, a definição do que é estrangeiro vem da mesma elite educada; assim, Schleiermacher estaria delimitando por meio da tradução um espaço que divide a minoria burguesa dos demais leitores na Alemanha do início do século XIX. Para tanto, ele se apoia na leitura do crítico inglês Albert Ward, cujo *Book production, fiction and the German reading public, 1740-1800* (1974), citado diversas vezes no panorama apresentado por Venuti nesse capítulo específico de seu *Invisibility*, reforça a leitura que Venuti faz de Schleiermacher como um pensador voltado a uma elite intelectual bastante restrita e fechada:

[...] a literatura era [...] predominantemente uma arte burguesa, mas era apenas uma pequena parte dessa seção da sociedade que se interessava pelos escritores clássicos da era de ouro da literatura alemã. [...] Escritores como Goethe e Schiller encontravam seu público na *Honorationem* de grandes cidades, nos homens formados por universidades, nos religiosos, professores, médicos e advogados, no que podemos denominar a elite da sociedade de classe média. “Alta literatura” era mais do que hoje algo pertencente a um pequeno grupo de intelectuais (WARD, 1974 apud VENUTI, 2008, p.86).

Poucos meses antes do discurso de Schleiermacher na Academia Real de Ciências de Berlim, Goethe publicou um ensaio em que “antecipa” a dicotomia proposta por Schleiermacher:

Existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considerá-lo nosso; a outra, ao contrário, requer de nós, que nos voltemos ao estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades. Graças a traduções exemplares, as vantagens de ambas são suficientemente conhecidas por qualquer pessoa culta. Nosso amigo, que também aqui procurou o meio termo, esmerou-se em combinar as duas; porém, como homem de sensibilidade e bom gosto, preferiu, em casos de dúvida, a primeira máxima (GOETHE, 2001, p.31).

A exemplo de Goethe, “ao valorizar ‘sentimentos e bom gosto’”, diz Venuti, “Schleiermacher estava valorizando um discurso cultural da elite burguesa de refinamento literário contra a cultura maior, mais heterogênea da classe média e trabalhadora” (VENUTI, 2008, p.86). De acordo com Ward, o leitor típico de classe



média “desejava obras em que encontrasse suas próprias experiências e emoções, refletindo seus próprios interesses e sem conflitos com as exigências da moralidade” (WARD, 1974 apud VENUTI, 2008, p.87). O discurso de Schleiermacher pode ser entendido como uma demonstração clara disso: enquanto o filósofo cita autores da antiguidade clássica (Plauto e Cícero) e Leibniz, a maior parte dos leitores dava preferência aos contos góticos, romances de cavalaria, novelas realistas, biografias de homens exemplares, literatura de viagem, etc. (VENUTI, 2008, p.87). O próprio Schleiermacher havia traduzido Platão, enquanto os outros românticos — Voss, A. Schlegel, Hölderlin — traduziram Homero, Sófocles, Dante, Shakespeare, entre outros<sup>27</sup>. “Todos estavam muito conscientes”, diz Venuti, “de que estavam traduzindo para uma audiência relativamente pequena, um grupo restrito, e, como Schleiermacher, eles viam esse fato social como um valor que melhoraria sua ‘literatura’ e a endossaria com autoridade cultural” (2008, p.87). Isso é demonstrado pela declaração dada por F. Schlegel:

[os leitores] estão sempre reclamando que os autores alemães escrevem para um círculo muito pequeno, por vezes para si mesmos enquanto grupo. Acho isso bom. A literatura alemã só tem a ganhar em espírito e personalidade por causa disso (SCHLEGEL, F. apud VENUTI, 2008, p.87).

---

<sup>27</sup> Vale destacar aqui uma visão contrária a Venuti e Ward. Ainda que esses pensadores incluam Goethe no rol de escritores burgueses e elitistas que criticam vigorosamente, o pensador transitava facilmente entre esses dois mundos — se, de um lado, dedicava-se a uma literatura bastante popular entre o público (como aponta Stanley Applbaum no prefácio à tradução em língua inglesa de *Os Sofrimentos do Jovem Werther* publicada em 2004, a publicação do livro em 1774 transformou Goethe “na primeira celebridade literária internacional”), de outro tinha uma intensa produção intelectual que incluía ensaios, análises e teorias sobre cores, evolução de espécies, linguísticas, mineralogia e filosofia, entre tantas outras disciplinas. Além disso, é necessário também refletir brevemente sobre o lugar que vários desses autores hoje canônicos, como Shakespeare, ocupavam no cânone literário daquele período. Shakespeare era um dramaturgo popular, que escrevia peças bastante comerciais em Londres. Ele não contava com uma formação acadêmica típica e, apesar de a sua companhia ter o apoio da monarquia, seu trabalho não era inteiramente “respeitável”. Inicialmente, os críticos ligados à Academia (marcados pelo gosto francês, predominante na época) zombavam de sua indisciplina, da rejeição aos conceitos de drama como estabelecidos pelos autores gregos e romanos clássicos. Uma boa peça de drama deveria ser arquitetada em cinco atos, não deveria misturar comédia e drama, não deveria apresentar diversas tramas e subtramas, e não deveria estender a história por meses ou mesmo anos de tempo dramático — e Shakespeare desafiou todos esses padrões. Assim, o efeito da produção dramática de Shakespeare sobre os alemães foi explosivo: o teatro clássico francês era, então, o modelo vigente em quase toda a Europa, mas quando os românticos alemães começaram a explorar e traduzir a obra de Shakespeare, uma revolução começou. Sua “rebeldia” contra os padrões clássicos de dramaturgia inspiraram os românticos, que produziram seus próprios dramas inspirados por Shakespeare. Para esse grupo de pensadores da Alemanha, Shakespeare era, portanto, a representação da essência da poesia popular, o defensor da criatividade e da espontaneidade.

Finalmente, Venuti sentencia:

[...] a tradução estrangeirizadora não introduz o estrangeiro na cultura alemã, mas usa o estrangeiro apenas para confirmar e desenvolver uma igualdade, um processo de modelação de uma identidade cultural ideal às custas do outro, um narcisismo cultural, que é endossado pela necessidade histórica. [...] [A conferência de Schleiermacher] não reconhece nenhuma contradição em afirmar que “nossa nação” se distingue por seu “respeito ao estrangeiro” enquanto prevê a dominação cultural de uma elite cultural burguesa alemã (2008, p.92).

Dessa forma, ainda que se aproxime de Schleiermacher na defesa de uma prática de tradução *resistente*, nos termos de seu próprio repertório conceitual, Venuti identifica a proposta do filósofo alemão com objetivos hegemônicos e etnocêntricos, alinhando-o a objetivos domesticadores por meio da utilização de recursos *resistentes*. Vale considerar aqui que Venuti parece ignorar as diferenças que há entre o nosso tempo e o tempo de Schleiermacher, cobrando do filósofo alemão uma postura contemporânea. Schleiermacher escrevia no contexto da dominação napoleônica e de uma hegemonia do pensamento, dos valores e dos costumes franceses em especial nessa classe burguesa referida por Venuti. Ou seja, o que hoje é possível ler como esforço de teor narcisista, singularmente imperialista, também pode ser considerado uma reação às tendências dominantes e hegemônicas da época. Além disso, suas ideias se inscrevem num momento histórico em que aquilo que conhecemos hoje como a Alemanha ainda não existia. Como nos demonstram Will e Ariel Durant (1975, p.587), “a Alemanha em 1800 era uma concatenação dispersa de cerca de 250 ‘estados’, cada qual com suas próprias leis e impostos, muitos deles com seus próprios exércitos, moeda, religião, costumes e vestuários, e alguns deles falando dialetos ininteligíveis para metade do mundo germânico”. Como falar de um objetivo etnocêntrico ou de uma “condescendência chauvinista a respeito de culturas estrangeiras, a noção de sua inferioridade perante a cultura de língua alemã” (VENUTI, 2008, p.82) nesse contexto?

Em 1800, encontramos a Alemanha dividida em dois polos: a região norte, protestante, era dominada pela Prússia; o sul, católico, pela Áustria. Tendo em vista essa divisão, não surpreende o fracasso desses dois polos alemães na tentativa de

resistir à invasão napoleônica: já em 1801, a Áustria reconhecia a autoridade francesa em seu território, deixando a porção norte da Alemanha à mercê do conquistador francês. Pouco poderia se esperar da Prússia — protestante, não tinha interesse algum em defender um território majoritariamente católico. Dessa forma, pouco a pouco, os estados alemães se submeteram ao domínio napoleônico, militarmente superior e oficialmente católico.

Com a chegada de Napoleão, Schleiermacher perdeu seu cargo como professor na Universidade de Halle, partindo para Berlim. Nessa cidade, apresentou diversas conferências chamando a atenção para a urgência de se resistir política e militarmente aos exércitos franceses, desenvolvendo, assim, um conceito de nacionalidade baseado na língua alemã e legitimada pela teologia protestante:

[...] a guerra entre a França e a Prússia em 1806, que teve como resultado o colapso das tropas prussianas e os termos de paz humilhantes impostos à Prússia por Napoleão, provou-se ser o último fator necessário para que Schleiermacher se voltasse ao nacionalismo com uma dedicação total e sem limites (DAWSON, 1966 apud VENUTI, 2008, p.89).

Em 1813, três meses antes de sua fala na Academia Real de Ciências de Berlim e oito meses antes da derrota de Napoleão na Batalha de Leipzig, Schleiermacher apresentou o discurso intitulado “O dever de uma nação em uma guerra pela liberdade” (citado em VENUTI, 2008, p.89 na tradução de Lefevere), em que declara que a guerra contra a França “é uma batalha contra a dominação cultural e política” (2008, p.89) do país invasor. “Se vitoriosos”, diz Schleiermacher, “seremos capazes de preservar nossa personalidade distintiva, nossas leis, nossa constituição e nossa cultura” (2008, p.89).

Esse furor de defesa do patrimônio cultural alemão volta a ser tematizado por Schleiermacher em “Sobre os diferentes métodos de tradução”, conferência apresentada para os intelectuais da Academia Real de Ciências de Berlim no auge do conflito com a França. Em sua fala, o filósofo discute o papel da tradução na resistência contra a dominação napoleônica. Sua teoria de tradução, que dá preferência ao método de tradução que “leva o leitor até o autor”, pode ser entendida

como antifrancesa, uma vez que se opõe à maneira como a tradução é praticada naquela cultura desde o neoclassicismo. Como se sabe, a tendência dominante na tradição francesa da prática de tradução — as *belles infidèles* — é criticada, especialmente pelos românticos alemães, por sua apropriação do texto estrangeiro, sua apresentação como se ele tivesse sido originalmente escrito em francês.

Não é de se admirar a rixa com a língua francesa: não apenas o exército de Napoleão havia invadido a Alemanha, como também a língua e cultura francesa haviam dominado a nobreza alemã antes mesmo da chegada do conquistador francês. Na educação aristocrática, “a ênfase era no ensino de línguas, particularmente francês, e por vezes a tal ponto que muitos nobres podiam se expressar melhor naquela língua que em sua língua materna” (WARD, 1974 apud VENUTI, 2008, p.88). Cerca de cinquenta anos depois a situação pouco se alterou, como é notado por Schleiermacher. Em seu discurso, o filósofo não poupa o rei de críticas, considerando-o intelectualmente limitado por sua educação em língua francesa:

Ao nosso grande rei todos os mais finos e mais altivos pensamentos surgiram através de uma língua estrangeira, e ele tinha se apoderado o mais profundamente dela para este campo. O que ele filosofava e compunha em francês, era incapaz de filosofar em alemão (SCHLEIERMACHER, 2001, p.69).

Note-se que talvez o problema maior, para Schleiermacher, não seja a educação do rei em língua estrangeira, mas, sim, que essa língua estrangeira seja justamente o francês. O filósofo não parece se incomodar com os intelectuais alemães educados em língua inglesa ou latina:

Devemos lamentar que a grande preferência pela Inglaterra, que dominava uma parte da família, não pôde tomar o sentido de ele apropriar-se desde a sua infância da língua inglesa, cujo último período áureo florescia na época e que é mais próxima da alemã por tanta coisa. Mas podemos esperar que, se ele tivesse gozado de uma educação severamente erudita, teria preferido filosofar e compor em latim e não em francês (2001, p.69).

Se podemos dizer que havia algum tipo de unidade linguística no território alemão no período em que esse filósofo viveu, temos de nos referir unicamente ao alemão escrito. Ao traduzir a Bíblia, Lutero deparou-se com uma multiplicidade de dialetos e concentrou-se em buscar um “alemão que *a priori* só pode ser local, o seu, o *Hochdeutsch*” (BERMAN, 2002, p.50), ao mesmo tempo em que procurou “elevar, no próprio processo de tradução, esse alemão local a um alemão comum, a uma *lingua franca*” (BERMAN, 2002, p.50). De fato, o alemão literário, na época, garantia aos escritores dessa língua cerca de um terço do total de leitores na Europa (DURANT, W., DURANT, A., 1975, p.587). Diante desse dado, não é de se admirar que o projeto nacionalista alemão passasse por questões de tradução e literatura.

Para Schleiermacher a tradução desempenha papel importante na criação de novas expressões dentro de uma língua, o que possibilita a expansão dos conceitos de uma cultura. Dessa forma, a tradução pode agir como formadora de língua, cultura e identidades nacionais. Essa noção de que a formação de língua, cultura e identidades nacionais passa pelo exercício de tradução não é privilégio de Schleiermacher. Na verdade, ela é uma prática valorizada e teorizada pelos românticos alemães de forma geral:

É do conhecimento geral que os românticos alemães, pelo menos aqueles que se reuniram em torno da revista *Athenäum*, produziram uma série de grandes traduções que se mostraram ser um bem durável do patrimônio alemão: A. W. Schlegel (com Ludwig Tieck) traduziu Shakespeare, Cervantes, Calderón, Petrarca, assim como numerosas outras obras espanholas, italianas e portuguesas. Schleiermacher, por sua vez, traduziu Platão (BERMAN, 2002, p.27).

Esse interesse pela tradução no limiar do século XIX “[remete] historicamente a um acontecimento que foi decisivo para a cultura, a língua e identidade alemãs: a tradução, no século XVI, da Bíblia por Lutero” (BERMAN, 2002, p.28). Segundo Berman, essa tradução “marcou o início de uma tradição na qual o ato de traduzir é, a partir de então — e até hoje — considerado como uma parte integrante da existência cultural e, mais ainda, como um momento constitutivo do germanismo, da *Deutschheit*” (BERMAN, 2002, p.28):

[...] o fato de que a fundação e a formação do alemão literário comum tenham ocorrido por meio de uma tradução é o que permite compreender porque vai existir na Alemanha uma *tradição de tradução* para a qual esta é criação, transmissão e expansão da língua, fundação de um *Sprachraum*, de um espaço linguístico próprio (BERMAN, 2002, p.54, grifos do autor).

A relevância da tradução no cenário alemão reforça o desejo dos intelectuais românticos da fundação de uma literatura própria:

[...] que definiria claramente suas relações com o Classicismo francês, os enciclopedistas, o século de Ouro espanhol, a poesia da Renascença italiana, o teatro elisabetano, o romance inglês do século 18, enfim, e essencialmente, com a Antiguidade Greco-latina (BERMAN, 2002, p.30-31).

Nesse sentido, as obras escolhidas pelos intelectuais para a tradução não eram ocasionais: “as traduções dos românticos, que revestem a forma consciente de um programa, correspondem simultaneamente a uma necessidade concreta da época” (BERMAN, 2002, p.31).

Mas para que essa empresa tradutória dos intelectuais alemães fosse bem sucedida, era preciso que um grande volume de obras estrangeiras fosse traduzido. E, para Schleiermacher, é esse o dom do povo alemão: “Uma necessidade interna na qual uma vocação própria do nosso povo se expressa claramente o suficiente levou-nos a tradução em massa” (SCHLEIERMACHER, 2001, p.83). O filósofo alemão vai além:

Por causa de seu respeito ao estranho e de sua natureza mediadora, o nosso povo seria determinado a unir todos os tesouros da ciência e da arte estrangeiras com e ao mesmo tempo em sua língua como que em um grande todo histórico, que seria guardado no centro e no coração da Europa, para que ora com o auxílio de nossa língua, cada um pudesse apreciar o que os mais diferentes períodos trouxeram de bonito tão pura e tão perfeitamente possível. De fato, essa parece ser a verdadeira função histórica da tradução em grande escala, como ela é ora familiar para nós (2001, p.83).

Schleiermacher faz questão de frisar: “Para isso, porém, somente um método é aplicável” (2001, p.83) — o método “que leva o leitor até o autor”. Assim, a

Alemanha seria o povo destinado a traduzir as grandes obras de todo o mundo devido, por um lado, à sua língua flexível e aberta às formas de expressão estrangeiras e, por outro, a uma personalidade receptiva e respeitosa do povo alemão em relação ao estrangeiro. A soma dessas duas características resulta na preferência por um método de escrita que cumpre com o “verdadeiro objetivo de toda tradução, a apreciação mais autêntica possível de obras estrangeiras” (2001, p.79).

Dessa forma, caberia aos tradutores de língua alemã, os “verdadeiros tradutores” em oposição aos tradutores franceses, cuja prática é “fútil e vazia” (2001, p.67), reunir os “tesouros da ciência e da arte estrangeiras” em um mesmo lugar — a Alemanha.

Fica claro que para Schleiermacher e para o grupo de intelectuais alemães na virada do século XIX a tradução tem o poder de transformar a sociedade em que vivem: por meio de um método de tradução que “leva o leitor até o autor”, a língua alemã se fortalece, impulsionando também a novidade na literatura nacional. Mas, para além disso, o que Schleiermacher indica em sua fala é que, ao traduzir de um modo “mais verdadeiro” que os franceses, sem deformar o texto para que ele corresponda ao gosto da cultura para a qual é traduzido, as demais nações europeias dariam preferência às traduções alemãs para ter acesso às grandes obras da literatura universal. E, ao traduzir em massa, a Alemanha se tornaria um polo cultural no continente, o “coração da Europa”, deslocando o poder cultural francês para a Alemanha. Assim, com a cultura fortalecida e unida (pois, como foi dito anteriormente, a língua alemã encontra sua unidade na escrita), a Alemanha teria condições de resistir ao domínio napoleônico e ascender culturalmente, tornando-se o centro literário, cultural e político da Europa<sup>28</sup>.

O que descrevi anteriormente é, de forma resumida, um uso possível que uma estratégia específica de tradução pode assumir em um contexto cultural e político específico. Reforço que os usos dessa estratégia de tradução são exatamente opostos nos projetos de Schleiermacher e Venuti: enquanto o filósofo alemão vê na tradução a possibilidade de resgatar a cultura de seu povo da dominação de uma autoridade estrangeira que domina o idioma, a cultura, a política

---

<sup>28</sup> Encerra-se aqui a referência a trechos de França (2010).

e o território em que está inserido, Venuti defende que a tradução deve justamente questionar e agir no sentido contrário de uma voz hegemônica no contexto anglo-americano. O que temos nesse primeiro momento de sua reflexão é, portanto, uma leitura de Schleiermacher que o recusa enquanto modelo político-ideológico (uma recusa que, repito, não considera as diferenças entre a estrutura política, social e cultura que separa as reflexões de Venuti e Schleiermacher), porém, elogia-o enquanto propagador daquilo que podemos chamar de uma *abordagem instrumentalista*<sup>29</sup> que vai ao encontro de seus interesses. Como veremos no terceiro capítulo deste trabalho, Venuti passará a rejeitar qualquer associação de suas propostas teóricas e práticas às ideias defendidas por Schleiermacher por considerar que o pensador alemão acredita haver uma verdade única resgatável no texto de partida no terceiro momento de sua trajetória intelectual.

### 1.5 Considerações sobre o problema da estrangeirização

São duas as palavras-chave que ajudam a compreender a popularidade de Venuti junto à academia: *invisibilidade* e *estrangeirização*. Esta última, no entanto, pode (e deve) ser problematizada a partir de uma reflexão sobre seu funcionamento em diferentes contextos de partida e de chegada.

O primeiro ponto que gostaria de destacar nessa problematização diz respeito à própria definição de *estrangeirização*: trata-se de um conceito estruturante do pensamento de Venuti que não é definido de forma precisa – ao contrário: o que entendemos por estrangeirização baseia-se em uma trilha composta por conceitos bastante dispersos que não pode ser seguida de perto. Ora, diante de definições bastante frouxas sobre o que constitui a estrangeirização, como poderia o tradutor leitor de Venuti adotar essa estratégia em seu trabalho ao buscar a *resistência* defendida pelo pensador norte-americano? Esta é uma questão que se desdobra em uma dificuldade bastante difícil de ser contornada: como a estrangeirização figura no

---

<sup>29</sup> Destaco que Venuti vai declarar explicitamente que considera a dicotomia de métodos de Schleiermacher uma abordagem **instrumentalista** à tradução apenas na introdução a *Translation Changes Everything* (2013): “[...] the Schleiermacher-Berman line of thinking, although apparently hermeneutic in its approach, although apparently treating translation as in interpretation, rests uneasy on an instrumental model of translation” (p.3).



texto? Ela se refere a trechos e escolhas discursivas pontuais, ou pode caracterizar um texto como um todo?

A discussão sobre a tradução para a língua inglesa da obra de Freud (que ficou sendo conhecida como *Standard Edition*) pode servir como exemplo desse questionamento. O ponto de partida da análise de Venuti (2008, p.20-24) é a crítica feita por Bruno Bettelheim em 1982 sobre essa tradução, avaliada por ele como despersonalizada, fortemente teórica e mecanizada – em uma palavra, “científica” (BETTELHEIM, 1982 apud VENUTI, 2008, p.21). Como exemplo, Bettelheim aponta a tradução da palavra “Fehlleistungen”: o termo cotidiano alemão é traduzido como “parapraxis”, uma palavra opaca, técnica, acadêmica em inglês. Para Bettelheim, esse é um dos indícios de que o tradutor de Freud deseja tornar seus textos aceitáveis na cultura médica anglo-americana, na época profundamente dominada pelo positivismo:

Em teoria, muitos dos tópicos explorados por Freud permitem tanto uma abordagem hermenêutica-espiritual como positivista-pragmática. Os tradutores de língua inglesa, em geral, optaram por esta última, sendo o positivismo a mais importante tradição filosófica inglesa (BETTELHEIM, 1982 apud VENUTI, 2008, p.22).

As escolhas dos tradutores podem parecer estrangeirizadoras na superfície: encontramos termos transparentes e cotidianos sendo substituídos pelo jargão técnico, o que concorda com a recomendação de que textos resistentes devem oferecer dificuldades de leitura, rejeitar a fluência. Porém, outra leitura do mesmo fato é possível: na tentativa de ajustar o texto estrangeiro ao paradigma dominante na cultura de chegada, essas mudanças não poderiam ser entendidas como domesticadoras?

Venuti compartilha da visão de Bettelheim de que o texto de Freud foi “cientificado” na *Standard Version*. No entanto, ele também lembra que a inconsistência do discurso, que varia entre o extremamente científico e o cotidiano, é marca não só da tradução para o inglês como também do original alemão: ao mesmo tempo em a tradução anglófona pode registrar “parapraxis” e a expressão cotidiana “names go out of my head” na mesma página, também o texto alemão

apresenta uma tensão discursiva que, em sua avaliação, é reflexo do próprio projeto de Freud. Isso porque o “pai da psicanálise” oferece um texto fundamentalmente ambíguo entre uma abordagem humanística (a qual Venuti avalia estar ligada a um objetivo terapêutico) e uma abordagem hermenêutica ou descritiva, uma descontinuidade que chama atenção devido à tensão na compreensão da consciência humana (VENUTI, 2008, p.23).

Por esse motivo, na visão de Venuti (2008, p.23) a revisão proposta por Bettelheim, que defende o uso de uma linguagem menos técnica para revelar o caráter humanístico da obra de Freud, “resolveria” a tensão e a descontinuidade originais, o que acabaria por “enfraquecer” o discurso. Nesse sentido, ao mascarar essa tensão – análoga a um recurso textual resistente – a revisão de Bettelheim atuaria no sentido de *domesticar* a tradução anglófona de Freud. No entanto, ao frustrar a expectativa do público-alvo dessa obra (que espera exatamente por um texto científico, psicológico e positivista), a revisão de Bettelheim poderia ser entendida, simultaneamente, como estrangeirizadora. Talvez ela perdesse sua descontinuidade interna, mas ainda seria descontínua externamente. Assim, como classificaríamos esse texto? Ele é domesticador ou estrangeirizador? Existiria outra possibilidade de análise entre esses polos?

A leitura das proposições de Venuti frequentemente aponta que seus conceitos teóricos podem ser comparados a um interruptor, posicionado ou em domesticação/fluência, ou em estrangeirização/resistência, caracterizando um sistema puramente dicotômico, binário. Esse é um problema explorado por Mona Baker (2010): a pesquisadora avalia essa dicotomia como simples demais para descrever a realidade do que acontece nas traduções. Ela é problemática enquanto descrição do caráter geral de um texto traduzido, pois força o leitor a classificar como domesticadoras ou estrangeirizadoras uma enorme variedade de atitudes possíveis do tradutor em relação ao texto como um todo. Baker sugere que as generalizações de Venuti podem deixar passar despercebido o fato de que o mesmo texto vai contar com elementos tanto estrangeirizadores, como domesticadores operando no mesmo nível:

[...] essas dicotomias também obscurecem as posições variantes dos tradutores dentro do mesmo texto, reduzem os modos intrincados pelos quais o tradutor negocia suas decisões em diversos aspectos de texto a uma escolha mais ou menos direta da estratégia estrangeirizadora *versus* estratégia domesticadora. [...] os tradutores oscilam, dentro do mesmo texto, entre escolhas que Venuti classificaria como domesticadoras e entre aquelas que ele classificaria como estrangeirizadoras (BAKER, 2010, p.152).

Venuti está ciente disso, e repetidamente destaca essa tensão, como na discussão sobre a tradução dos textos de Freud. Ele também nega que seu sistema seja, de fato, uma dicotomia, como muitos de seus leitores avaliam:

Diferentemente do que alegam meus críticos, os termos “domesticação” e “estrangeirização” não estabelecem uma clara oposição binária que pode simplesmente ser encaixada sobre as estratégias discursivas de “fluência” ou “resistência”, e nem podem esses dois conjuntos de termos ser reduzidos aos verdadeiros binários que proliferaram na história da crítica da tradução, como “literal” vs. “livre”, “formal” vs. “dinâmica” e “semântica” vs. “comunicativa”. Os termos “domesticação” e “estrangeirização” indicam fundamentalmente atitudes *éticas* em relação a um texto e uma cultura estrangeira, efeitos éticos produzidos pela escolha de um texto para tradução e pela estratégia escolhida para traduzida, enquanto termos como “fluência” e “resistência” indicam fundamentalmente características *discursivas* de estratégias de tradução em relação ao processamento cognitivo do leitor. Ambos os pares de termos demarcam um espectro de efeitos textuais e culturais cujas descrições e análises dependem da relação entre um projeto de tradução e os arranjos hierárquicos de valores na situação de chegada em um dado momento histórico (VENUTI, 2008, p.19, grifos do autor).

Aqui, Venuti não apenas rejeita a ideia de que a domesticação é sempre e inevitavelmente o resultado de estratégias fluentes e a estrangeirização é sempre o resultado de estratégias resistentes, como também rejeita seu aspecto binário. Ele se refere a um espectro de efeitos, uma transição de uma postura e uma estratégia a outra. Entretanto, ao analisar as traduções feitas por terceiros, Venuti tende a descrever o efeito geral da tradução segundo esse sistema dicotômico. Por exemplo: “[a] recepção controversa da tradução de Burton deixa claro que ela tinha um efeito estrangeirizador” (VENUTI, 2008, p.271), ou “os Zukovskys seguiram o exemplo de Pound e destacaram o signifiante para fazer uma tradução estrangeirizadora” (VENUTI, 2008, p.186). Ainda que Venuti negue que tenha criado uma dicotomia absoluta, “preto no branco”, e que todas as traduções efetivamente contenham

elementos domesticadores e estrangeirizadores, a ideia de um espectro de efeitos ainda pressupõe que existem polos reconhecíveis e identificáveis em uma e outra parte desse espectro.

O segundo ponto que deve ser destacado nesta problematização do conceito de estrangeirização parte da seguinte afirmação: “Qualquer procedimento em uma tradução pode se transformar em uma ferramenta de colonização cultural, até mesmo em uma tradução estrangeirizadora” (TYMOCZKO, 2000, p.35). Tarek Shamma concorda com essa observação e a expande no artigo “The exotic dimension of foreignizing strategies: Burton’s translation of the *Arabian Nights*” (2005). Nesse texto, o professor árabe reflete sobre a tradução de Edward Burton para as conhecidas histórias do ciclo das *Mil e Uma Noites*, conhecidas como *Arabian Nights* (1885) no mundo anglófono. Shamma inicialmente classifica essa tradução como estrangeirizadora e aponta que são duas as principais estratégias de tradução responsáveis por esse efeito. A primeira delas refere-se à tradução literal de frases e expressões do idioma árabe, de modo que não apenas o significado como também “a mecânica, a maneira e o tema” (BURTON apud SHAMMA, 2005, p.65) são seguidos de perto: “I will bring thee to thy wish”, “give me to know thereof”, “despite the nose of thee”. Em alguns casos, os resultados são incompreensíveis. A segunda ferramenta estrangeirizadora utilizada por Burton é o uso de arcaísmos em inglês, como “thou”, “thy”, “aught”, “naught”, “whilome” etc.

Para além dos recursos estritamente estilísticos, Shamma destaca um dado bastante relevante para a análise que se deseja traçar aqui: segundo sua análise, há uma ênfase quase exagerada dos detalhes escatológicos de episódios violentos e de passagens que podem ser consideradas sexuais. As notas de rodapé são usadas para acrescentar ainda mais detalhes exuberantes às cenas de sexo e violência. Como resultado, avalia Shamma, o efeito da tradução é mais *exoticizante* que estrangeirizador. No entanto, o professor destaca também os limites poucos claros entre um efeito estrangeirizador e um efeito exoticizante. Isso porque a tradução de Burton criou uma imagem da cultura de partida que, de fato, revela sua diferença em relação à cultura de chegada, mas ao mesmo tempo acaba criando uma atitude complacente, de superioridade cultural, em seu público leitor – afastando-se do ideal de questionamento das próprias normas e valores da cultura de chegada previsto por Venuti em sua defesa da estrangeirização.

Na segunda edição de *The Translator's Invisibility* (2008, p.268-273), Venuti responde diretamente o artigo de Shamma. O professor norte-americano considera a tradução de Burton um exemplo ideal de estrangeirização e afirma que ela tem um efeito anti-etnocêntrico. Ele reconhece os potenciais estereótipos na descrição que Burton faz do “Oriente sensual”, mas alega que isso é justificado pelos argumentos ora relativistas, ora universalistas do tradutor, que têm como objetivo apresentar verdadeiramente a sensualidade da cultura árabe (VENUTI, 2008, p.269). Isso porque Burton afirma que as normas são relativas e que, portanto, não podemos aplicar nossas normas às histórias árabes. Além disso, as “indecências” presentes nas *Arabian Nights* não são piores que aquelas que encontramos no cânone ocidental. Com isso, Venuti defende que é possível desafiar a centralidade do cânone ocidental para os leitores.

Outro argumento a favor de Burton diz respeito à identidade de seu público-alvo. Venuti lembra que a tradução foi publicada inicialmente para assinantes, que pagavam um preço relativamente alto para ter acesso ao texto – o que pode indicar uma audiência seleta e culturalmente sofisticada. Essa audiência certamente simpatizaria com essa tradução fortemente erotizada, entendendo-a como ataque ao puritanismo britânico. Assim, a tradução de Burton subverteria as normas da cultura de chegada, configurando um efeito estrangeirizador:

Os argumentos de Burton [...] foram claramente designados para perturbar as hierarquias culturais vitorianas. Sua alusão à literatura inglesa seria particularmente subversiva à elite masculina de leitores que elegeu como público-alvo com sua decisão de publicar sua tradução apenas para assinantes. Burton tomou o cuidado de selecionar autores canônicos ingleses, e ao observar a similaridade entre suas obras e *Arabian Nights* ele estava, com efeito, contrapondo-se às funções ideológicas que a literatura inglesa veio a exercer durante o período vitoriano (VENUTI, 2008, p.270).

Entretanto, essa defesa pareceria mais intensa se a tradução subversiva tivesse quebrado normas relativas apenas a condutas sexuais: suas notas de rodapé, que gratuitamente descrevem métodos grotescos e cruéis de punição, indicam que a questão ultrapassa um enfrentamento da moralidade vitoriana e talvez estejam a serviço da formação de uma impressão específica sobre os árabes que os coloca numa posição de quase barbaridade, quase incivilidade. Essas notas

difícilmente poderiam ser vistas como subversão das normas dominantes ou como tentativas de criar simpatia pela cultura descrita.

Diante dessas leituras conflitantes empreendidas por Venuti e Shamma, cabe perguntar o que diferenciaria a tradução exotizante daquela estrangeirizadora. Uma resposta possível aponta que aquela não rompe com as normas e expectativas da cultura de chegada. Ao apresentar a cultura de partida em termos que confirmam estereótipos, o texto estrangeiro é encaixado numa moldura “reservada” para aquela cultura na situação de recepção. É este o caso da pintura que Burton faz de um Oriente sensual e cruel. Entretanto, esse não precisa ser o resultado de uma tradução estrangeirizadora, afinal, Venuti enfatiza os usos dos recursos da língua e da cultura de chegada para expressar a *estrangeiridade* do texto traduzido. Poder-se-ia dizer, então, que essa abordagem da tradução de fato resistiria à diminuição da alteridade manifestada no texto como simplesmente exótica e estrangeira.

A referência que Venuti faz ao público imaginado para as traduções de Burton é um bom exemplo de sua consciência sobre o quanto o efeito sócio-político de uma tradução depende de sua audiência específica. No entanto, seu debate com Shamma também demonstra como é difícil prever as características do público-alvo e, ainda mais, os efeitos prováveis de um texto sobre sua audiência. Ainda além, isso significaria que o efeito de uma tradução, no que diz respeito ao etnocentrismo, seria impossível de ser observada com qualquer especificidade. Se o efeito depende da audiência, esse efeito jamais pode ser “fechado”, uma vez que o público-alvo é (e deve ser) uma categoria em aberto. Mesmo que aceitemos a alegação de Venuti de que a tradução de Burton teve um efeito estrangeirizador sobre seus leitores pretendidos e mais imediatos, isso não exclui a possibilidade de que ele venha a ter um efeito muito distinto em outros leitores, de outros grupos sociais ou de outras épocas. Isto é, na verdade, uma perspectiva que o próprio Venuti reconhece: “Qualquer significado [...] deve ser tratado como culturalmente variável e historicamente contingente” (VENUTI, 2008, p.19). Entretanto, isso faz o efeito estrangeirizador desejado parecer um tanto efêmero.

Uma expansão das ideias acerca dos diferentes efeitos que podem ser liberados por uma tradução nos diversos estratos de uma mesma cultura é o fio condutor das ideias expostas em *The Scandals of Translation*, livro publicado em

1998 que se dedica a denunciar aquilo que Venuti chama de “escândalos da tradução”, como veremos adiante.

## 2. ESCÂNDALOS

Três anos após o lançamento de *The Translator's Invisibility*, Venuti volta a discutir e denunciar as condições pouco favoráveis à tradução e ao tradutor no mundo anglófono. Em *The Scandals of Translation* (traduzido para o português sob o título de *Escândalos da Tradução* e publicado no Brasil em 2002), o pensador norte-americano se dedica ao estudo daquilo que denomina “escândalos da tradução”, ou seja, os diversos fatores de ordem cultural, política e econômica que contribuem para a situação de marginalidade da tradução:

Os escândalos da tradução são culturais, econômicos e políticos. São revelados quando se pergunta por que a tradução permanece hoje às margens da pesquisa, dos comentários e dos debates, especialmente (embora não de forma exclusiva) em inglês. Qualquer descrição dessas margens corre o risco de parecer uma mera litania do abuso, a premissa de uma incrível “vitimologia” da tradução e das vítimas que ela deixa em seu rastro. A tradução é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pelas leis de direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas (VENUTI, 2002, p.9-10).

Entre esses “escândalos”, encontram-se a redução dos Estudos da Tradução a uma mera área da linguística, o isolamento institucional da disciplina de Tradução, a noção predominante de autoria, a questão dos direitos autorais e o baixo valor econômico do ofício do tradutor.

Venuti anuncia que a identificação desses escândalos realizou-se a partir de “uma ética que reconhece e procura remediar as assimetrias no ato tradutório, uma teoria de métodos bons e ruins para praticar e estudar a tradução” (2002, p.19). Estamos, novamente, no terreno das dicotomias que separam a boa e a má tradução, a exemplo do que se verifica em *Invisibility*. E, também como acontece em *Invisibility*, Venuti oferece uma teoria que sustenta uma prática alternativa aos “métodos ruins” que, quando aplicados, fariam com que a tradução fosse vista e reconhecida como digna de ser estudada com mais atenção e respeito e fariam, conseqüentemente, com que os próprios tradutores fossem reconhecidos como profissionais e passassem a ser remunerados de forma justa pelo seu trabalho.



Neste capítulo, exploro a continuidade e também as discontinuidades das reflexões de *Invisibility* em *Escândalos* — seja ao incorporar um novo repertório teórico, seja ao atualizar suas considerações — e a maneira como Venuti incorpora um novo repertório conceitual para levar a cabo seu projeto de “expor esses escândalos ao averiguar as relações entre a tradução e uma gama de categorias e práticas que contribuem para seu status marginal atual” (VENUTI, 2002, p.10). Valendo-se de noções propostas centralmente por Deleuze e Guattari (1987)<sup>30</sup> e Lecercle (1990), Venuti deixa de lado suas considerações acerca da invisibilidade do tradutor e o projeto de estrangeirização da tradução e passa a promover as noções de tradução minorizante e resíduo — que, a exemplo das ideias de resistência e estrangeirização, também estão profundamente relacionadas entre si e se alinham à “boa tradução” (VENUTI, 2002, p.28).

Também ampliando e aprofundando reflexões exploradas em *Invisibility*, o último capítulo de *Escândalos*, nos termos da leitura que aqui proponho, procura responder a uma questão que pode ser levantada a partir da análise de *Invisibility*: não estaríamos caindo também numa espécie de hegemonia e etnocentrismo ao adotar uma proposta sistematicamente anti-hegemônica e anti-etnocêntrica de resistência e estrangeirização, pressupondo que aquilo que é bom para os Estados Unidos e para a Inglaterra é bom para toda e qualquer cultura e sociedade? Os motivos para recorrer a uma estratégia de fluência em culturas subordinadas, marginais, pós-coloniais são diversos e específicos, mas uma coisa é certa: nem sempre a adoção de uma tradução domesticadora e fluente se desdobra em um desejo de se posicionar hegemônica e etnocentricamente perante outras culturas. Muitas vezes, a preferência por uma estratégia fluente se deve a um esforço identitário, à necessidade de colocar-se como uma cultura que fala por si, ainda que nesse movimento não seja possível escapar do etnocentrismo e do narcisismo.

Nesse sentido, cabe aqui uma breve consideração sobre o caso do Brasil: é notória a popularidade de Venuti entre os pesquisadores brasileiros, que quase duas décadas após o lançamento de *The Translator's Invisibility* ainda colocam essa obra como referência de inovação na área dos Estudos da Tradução e “guia” que sustenta uma infinidade de projetos de tradução junto à academia. No entanto, a

---

<sup>30</sup> A edição referenciada neste trabalho a partir deste ponto é a tradução brasileira publicada em 1995 e reimpressa em 2000 pela Editora 34.

situação cultural, social, linguística e política de nosso país é extremamente diversa daquelas dos Estados Unidos e da Inglaterra, foco das reflexões de Venuti. Assim, cabe questionar o que significa “estrangeirizar” uma tradução no contexto brasileiro e discutir a produtividade da adoção das propostas de Venuti no âmbito periférico e nada hegemônico em que o Brasil se encontra. Voltarei a essa discussão no item 2.3 deste trabalho.

## **2.1 Tradução minorizante, a boa tradução**

Venuti considera que a posição marginal que a tradução assume em todo o mundo (e sobretudo no contexto anglo-americano) está relacionada ao fato de que ela propicia revelações “que questionam a autoridade de valores culturais e instituições dominantes” (VENUTI, 2002, p.10). Isso só se estabelece a partir de um processo de empoderamento do marginal, quando o discurso não hegemônico é capaz de ultrapassar os diversos estratos culturais, sociais, econômicos, políticos e ideológicos e atingir o centro, questionando-o. É por isso que em *Escândalos da Tradução* Venuti busca justamente a valorização dessa marginalidade da tradução, pois esse movimento “supõe que um estudo da periferia em qualquer cultura pode iluminar e, até mesmo, rever o centro” (2002, p.15).

Para tanto, Venuti destaca os “tradutores-heróis” que recusaram seu papel de cúmplices “na exploração institucional de textos e culturas estrangeiros”, agindo “de forma duvidosa, por conta própria, não a serviço de qualquer burocracia” (2002, p.15). Essa burocracia que Venuti parece desejar enfrentar inclui até mesmo os autores dos textos originais, que muitas vezes são apresentados como indivíduos ingênuos, que não entendem o mecanismo da tradução e nem reconhecem que a tradução coloca em funcionamento uma série de diferenças linguísticas e culturais. Cito o caso de Milan Kundera, explorado por Venuti na introdução do livro (2002, p.16-19), para ilustrar essa postura um tanto condescendente de Venuti em relação aos autores originais.

Segundo Venuti, o romancista tcheco acompanha muito de perto as traduções de suas obras. Venuti destaca o caso da tradução de *The Joke*, publicado originalmente em 1967 e traduzido para o inglês em 1969 e novamente em 1982, por tradutores e editoras distintas<sup>31</sup>. A edição da MacDonald foi criticada por Kundera por ter editado, cortado e reordenado diversos capítulos, enquanto a edição da Harper and Row foi avaliada como “inaceitável”, uma “tradução-adaptação” que, para Kundera, não representava seu próprio texto.

Kundera desaprova as *traduções domesticadoras* de sua obra, que “assimilam de modo muito violento textos literários estrangeiros aos valores dominantes locais, apagando o ar de estrangeiridade que motivou a tradução” (VENUTI, 2002, p.17 sobre KUNDERA, 1988). Ora, se assumimos que é apenas o ar de estrangeiridade que motiva a escolha de um original a ser traduzido, um projeto de tradução já está fadado ao fracasso desde o início, uma vez que o único meio material que temos a nosso dispor para representar essa estrangeiridade é um outro idioma, que sofre as pressões do gosto de outro tempo e de outra cultura e sociedade. Diante disso, Venuti sentencia: “O pensamento de Kundera sobre tradução é de uma ingenuidade notável para um escritor tão finamente sintonizado com os efeitos estilísticos” (2002, p.15). Para o professor norte-americano, Kundera acredita que existe uma intenção do autor em seu texto e que essa intenção pode ser resgatada intacta na outra ponta do processo tradutório — uma posição que é imediatamente rebatida por Venuti, para quem uma tradução sempre comunica uma interpretação de um texto estrangeiro, e não o desvelamento de uma verdade única e imutável de um original. De fato, essa interpretação é marcada por características específicas da cultura de chegada para que se torne compreensível num estilo claramente doméstico. Isso quer dizer que as traduções inevitavelmente realizam um trabalho de domesticação; no entanto, essa domesticação não é necessariamente um extremo etnocêntrico, xenofóbico, imperialista: a tradução abre-se à possibilidade de “recriar valores culturais [...] [e engajar] leitores graças a palavras domésticas que foram de certo modo *desfamiliarizadas* e se tornaram

<sup>31</sup> A tradução publicada em 1969 foi feita por D. Hamblyn e O. Stallybrass e publicada pela MacDonald, editora sediada em Londres; enquanto a tradução publicada em 1982 leva a assinatura de M. H. Heim e foi publicada pela nova iorquina Harper and Row. Poderíamos argumentar que o fato de terem sido publicadas em países distintos poderia nos revelar a motivação por trás de algumas decisões editoriais, no entanto, Venuti sempre iguala os mercados editoriais de Estados Unidos e Inglaterra, o que pode justificar a razão pela qual ele não se aprofundou nesse tipo de análise.

fascinantes devido a um embate revisório com o texto estrangeiro” (2002, p.15-16, grifos meus).

A noção de desfamiliarização, bem como as ideias de despersonalização, desestabilização, desterritorialização e alienação, são bastante caras a Venuti neste momento de sua trajetória intelectual: é preciso desafiar a língua para flagrar onde ela é estrangeira a si mesma. A ideia está diretamente ligada à convicção venutiana de que “a língua nunca é simplesmente um instrumento de comunicação, empregado por indivíduo de acordo com um sistema de regras” (2002, p.24), uma noção que o pensador norte-americano tributa a Deleuze e Guattari, figuras centrais neste ponto de sua reflexão, e que é fundadora de toda uma visão “não instrumental” e “não representacionista” da linguagem, conceitos centrais para as reflexões que Venuti explora mais recentemente em seu trabalho.

O projeto linguístico desses dois pensadores passa pela “esquizofrenização” da linguística em favor da multiplicidade da língua<sup>32</sup>. Em “Postulados da Linguística”, primeiro capítulo de *Mil Platôs* (1995), os autores contrapõem o estudo das constantes da língua à pragmática da fala, do uso efetivo de língua:

Enquanto a linguística se atém a constantes — fonológicas, morfológicas ou sintáticas — relaciona o enunciado a um significante e a enunciação a um sujeito, perdendo, assim, o agenciamento, remete sempre às circunstâncias do exterior, fecha a língua sobre si (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.21).

Nesse sentido, a pragmática é entendida como uma política de língua, uma estratégia que visa a desterritorializar estruturas cristalizadas e a ilusão de constância do sistema léxico e gramatical descrita pela linguística: “Antes de tudo, a distinção língua-fala foi feita para colocar fora da linguagem todos os tipos de variáveis que trabalham a expressão ou a variação” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.39). A valorização das variantes linguísticas se justifica pelo entendimento de que

---

<sup>32</sup> Devo a Felipe Bó Huthmacher esse breve “roteiro” para a compreensão das ideias de Deleuze e Guattari de forma tão clara. Ainda que não o cite diretamente, esclareço que a seleção das citações e a organização das ideias aqui expostas espelham-se em seu trabalho de doutoramento.

toda e qualquer enunciação é produto de um *agenciamento coletivo*<sup>33</sup> que transforma toda fala em discurso indireto: “Esse é precisamente o valor exemplar do discurso indireto, e sobretudo do discurso indireto ‘livre’: não há contornos distintos nítidos, não há, antes de tudo, inserção de enunciados diferentemente individuados, nem encaixe de sujeitos de enunciação diversos” (1995, p.18, grifados no original). Isso significa que quando alguém fala esse alguém coloca em ação um discurso múltiplo, formado por fragmentos do agenciamento coletivo de enunciação. Essa enunciação coletiva é formada pelos aspectos históricos, geográficos, políticos, poéticos e filosóficos de uma sociedade. O agenciamento coletivo faz as variações trabalharem no interior da língua, desafiando a constância descrita pela linguística:

Uma língua parece se definir pelas constantes fonológicas, sintáticas, que coexistem em seus enunciados; o agenciamento coletivo, ao contrário, concerne ao uso dessas constantes em função das variáveis interiores à própria enunciação (1995, p.26).

Isso nos revela que as variações sofridas por uma língua dependem dos processos intrínsecos desdobrados a partir de agenciamentos coletivos de enunciação.

Nessa linha de raciocínio, também a dicotomia conteúdo-expressão deve ser problematizada: “É justamente porque o conteúdo tem sua forma assim como a expressão, que não se pode jamais atribuir à forma de expressão a simples função de representar, de descrever ou atestar um conteúdo correspondente” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.26). Conteúdo e expressão estão, portanto, diretamente relacionadas a um movimento de desterritorialização, influenciando-se mutuamente: “Expressão e conteúdo, cada um deles é mais ou menos desterritorializado, relativamente desterritorializado segundo o estado de sua forma” (1995, p.28). Com isso, as distinções dicotômicas de uma linguística estrutural são desterritorializadas pelos agenciamentos coletivos de enunciação. Erige-se, com isso, o que Gilles e Deleuze nomeiam a *máquina abstrata da língua*, um processo em que “as pseudoconstantes da língua dão lugar às variáveis de expressão, interiores à própria enunciação; conseqüentemente, essas variáveis de expressão não são mais separáveis das variáveis de conteúdo em perpétua interação” (1995, p.32). Essa máquina abstrata coloca em ação o conjunto de variações da fala, relacionando-se

<sup>33</sup> A tradução da obra de Venuti para o português apresenta o termo “força coletiva” para se referir a esse fenômeno.

com os agenciamentos coletivos de enunciação, definindo-se “como o diagrama desse agenciamento” (1995, p.33). Entendida como processo que articula agenciamentos, a máquina abstrata traça linhas de variação contínuas, enquanto o agenciamento concreto “trata das variáveis, organiza suas relações bastante diversas em função dessas linhas” (1995, p.44). O agenciamento coletivo trabalha a língua em direção à variação; a máquina abstrata, por sua vez, forma o conjunto de constantes por onde a variação produzida por um agenciamento deve necessariamente passar.

Isso significa que não há como separarmos a variabilidade produzida pelos agenciamentos coletivos das constantes produzidas pela máquina abstrata (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.45). Esta é, portanto, uma relação de desterritorialização mútua: “A máquina abstrata não existe mais independentemente do agenciamento, assim como o agenciamento não funciona independentemente da máquina” (1995, p.45). O conceito que dá conta dessa relação diferencial entre língua e fala, conteúdo e expressão, agenciamentos coletivos de enunciação e máquina abstrata da língua recebe o nome de *variável-palavra de ordem*, entendida como a “unidade elementar da linguagem” (1995, p.16) que tem a capacidade de transformar a estrutura de uma língua a partir de um deslocamento que a leva para além de seus limites. Nesse movimento, ela exige um ato criativo: a criação da *língua menor*.

A língua menor é descrita por Deleuze e Guattari como um dialeto intensivo que se vê afetado por uma zona de variação no movimento de desterritorialização da língua maior provocado pela palavra de ordem (1995, p.47). Uma língua menor é, portanto, esgotamento das formalizações sintáticas, léxicas e gramaticais, e também empobrecimento das constantes de uma língua. A língua menor é, portanto, um desafio. Em seu fluxo desterritorializante, cria no interior de uma forma maior uma espécie de língua estrangeira: “Ser bilíngue, multilíngue, mas em uma só e mesma língua [...]. É aí que a linguagem se torna intensiva, puro contínuo de valores e intensidades” (1995, p.42-43). Ressalto que não se trata de duas línguas (uma composta apenas por variáveis e outra apenas por constantes): o que se coloca aqui são dois tratamentos possíveis de uma mesma língua que estabelecem uma relação de desterritorialização recíproca. “Maior” e “menor” não qualificam duas línguas, mas, sim, dois usos ou funções da língua: “[o]ra tratam-se as variáveis de maneira a

extrair delas constantes e relações constantes; ora, de maneira a colocá-las em estado de variação contínua” (1995, p.49).

É preciso esclarecer que as línguas menores não existem em si, mas apenas em relação a uma língua maior; “são investimentos dessa língua para que ela se torne, ela mesma, menor” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p.51). É esse investimento na desterritorialização da língua maior que Venuti objetiva promover com a abordagem exposta em *Escândalos da Tradução*: enquanto força coletiva que circula entre diferentes comunidades culturais e instituições culturais, “qualquer uso da língua é [...] um lugar de relações de poder, uma vez que uma língua, em qualquer momento histórico, é uma conjuntura específica de uma forma maior dominando variáveis menores” (VENUTI, 2002, p.24-25).

A essa conjuntura de especificidades de uma língua maior dominando variáveis menores Venuti chama “resíduo”. Note-se que essa ideia já estava posta no artigo publicado em 1986, “The Translator’s Invisibility”, mas é em *Escândalos da Tradução* que Venuti volta a esse tópico utilizando a nomenclatura estabelecida por Lecercle (1990)<sup>34</sup>: “O resíduo subverte a forma maior revelando-a como social e historicamente situada, ao representar o retorno, no interior da língua, das contradições e lutas que formam o social e ao incluir também a antecipação das contradições futuras” (VENUTI, 2002, p.25). Assim, o resíduo é capaz de despir a língua de sua aparência imparcial, deixando visíveis as marcas do tempo em que foi produzido o texto, da situação social e econômica de seu produtor e também da cultura de que ele faz parte. Ainda além, “o resíduo, a possibilidade de variação em qualquer conjuntura linguística, significa que o tradutor trabalha numa relação assimétrica, sempre cooperando mais com a cultura doméstica do que com a cultura estrangeira e, em geral, com uma entre outras comunidades” (VENUTI, 2002, p. 48).

Um texto literário, portanto, coloca em funcionamento as formas coletivas que, por sua própria natureza, despersonalizam e desestabilizam o significado. Venuti lembra que a literatura é eleita como o foco de sua atenção neste momento por ser “o texto mais estilisticamente inovador que faz a intervenção mais notável numa

---

<sup>34</sup> Refiro-me ao termo “remainder”, no original. Reproduzo a nota dos tradutores: “O termo ‘resíduo’ aparece pela primeira vez neste trecho quando Venuti (ao inseri-lo) retoma o uso feito por J. J. Lecercle no livro *The violence of language*, 1990. Em português poderemos traduzi-lo como resíduo ou resto. Nossa opção foi ‘resíduo’” (Nota dos tradutores em VENUTI, 2002, p.25).

conjuntura linguística, ao expor as condições contraditórias do dialeto-padrão, do cânone literário, da cultura dominante, da língua maior” (VENUTI, 2002, p.25). A língua, por sua vez, é caracterizada como a multiplicidade de formas do passado e do presente, uma “diacronia-dentro-da-sincronia” (LECERCLE, 1990 apud VENUTI, 2002, p.25-26):

a língua é um contínuo de dialetos, registros, estilos e discursos, dispostos numa hierarquia, e desenvolvendo-se em diferentes velocidades e de diferentes maneiras. A tradução, como qualquer uso da língua, é uma seleção acompanhada por exclusões, uma intervenção nas disputas das línguas que constituem qualquer conjuntura histórica (2002, p. 61).

Assim, tanto literatura original quanto a traduzida tem a potencialidade de liberar o resíduo, e é seu poder de transformar relações assimétricas entre centro e periferia, línguas maiores e menores, literaturas maiores e menores que tomam o centro da reflexão de Venuti:

Ao liberar o resíduo, uma literatura menor indica onde a língua maior é estrangeira a si mesma. É essa evocação do estrangeiro que me atrai para as literaturas menores nos meus projetos de tradução. Prefiro traduzir textos estrangeiros que possuem status de minoridade em suas culturas, uma posição marginal em seus cânones nativos — ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano (VENUTI, 2002, p.26).

Diante disso, Venuti anuncia sua agenda política para *Escândalos*:

Essa preferência provém, parcialmente, de uma agenda política que é amplamente democrática: uma oposição à hegemonia global do inglês. A ascendência econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias em relação à sua língua e cultura. O inglês é a língua mais traduzida em todo o mundo, mas para a qual menos se traduz, uma situação que identifica a tradução como um lugar potencial de variação (VENUTI, 2002, p.26).



## 2.2 Da estrangeirização à minorização: paralelos

Esses objetivos estão bastante alinhados àqueles descritos em *The Translator's Invisibility* (2008). Sua agenda política, intitulada “tradução minorizante”, não pretende conquistar as línguas e literaturas menores, nem erguer um novo padrão ou estabelecer um novo cânone. Longe disso: a tradução minorizante visa a promover a inovação cultural e o entendimento da diferença cultural ao proliferar variáveis dentro da língua inglesa (2002, p.26). A meu ver, essa defesa da promoção de uma *outra* voz no âmbito da cultura anglo-americana corre em paralelo com a defesa de uma prática de tradução estrangeirizadora, a única que ofereceria a possibilidade de “refletir sobre suas condições, os dialetos domésticos e discursos em que ela é escrita e a situação doméstica em que é lida” (2008, p.312).

A descrição do *modus operandi* do tradutor que deseja levar adiante essa agenda política proposta por Venuti também está de acordo com as ideias promovidas em *Invisibility*, como pretendo demonstrar nos próximos parágrafos. Iniciamos pelo “primeiro passo”, a seleção do material a ser traduzido e das ferramentas linguísticas que serão empregadas para fazê-lo:

Para abalar o domínio do inglês, o tradutor deve ser estratégico tanto na seleção de textos estrangeiros quanto no desenvolvimento de discursos para traduzi-lo. [...] Os textos estrangeiros que são estilisticamente inovadores convidam o tradutor de língua inglesa a criar socioletos marcados por diversos dialetos, registros e estilos, inventando um conjunto que questiona a aparente unidade do inglês-padrão (VENUTI, 2002, p.26-27).

Ou seja, a seleção do material a ser traduzido de certa forma condiciona a abordagem discursiva escolhida para traduzi-lo. De nada valeria escolher um texto “estilisticamente inovador” se o tradutor optasse por traduzi-lo a partir de uma perspectiva fluente, domesticadora: a inovação que esse texto introduz se perderia em meio à assimilação de seus recursos estilísticos ao discurso canônico na cultura de chegada.

Mais adiante, Venuti volta a explicitar o passo a passo desse seu projeto tradutório:

A tradução com frequência é vista com suspeita porque, inevitavelmente, domestica textos estrangeiros, inscrevendo neles valores linguísticos e culturais inteligíveis para comunidades domésticas específicas. Esse processo de inscrição opera em cada um dos estágios: na produção, circulação e recepção da tradução. Tem início já na própria escolha do texto estrangeiro a ser traduzido, sempre uma exclusão de outros textos e literaturas estrangeiras, que responde a interesses domésticos particulares. Continua de forma mais contundente no desenvolvimento de uma estratégia de tradução que reescreve o texto estrangeiro em discursos e dialetos domésticos, sempre uma escolha de certos valores domésticos em detrimento de outros. E complica-se um pouco mais graças às formas diversas nas quais a tradução é publicada, revista, lida e ensinada, produzindo efeitos políticos e culturais que variam de acordo com diferentes contextos institucionais e posições sociais (VENUTI, 2002, p.129-130).

A partir dessa seleção politicamente orientada, o processo ideal de tradução ocorreria da seguinte maneira: o tradutor, ao traduzir um texto, consideraria os objetivos que aquela tradução deve atingir e faria suas escolhas tradutórias, optando entre privilegiar o dialeto padrão ou um dos dialetos marginais/não padrão, a depender dos efeitos que pretende produzir e dos objetivos que busca alcançar com sua tradução. Um tradutor que compactua com as ideias de Venuti, dessa forma, deveria aderir ao uso do resíduo e privilegiar dialetos marginais, introduzindo a diferença, a heterogeneidade no dialeto padrão. Como ele mesmo explica, é preciso manifestar a estrangeiridade do texto estrangeiro, e essa manifestação se dá com a liberação do resíduo. Venuti aponta que pela liberação do resíduo se pode manifestar a estrangeiridade do texto estrangeiro:

A boa tradução é desmitificadora: manifesta em sua própria língua a estrangeiridade do texto estrangeiro. Essa manifestação pode ocorrer por meio da seleção de um texto cuja forma e tema desviam-se dos cânones literários domésticos. Mas sua ocorrência mais decisiva depende de introduzir variações que alienam a língua doméstica e, visto que são domésticas, revelam a tradução como sendo de fato uma tradução, distinta do texto que ela substitui (2002, p.27-28).

A liberação do resíduo, a utilização de variações que alienam o dialeto padrão, que o tornam estranho a si mesmo, supostamente causaria no leitor um

estranhamento e o faria perceber que o texto não foi originalmente escrito em sua língua. Dessa forma, causando esse estranhamento, marcando essa heterogeneidade dentro da própria língua, o resíduo chamaria a atenção do leitor para a *estrangeiridade* do texto estrangeiro. Fazendo o leitor perceber que o texto que lê teve origem em outro país, em outra língua, o resíduo evidenciaria a tradução, contribuindo para o seu reconhecimento enquanto tal e sua consequente valorização, já que, para Venuti, a tradução não é valorizada, entre outras coisas, porque não é reconhecida, ou seja, se os leitores passassem a perceber que aquilo que leem são traduções, eles passariam a ver sua importância e a valorizá-la. Desse modo, a tradução não deixaria de assimilar o texto estrangeiro à língua para a qual se está traduzindo, mas, com a liberação do resíduo, revelaria a existência desse texto estrangeiro por trás dela.

O autor propõe, assim, que os tradutores façam uso estratégico de elementos minorizantes (2002, p. 29) em seu trabalho e, desse modo, façam com que a tradução seja visível, deixando de ser entendida pelos leitores como algo escrito originalmente na língua de chegada, ou seja, como se não fosse um texto traduzido; isso alteraria os padrões de leitura e faria com que a tradução deixasse de ser vista como algo menor. Como o próprio autor explica,

o objetivo é, basicamente, alterar os padrões de leitura, forçando a um reconhecimento que não seja desprazeroso da tradução entre as comunidades que, apesar de possuírem valores culturais diferentes, compartilham, contudo, de uma antiga resistência em reconhecê-la (2002, p. 30).

Ora, esse esforço de tornar a tradução reconhecível como tal não foi descrito também para rejeitar a invisibilidade do tradutor no trabalho anterior? Nessa liberação de resíduo o tradutor também se coloca, se revela no texto. Essa breve descrição do *modus operandi* do tradutor-herói descrito em *Escândalos* já nos permite observar a grande relação entre essa obra e as ideias exploradas em *Invisibility*: a “utilização estratégica de elementos minorizantes” soa como a adoção de uma estratégia de tradução resistente, uma escrita que “[sinaliza] diferenças linguísticas e culturais” para “[abalar] as hierarquias na língua de tradução” (VENUTI,

2008, p.266), uma vez que são esses elementos minorizantes e essas diferenças linguísticas e culturais que revelam a estrangeiridade no texto traduzido. O resultado da adoção dessas estratégias textuais é a liberação do resíduo, aquilo que revela o caráter diferencial, estrangeiro a si mesmo da língua — algo que, em meu entendimento, é o objetivo também da postura estrangeirizadora perante uma tradução.

Essas ideias de um *modus operandi* da tradução minorizante (ou seja, seleção de material e de um discurso específicos) já se desenhavam em *Invisibility*:

A busca por alternativas à tradição domesticadora na tradução de língua inglesa pode localizar diferentes tipos de práticas estrangeirizadoras, tanto no que diz respeito à *escolha de textos* quanto à *invenção de discursos tradutórios*. Um tradutor pode sinalizar a estrangeiridade do texto estrangeiro não apenas ao usar uma estratégia discursiva que não se alinha aos discursos prevalentes (por exemplo, denso arcaísmo em oposição à transparência dependente do uso padrão contemporâneo), como também ao escolher traduzir um texto que desafia o cânone contemporâneo de literatura estrangeira na língua de tradução. Estrangeirizar traduções é uma prática cultural dissidente, que recusa o dominante ao desenvolver afiliações com valores linguísticos marginais e valores culturais na situação de chegada, incluindo culturas estrangeiras que foram excluídas por causa de suas diferenças efetivamente constitui uma resistência a valores dominantes (VENUTI, 2008, p.125, grifos meus).

A descrição do que seriam esses elementos minorizantes também se aproxima bastante da defesa de uma escrita resistente. Tomemos as traduções feitas pelo próprio Venuti como exemplo desses conceitos. O primeiro exemplo vem da segunda parte do sexto capítulo de *Invisibility*, “*Simpatico*” (p.237-264). Nele, Venuti descreve seu projeto de tradução dos poemas do milanês Milo De Angelis<sup>35</sup>. A decisão de traduzir a obra desse poeta está diretamente relacionada ao desejo de desafiar as práticas de tradução vigentes nos Estados Unidos e na Inglaterra.

<sup>35</sup> Nascido em 1951, De Angelis fez sua estreia em 1975, quando foi convidado a participar do *L'almanacco dello Specchio*, uma prestigiada revista anual publicada por uma das maiores e mais respeitadas editoras italianas, a Arnoldo Mondadori Editore. A antologia reunia grandes nomes da poesia mundial e a edição de estreia de De Angelis contou também com poemas de Eugenio Montale e Pier Paolo Pasolini, além de traduções para o italiano de poemas de Marina Tsvetayeva, Paul Celan e Robert Bly. O primeiro livro de De Angelis, *Somiglianze*, foi publicado em 1976. De Angelis, cuja escrita é classificada como “experimental”, é frequentemente associado à segunda geração do grupo que ficou conhecido como “I novissimi”, formado por poetas que, escrevendo após a Segunda Guerra Mundial, são considerados parte da principal manifestação literária italiana do século XX.

Quando me deparei com a antologia dos poemas de De Angelis publicada em 1975 e então consegui seu primeiro livro, o que mais me impressionou foi o fato de que em todos os níveis — linguístico, formal, estético — seus poemas lançam um desafio decisivo à estética centrada no poeta. Suas quebras de linha abruptas e peculiaridades sintáticas, sua mistura obscura de abstração, metáfora e diálogo lhes dão uma opacidade que ameaça qualquer senso de uma voz coerente. Eles não convidam o leitor à participação vicária e, na realidade, frustram qualquer leitura que os trata como a expressão controlada de uma personalidade ou intenção autoral (VENUTI, 2008, p.248).

Sabe-se que Venuti coloca-se veementemente contra o padrão de língua fluente que, em sua avaliação, estabeleceu-se como norma a partir das primeiras décadas do século XX, que ignora as experiências linguísticas que acompanharam o advento do Modernismo. Assim, traduzir um poeta tão experimental para o público leitor de língua inglesa é uma escolha estratégica, que visa a questionar a cultura anglo-americana há tanto estabelecida: “O que a poesia de De Angelis mostra aos leitores ingleses e norte-americanos, como todo o desconforto do ininteligível, é que a cultura europeia se distanciou decisivamente do romantismo em suas manifestações tanto no século XIX quanto no século XX” (VENUTI, 2002, p.253). Segundo os objetivos descritos pela “boa tradução”, a escolha dos textos desse poeta em particular também concorda com a recomendação da adoção de uma “seleção estratégica” de textos para “abalar o domínio do inglês”.

O desafio seria, a partir disso, decidir qual teoria informaria a estratégia de tradução e governaria as escolhas de Venuti ao longo do processo tradutório (VENUTI, 2008, p.251). Venuti (evidentemente) optou pela rejeição de uma estratégia fluente e pôs-se a traduzir os poemas de De Angelis informado por uma estratégia resistente. O resultado pode ser verificado no poema “L’idea centrale”:

È venuta in mente (ma per caso, per l’odore  
di alcool e le bende)  
questo darsi da fare premuroso  
nonostante.  
E ancora, davanti a tutti, si sceglieva  
tra le azioni e il loro senso.  
Ma per caso.  
Esseri dispotici regalavano il centro  
distrattamente, con una radiografia,  
e in sogno padroni minacciosi  
sibilanti:  
“se ti togliamo ciò che non è tuo

non ti rimane niente.”

(DE ANGELIS, 1975 apud VENUTI, 2008, p.249)

The central idea

Came to mind (but by chance, because of the scent

Of alcohol and the bandages)

This careful busying of oneself

Notwithstanding.

And still, in front of everybody, there was choosing

Between the actions and their meaning.

But by chance.

Despotic beings made a gift of the center

Absentmindedly, with an x-ray,

And in a dream threatening bosses

Hissing:

“if we take from you what isn’t yours

You’ll have nothing left.”

(DE ANGELIS, 1975 em tradução de VENUTI, 1995 apud VENUTI, 2008, p.249)

Venuti justifica a opção pela estratégia resistente, eficiente na tentativa de reproduzir a descontinuidade do poema de De Angelis. Ele vai ainda além e diz que “a tradução é, sem dúvida, ainda mais descontínua com a omissão de um sujeito e de um verbo” (2008, p.251). Venuti também procurou as opções mais resistentes para sublinhar as quebras de linha abruptas e seu efeito previsto, o de quebrar as expectativas do leitor. Ele descreve:

Na linha 1 “scent”, definido de forma tão vaga que pode até aludir à possibilidade de se revelar algo agradável, substituiu duas escolhas anteriores, “smell” e “odor”, que carregam conotações fortemente negativas e por isso entregam muito rapidamente o ameaçador “alcohol”, reduzindo o poder que este último termo teria de evocar surpresa e medo. De modo semelhante, uma versão anterior da linha 9 começava com “carelessly”, mas este termo acabou sendo substituído pelo mais ressonante “absentmindedly”, que parece não apenas inexplicável no contexto de “gift”, como também alarmante: uma vez que o “gift” carrega as importantes associações cognitivas de “center”, o termo oferece ao leitor a promessa de inteligibilidade, de alguma luz lançada sobre o título — o que, no entanto, é rapidamente traída pela ideia de “absentmindedly” (2008, p.251-252).

E também:

Certas características da sintaxe em minha tradução a tornam mais estranha que o original italiano de De Angelis. Sua primeira linha tem um verbo sem um sujeito — “È venuta” —, o que é gramaticalmente aceitável e

inteligível em italiano porque essa conjugação em particular indica o gênero do sujeito, neste caso feminino, quase imediatamente levando o leitor de língua italiana ao último substantivo feminino, que está no título, “L’idea”. Sentenças sem sujeito em inglês são gramaticalmente incorretas, portanto, eu estava na verdade me deslocando para longe do texto estrangeiro, ou menos tornando-o mais difícil, mais peculiar. “È venuta” parece fluente ao leitor de língua italiana, o “e” em caixa alta indicando que ali começa uma sentença, enquanto a violação gramatical em “came to mind” (em caixa baixa) faz a expressão parecer não idiomática ou resistente ao leitor de língua inglesa — mesmo sendo apenas um efeito inicial, que eventualmente forçará mais uma olhada no título para procurar o significado. Minha tradução tem uma sutileza sintática em relação à versão italiana — a ausência qualquer sujeito explícito — e a distorce, dando ênfase exagerada àquilo que apenas indicado em italiano: que a ideia central mantém-se fora do poema porque nunca é explicitamente mencionada, talvez porque ela não pode ser, porque ela questiona qualquer forma de representação, seja na linguagem, seja em raios-x (2008, p.253).

A avaliação de Venuti é que suas traduções foram pautadas por aquilo que Phillip Lewis definiu como “fidelidade abusiva”, na qual o tradutor que tem como objetivo recriar analogicamente o “abuso” que acontece na língua de partida acaba “forçando o sistema linguístico e conceitual da qual a tradução depende” ao mesmo tempo em que “dirige um impulso crítico na direção do texto que traduz” (LEWIS, 1985 apud VENUTI, 2008, p.252). Com esse “abuso” do texto traduzido em relação ao original italiano, a tradução “resiste à estética transparente das culturas inglesa e norte-americana, que tentariam domesticar a difícil escrita de De Angelis por meio de uma estratégia fluente”, bem como “cria resistência em relação ao texto de De Angelis, qualificando seu significado com adições e subtrações que constituem um ‘impulso crítico’ a ele” (VENUTI, 2008, p.252).

Venuti declara que, ao adotar uma estratégia resistente para traduzir a poesia de De Angelis, ele de fato desafiou as normas estéticas da situação de recepção, tornando-se um “nômade em [seu] próprio idioma, um fugitivo da língua materna” (2002, p.252). “A resistência”, ele assegura, “faz da tradução para a língua inglesa uma política cultural dissidente, enquanto estratégias fluentes e discursos transparentes rotineiramente produzem uma mistificação dos textos estrangeiros” (2002, p.252). O caso específico da tradução de De Angelis dá um passo além: a intervenção política toma a forma de uma utilização *menor* de uma língua *maior*. Assim, a ideia de “tornar-se nômade em seu próprio idioma” cabe perfeitamente nas ideias de desterritorialização de Deleuze e Guattari, que são mencionados brevemente neste ponto de seu texto: “Mesmo quando maior, uma língua está

aberta à intensa utilização que a faz levantar voo a partir de uma criativa rota de fuga, que não importa quão lentamente ou quão cuidadosamente, pode agora declarar uma absoluta desterritorialização” (DELUZE & GUATTARI, 1986 apud VENUTI, 2008, p.263). As traduções de Venuti obviamente nunca estarão libertas da língua inglesa e das restrições linguísticas e culturais que ela impõe à poesia e à tradução, mas isso não importa nesse movimento: a tradução de Venuti

resiste à hegemonia do discurso transparente das culturas de língua inglesa, e o fazem *de dentro* ao desterritorializar a própria língua de tradução, questionando seu status de língua maior ao utilizá-la como o veículo de ideias e técnicas discursivas que permanecem menores dentro dela, minorizando a língua maior ao abri-la às formas fora do padrão que ela exclui (VENUTI, 2002, p.263).

O mesmo ímpeto de fazer do inglês o veículo para a transformação do próprio inglês se demonstra na tradução de Venuti para os *Racconti fantastici* do também italiano Igino Ugo Tarchetti. Seguindo a lógica de uma “receita” para a “boa tradução”, Venuti justifica a escolha do texto da seguinte forma:

Desde o início, o que me atraiu foi seu status minorizante, tanto em sua própria época como agora. Membro da subcultura boêmia milanesa chamada *scapigliatura* (de *scapigliato*, que significa “desalinhado”), Tarchetti buscou desordenar o dialeto-padrão toscano ao usá-lo para escrever em gêneros literários marginais: enquanto o discurso dominante ficcional na Itália era o realismo sentimental do romance histórico de Alessandro Manzoni, *I promessi sposi* (*The Betrothed*), Tarchetti dava preferência à narrativa gótica e ao realismo experimental de romancistas franceses como Flaubert e Zola. Os padrões italianos contra os quais Tarchetti se revoltava não eram somente linguísticos e literários, mas também morais e políticos: enquanto Manzotti defendia uma posição a favor de um providencialismo cristão, recomendando o amor conjugal e a submissão resignada diante do status quo, Tarchetti objetivava chocar a burguesia italiana, rejeitando o bom senso e a decência para explorar o sonho e a insanidade, a violência e a sexualidade aberrante, zombando da convenção social e imaginando mundos fantásticos onde a injustiça social era exposta e desafiada. Foi admirado por seus contemporâneos e, em meio ao nacionalismo cultural que caracterizava a Itália recém-unificada, logo foi admitido no cânone da literatura mundial. Contudo, mesmo como canônico, permaneceu como uma figura menor: recebe tratamento breve, às vezes desdenhoso, nos manuais convencionais de história literária, e seu trabalho não consegue ressurgir nos debates mais provocadores das letras italianas hoje (VENUTI, 2002, p.31).



Venuti decide, então, que “um projeto envolvendo Tarchetti teria um efeito minorizante em inglês”, pois “sua escritura era capaz de desordenar os valores domésticos predominantes ao mover-se entre comunidades culturais” (2002, p.31). Desse modo, ao traduzir os *Racconti Fantastici*, o pensador norte-americano optou por uma seleção da obra de Tarchetti no gênero da novela gótica, o que poderia lançar nova luz sobre as tradições e tendências desse tipo de narrativa. Venuti descreve o gênero nos seguintes termos:

Inicialmente considerado literatura de classe média na Grã Bretanha (Ann Radcliff), o gótico foi adotado por muitos escritores canônicos (E. T. A. Hoffmann, Edgar Allan Poe, Théophile Gautier) e desde então tem passado por vários renascimentos, alguns que satisfazem o interesse da alta intelectualidade no refinamento formal (Eudora Welty, Patrick McGrath), outros oferecendo o prazer popular da identificação via empatia (Anne Rice, Stephen King) (2002, p.32).

A opção por traduzir Tarchetti também se sustenta na crença de que esse projeto desafiaria o cânone de literatura italiana do século XIX em inglês, há muito dominado por Manzoni e Giuseppe Verga, ambos associados ao realismo. No entanto, vale notar um “detalhe” que Venuti deixou fora de seu *Escândalos: Fantastic Tales* apresenta uma seleção de contos diferente do original italiano.

Venuti é responsável por introduzir na cultura anglo-americana o autor italiano e, em 1994, Venuti traduz o romance *Fosca* (1869), em inglês *Passion* e, dois anos antes, em 1992, traduz uma antologia de contos intitulada *Fantastic Tales* (1869), que, apesar de ser uma tradução ao pé da letra de *Racconti Fantastici* (1869), antologia de contos e de pensamento de Tarchetti, não corresponde em conteúdo ao texto italiano. O *Racconti Fantastici* original conta com cinco contos (“I fatali”, “Le leggende del castello nero”, “La lettera U”, “Un osso di morto” e “Uno spirito in un lampone”) e com uma seleção de *Pensieri* divididos em temas (L’Amore, La Donna, Felicità e Dolore, La Vita, La Fede e, finalmente, Pensieri Diversi). No *Fantastic Tales* de Venuti há nove contos de Tarchetti traduzidos (“The Legends of the Black Castle”; “Captain Gubart’s Fortune”; “A Spirit in a Raspberry”; “Bouvard”; “A Dead Man’s Bone”; “The Lake of the Three Lampreys”; “The Elixir of Imortality”, esse, na verdade um plágio retraduzido de Mary Shelley; “The Letter U” e “The Fated”) e os contos “The Burgomaster in the Bottle” de Émile Erckmann e Louis-Alexandre Chatrian, “The Mummy’s Foot” de Théophile Gautier e um texto biográfico escrito por Salvatore Farina intitulado “Igino Ugo Tarchetti (1939-1869)” (FREITAS, 2013, p. 173)

As escolhas foram justificadas no prefácio à tradução, no entanto, Venuti não comenta a omissão dos *Pensieri*. Ainda nesse prefácio, Venuti afirma a condição de marginalidade de Tarchetti no cenário cultural italiano, considerado um “autor menor” e um “eterno excluído” dos manuais de história literária na Itália (FREITAS, 2013, p.174). Ainda segundo Freitas,

a condição de marginalidade no cenário literário de origem e a inexistência no âmbito anglófono, sobretudo, nos Estados Unidos, representam motivo suficiente para a empreitada de Venuti e, mais que isso, estão de acordo com a sua ideologia (2013, p.174).

Na condição de responsável por introduzir Tarchetti no mundo de língua inglesa, Venuti acredita que deve fazê-lo seguindo uma agenda própria. Assim,

[t]raduzido, Tarchetti pode certamente competir contra sua marginalidade italiana, porém apenas assumindo uma identidade que é uma colcha de retalhos de dialetos e discursos em inglês, tornando-se um tipo de anglo-italiano, um estrangeiro com um visto de trabalho e uma língua estrangeira que deixa suas marcas peculiares na escrita do tradutor (VENUTI, 1992 apud FREITAS, 2013, p.174).

Essa ideia é retomada nas doze páginas que dedica à tradução de Tarchetti em *Escândalos da Tradução*. Novamente falando sobre as decisões textuais nesta tradução, Venuti afirma que ela exigiu “o desenvolvimento de um discurso tradutório que submeteu o dialeto-padrão do inglês a uma variação contínua” (2002, p.33). Isso significa que, desde o início, o uso de arcaísmos seria interessante para demarcar a distância temporal dos textos italianos, ou seja, “sua emergência numa situação cultural diferente num momentos histórico diferente” (2002, p.33). No entanto, Venuti alerta que qualquer arcaísmo “teria de ser extraído da história do inglês, teria de significar numa situação corrente da língua inglesa e, portanto, liberaria um resíduo literário distinto” (2002, p.33). Sua estratégia, portanto, foi assimilar

os textos italianos à tradição gótica nas literaturas britânica e americana, ao tomar como modelos para [sua] sintaxe e léxico a prosa de escritores como Mary Shelley e Poe, revisitando seus trabalhos em busca de palavras e frases que poderiam ser incorporadas na tradução (2002, p.33).

Venuti alerta que a “inspiração” nas obras de Mary Shelley e Poe não significa que o texto foi assimilado aos padrões de escritura da cultura anglo-americana: ele procurou manter-se próximo da sintaxe do italiano, além de utilizar um vocabulário arcaico para chamar atenção sobre sua estratégia discursiva: “O discurso tradutório de *Fantastic Tales* afasta-se notavelmente do inglês-padrão corrente, não o suficiente, contudo, para que se torne incompreensível para a maioria dos leitores contemporâneos” (2002, p.35).

Porém, é outro dado que nos chama atenção nessa estratégia tradutória de assumir o modelo de Poe e Shelley como padrão para o texto de Tarchetti: no universo literário gótico em língua inglesa, Mary Shelley e Poe não poderiam ser mais canônicos. Se a opção de Venuti é sempre a de resistência em relação ao que é considerado canônico na cultura anglo-americana, sua decisão de lançar mão dos mesmos recursos textuais empregados por Mary Shelley e Poe parece paradoxal.

Mais paradoxal ainda foi a sua atitude em relação às resenhas dessa tradução citadas no livro. Essas resenhas indicam que o arcaísmo introduzido por Venuti foi registrado na experiência de leitura, não somente por situar os contos de Tarchetti num passado remoto, mas por compará-los implicitamente ao gótico da língua inglesa. O arcaísmo aparentemente chamou a atenção para a tradução como tradução, o que foi pontuado nas resenhas da *Village Voice*, que notou a “redação atmosférica das traduções”, e da *The New Yorker*, para quem “a tradução destila um estilo gótico nunca ouvido antes, uma mistura de sombras do norte e de luz tênue do sul”. Venuti diz, com certa satisfação, que algumas resenhas dedicadas à sua tradução afirmam que ela seria mais apreciada por uma elite intelectual: “Tais resenhas sugerem que o experimento formal na tradução foi apreciado de forma mais profunda pela elite cultural, leitores com uma educação literária, quando não por acadêmicos com interesse de especialistas” (VENUTI, 2002, p.36).

Ora, dirigir-se a uma elite intelectual burguesa não foi exatamente a crítica que Venuti faz a Schleiermacher e sua conferência “Sobre os Diferentes Métodos da

Tradução”, como vimos anteriormente? Se Venuti critica Schleiermacher por ele se dirigir a uma elite intelectual, acadêmica e burguesa para levar adiante uma prática de tradução inscrita em uma agenda política-cultural, o que diferencia a sua tradução voltada para a elite cultural, leitores com uma educação literária e acadêmicos com interesse de especialistas do projeto de Schleiermacher?

Vale ressaltar, também, que nem sempre o público imaginado por Venuti consegue “captar” os efeitos que ele procura inscrever em seu texto. Pym, falando sobre a tradução que Venuti fez para os poemas de De Angelis, revela que acredita “ter perdido muita coisa” (PYM, 2010, sem páginas numeradas). Ele apresenta como exemplo o seguinte comentário de Venuti: “Minha interpretação de ‘L’idea centrale’ defende que ela reflete o conceito heideggeriano de ‘ser-para-a-morte’, mas que De Angelis submete esse conceito à uma revisão nietzschiana” (VENUTI, 2008, p.253). Sobre essa explicação, Pym comenta:

Com certo constrangimento, confesso que não peguei isso na minha primeira leitura da tradução. Claro, eu deveria ter visto o uso que Venuti faz de “careful” para traduzir *premuroso* como referência ao termo “care” para traduzir o *Sorge* de Heidegger. E o verso estranhamento sem sujeito “there was choosing” (traduzindo *si sceglieva*) deveria imediatamente ter me remetido a Nietzsche. Mas isso não aconteceu (PYM, 2010, sem páginas numeradas).

Ainda de modo bastante sarcástico, Pym comemora o fato de que há a figura do tradutor-teórico para explicar o que o leitor deve procurar em uma obra traduzida:

Se não tivéssemos a teoria, dependeríamos apenas das próprias traduções, tolamente caindo naquilo que Venuti identifica como “a afirmação anti-intelectual do valor estético como autoevidente”. Imagine só, se o valor estético fosse mesmo autoevidente, provavelmente leríamos as traduções sem nem mesmo recorrer às explicações do teórico. [...] Felizmente, já que a teoria está aqui, agora podemos ler as traduções sabendo o que devemos procurar nelas (PYM, 2010, sem páginas numeradas).

O argumento que encerra esse parágrafo é o que considero o ponto principal da argumentação de Pym: “Por causa da teoria, o tradutor se torna visível” (PYM,

2010, sem páginas numeradas). Se é apenas a partir da explicação pormenorizada do tradutor que o leitor conseguiria recuperar todo o mecanismo da tradução minorizante, então tradução e crítica deveriam necessariamente ser indissociáveis para que os objetivos dessa tradução sejam cumpridos. Assim, cada tradução exigiria um grande arsenal de paratextos (prefácios, notas de rodapé, guias de leitura) para ser compreendida como um movimento anti-hegemônico. Em se tratando de uma tradução realizada por Venuti, essa é uma possibilidade real — publique a tradução, publique um livro sobre ela. Mas e os tradutores que não escrevem a partir de um lugar privilegiado como o de Venuti? Venuti é professor universitário, editor de uma coleção sobre tradução em uma editora voltada para o público acadêmico, tradutor premiado internacionalmente. Qual é a possibilidade de levar adiante o projeto de uma tradução minorizante quando o tradutor não tem o mesmo status de Venuti?

O que tentei demonstrar até este ponto foi a proximidade dos projetos tradutórios descritos em dois momentos diferentes de sua trajetória intelectual — a tradução dos poemas de De Angelis analisada em *The Translator's Invisibility* e as traduções dos contos de Tarchetti em *Escândalos da Tradução*. Observa-se que já em *Translator's Invisibility* Venuti tem como horizonte as propostas de Deleuze e Guattari quanto a línguas e literaturas menores, o que vai se desenrolar, em *Escândalos da Tradução*, no projeto de tradução minorizante. Da mesma forma como em *The Translator's Invisibility* a estrangeirização e a resistência estão alinhadas à “boa tradução”, em *Escândalos da Tradução* é a tradução minorizante que se anuncia como a boa prática. Como espero ter demonstrado, as ferramentas para efetivar esses projetos são muito semelhantes, bem como os objetivos vislumbrados pela adoção dessas “boas” práticas de tradução.

Venuti praticamente não faz menção à obra anterior em *Os Escândalos da Tradução*, até mesmo ignorando os conceitos-chave que nortearam as ideias em *The Translator's Invisibility*, e chamando-os pouquíssimas vezes à discussão. Destaco o seguinte trecho para sustentar minha impressão:

[...] na medida em que o tradutor deve focalizar-se nas comunidades culturais e linguísticas do texto estrangeiro, a tradução pode também

provocar o medo de que o autor estrangeiro não seja original, mas derivado, fundamentalmente dependente de materiais preexistentes. É em parte para controlar esses medos que as práticas de tradução em língua inglesa (entre muitas outras) têm com frequência objetivado sua própria ocultação, pelo menos desde o século XVII, desde John Dryden (VENUTI, 1995a; Berman, 1985). Na prática, o fato da tradução é apagado pela supressão das diferenças culturais e linguísticas do texto estrangeiro, assimilando-as a valores dominantes na cultura da língua-alvo, tornando-a reconhecível e, portanto, aparentemente não traduzida. Com essa *domesticação* o texto traduzido passa como se fosse o original, uma expressão da intenção do autor estrangeiro (VENUTI, 2002, p.65-66, grifos meus).

O que Venuti descreve acima não seria o que anteriormente ele chamava *invisibilidade*? O termo não aparece nenhuma vez em todo o *Escândalos da Tradução*<sup>36</sup>. Da mesma forma, também o termo “estrangeirização” é deixado de lado, enquanto o vocabulário associado a “domesticação”, “fluência” e “resistência” é utilizado com certa frequência. Chama a atenção a opção pelos termos “ocultação” e “apagamento” (no original, *concealment* e *erased*, respectivamente) para evitar o léxico ligado à transparência e à invisibilidade, tão frequentes no trabalho anterior. As menções diretas a *The Translator’s Invisibility* aparecem para reforçar seus argumentos quanto à disparidade entre o número de livros traduzidos e livros originais publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra e para retomar as discussões sobre as traduções feitas por Tarchetti, Tytler e Pound<sup>37</sup>.

Em momento algum de seu *Escândalos* Venuti comenta essa transição de seus conceitos teóricos. Assim, resta a seu leitor imaginar hipóteses para esse abandono e novo interesse no projeto da tradução minoritária e nos escândalos da tradução. Um possível caminho para essa investigação seria considerar que a estratégia de estrangeirização tem sido objeto de críticas, tanto em relação ao aspecto formal quanto ao ideológico (como espero ter demonstrado no capítulo anterior deste trabalho). Com respeito ao primeiro, o método defendido por Venuti é muitas vezes *interpretado* como a defesa de um texto truncado, pouco artístico, facilmente classificável como uma “má tradução” ou como “ilegível”. No entanto, em *Escândalos da Tradução*, o teórico tem o cuidado de ressaltar que

<sup>36</sup> Esse dado foi obtido com o auxílio das ferramentas de busca da versão do livro em e-book.

<sup>37</sup> As menções a *The Translator’s Invisibility* aparecem nas páginas 26, 31, 65, 140, 147, 192 e 342 da tradução brasileira.

[u]m projeto tradutório pode se distanciar das normas domésticas a fim de evidenciar a estrangeiridade do texto estrangeiro e criar um público-leitor mais aberto a diferenças linguísticas e culturais —, mas sem ter que recorrer a experiências estilísticas que são tão alienadoras a ponto de causarem o próprio fracasso. O fator-chave é a ambivalência do tradutor em relação às normas domésticas e às práticas institucionais nas quais elas são implementadas, uma relutância em identificar-se completamente com elas aliada a uma determinação em dirigir-se a comunidades culturais diversas, elitizadas e populares (VENUTI, 2002, p. 166).

Assim, podemos imaginar que o abandono do conceito de estrangeirização em *Escândalos da Tradução* poderia ser uma tentativa de Venuti de desassociar suas propostas de práticas de tradução que resultam em textos ilegíveis. Ressalto que essa confusão quanto à “aplicação” de uma postura estrangeirizadora à prática de tradução vem dos leitores de Venuti, uma vez que em momento algum de seu *The Translator’s Invisibility* Venuti defende uma prática de tradução que seja *difícil* para o leitor. Acredito que as reduções e mal entendidos a que suas propostas foram submetidas são fatores que o levaram a escrever três novos e longos parágrafos na segunda edição de *The Translator’s Invisibility* para rebater a impressão de que suas propostas de alguma forma apontavam para a defesa de uma tradução ilegível. Reproduzo o primeiro desses parágrafos:

Ao colocar em prática [a estratégia de estrangeirização], no entanto, a fluência não deve ser simplesmente abandonada, completa e irrevogavelmente, mas, sim, reinventada de formas inovadoras. O tradutor estrangeirizador procura expandir a gama de práticas de traduções não para *frustrar ou impedir a leitura*, e nem para correr o risco de o seu texto ser avaliado como “tradutores”, mas, sim, para criar novas condições de legibilidade. O fato é que o que constitui a tradução fluente muda de um momento histórico para outro e de uma conjuntura cultural para outra, de modo que a tradução que um leitor do século XVIII julgaria facilmente legível dificilmente seria avaliada da mesma forma pelos leitores de hoje. É precisamente a fluência como ela é praticada e reforçada, restrita primeiramente ao dialeto padrão contemporâneo da língua de tradução, que mistifica a tradução e limita a criatividade dos tradutores, exigindo tanto uma interrogação quanto um novo modo de pensá-la para fazer progredir a pesquisa e a prática de tradução (VENUTI, 2008, p.19).

É importante lembrar que a segunda edição de *The Translator’s Invisibility* foi lançada após a publicação de *Escândalos da Tradução* — aquela em 2008, esta em 1998. Importante lembrar também que *Escândalos da Tradução* não teve uma

segunda edição. Isso nos indica que todas as alterações e explicações, bem como os aprofundamentos que Venuti inscreveu na segunda edição de *The Translator's Invisibility*, não se refletiram no texto de *Escândalos da Tradução*. Entendo que é possível que Venuti tenha evitado utilizar os termos “invisibilidade” e “estrangeirização” em *Escândalos da Tradução* justamente para não “propagar” ainda mais os mal-entendidos na recepção de *The Translator's Invisibility*. Uma evidência em favor dessa hipótese é o fato de que em *Translation Changes Everything*, de 2013, ambos os termos aparecem diversas vezes. Em 2013, podemos contar com a possibilidade de que o público que acompanha a trajetória de Venuti já possa ter incorporado e reavaliado as modificações realizadas no texto de *The Translator's Invisibility* cinco anos antes, ou seja, qualquer ponto pouco claro quanto à legibilidade da tradução estrangeirizadora já teve a oportunidade de ser redirecionada.

Assim, uma conclusão possível é que *Escândalos da Tradução* de fato amplia e aprofunda reflexões presentes em *The Translator's Invisibility*, mesmo que nesse movimento deixe de lado conceitos-chave como “invisibilidade” e “estrangeirização”, que serão retomados posteriormente diante dos esclarecimentos feitos em 2008.

### **2.3 A recepção do pensamento de Venuti no Brasil: a tradução em contextos não hegemônicos**

O último capítulo de *Escândalos da Tradução*, intitulado “Globalização” (p.297-355), debruça-se sobre as condições em que a tradução é praticada em outros países do mundo, especialmente naqueles que não ocupam uma posição hegemônica como os Estados Unidos e a Inglaterra, o foco de sua reflexão até então. Venuti faz questão de ressaltar que a prática de tradução nesses casos tem longa tradição:

Em muitos países “em desenvolvimento” (um termo que será usado aqui para indicar uma posição subordinada na economia capitalista global), [a tradução] tem sido compulsória, imposta primeiro pela introdução das línguas coloniais entre as regionais vernáculas e, mais tarde, depois da



descolonização, pela necessidade de tráfego nas línguas francas hegemônicas para preservar a autonomia política e promover o crescimento econômico. Assim, a tradução é uma prática cultural que está profundamente implicada nas relações de dominação e dependência, igualmente capaz de mantê-las ou interrompê-las. A colonização das Américas, da Ásia e da África não poderia ter ocorrido sem intérpretes, tanto nativos quanto coloniais, tampouco sem a tradução de textos efetivos, religiosos, legais, educacionais (VENUTI, 2002, p.297)

O pensador norte-americano também nos lembra de que as traduções desempenham papel crucial no enriquecimento de línguas e literaturas autóctones, incentivando a leitura, o ensino e os mercados editoriais locais. Para as culturas letradas com meios de comunicação avançados ou ainda se estabelecendo, as traduções aqueceram a economia por meio de acordos lucrativos com editores multinacionais e companhias cinematográficas e televisivas, “sustentando o desenvolvimento industrial ao construírem públicos-leitores da língua nativa para os produtos culturais de países hegemônicos” (VENUTI, 2002, p.298).

Esta é a principal questão levantada por Venuti neste ponto de seu livro: uma vez que a tradução está sempre direcionada para públicos-leitores específicos, seus possíveis motivos e efeitos são *locais*, específicos, e diferem segundo as posições de maior ou menor importância no cenário econômico, cultural e linguístico mundial. Assim, Venuti destaca que os objetivos da tradução nos países hegemônicos e não hegemônicos podem ser opostos:

Nos países hegemônicos, a tradução modela imagens de seus Outros subordinados, que podem variar entre os polos do narcisismo e da autocrítica, confirmando ou interrogando os valores domésticos dominantes, reforçando ou revendo os estereótipos étnicos, os cânones literários, os padrões do mercado e as políticas estrangeiras às quais outra cultura possa estar sujeita. Nos países em desenvolvimento, a tradução modela imagens de seus Outros hegemônicos e deles próprios que podem tanto clamar por submissão, colaboração, ou resistência, que podem assimilar os valores estrangeiros dominantes com a aprovação ou a aquiescência (livre empreendimento, devoção Cristã) ou revê-los criticamente para criar auto-imagens domésticas mais oposicionistas (nacionalismos, fundamentalismos) (VENUTI, 2002, p.299).

Essa gama de efeitos possíveis — submissão, colaboração e resistência — nas culturas não hegemônicas é possível porque “a dominação cultural não acarreta

necessariamente um processo de formação de identidade homogeneizador” (VENUTI, 2002, p.299). No entanto, esta não parece ser uma questão explorada mais detidamente por diversos pesquisadores brasileiros.

Essa constatação parte dos resultados obtidos em minha pesquisa de Iniciação Científica<sup>38</sup>, desenvolvida entre os anos de 2011 e 2012, a qual retomo brevemente neste momento. O objetivo dessa pesquisa foi mapear as diferenças tendências de leitura de suas obras e investigar em que medida essas tendências se aproximam e/ou se distanciam de uma compreensão de seu pensamento numa perspectiva relacional<sup>39</sup>. Venuti é frequentemente associado a Berman e Schleiermacher por também sair em defesa de uma nova forma de praticar a tradução que, de um lado, procura reduzir as assimetrias e desigualdades nas representações do Outro num contexto etnocêntrico e hegemônico — a cultura anglo-americana — e de outro, resgatar o tradutor de sua condição de invisibilidade, como demonstro neste trabalho. Como nos informa Rodrigues (2007, p.1),

de uma maneira geral, associa-se ética a um comportamento ou ação, ou seja, relaciona-se uma concepção teórica a um fazer. Muitos teóricos propuseram uma ética tradutória e tentaram estabelecer modos adequados de proceder à transformação de um texto escrito em uma língua para outra.

Assim, o referencial ético de Schleiermacher, Berman e Venuti — grosso modo, tornar a tradução o espaço de alteridade, de relação — reflete-se em estratégias discursivas específicas que defendem a adoção de uma prática de tradução que busque revelar a estranheza do texto estrangeiro no texto traduzido.

Porém, as reflexões empreendidas pelos três teóricos vão muito além de uma simples defesa de um método de tradução, acarretando desdobramentos que se expandem para além dos limites textuais. Dessa forma, uma investigação sobre a maneira como as ideias desses três pensadores vêm sendo recebidas no país pode

---

<sup>38</sup> Referência ao plano de trabalho de Iniciação Científica (2011-2012) intitulado “Tradução, relação e alteridade: questões de recepção do pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti”, realizado no âmbito do projeto de pesquisa “Tradução como *poiesis* da relação: a questão do outro em tradução”, coordenado pelo Prof. Mauricio M. Cardozo.

<sup>39</sup> Refiro-me aqui à ideia de uma “perspectiva relacional” conforme proposta por Cardozo, 2004 e Cardozo, 2009, entre outros.

nos revelar novas possibilidades de leitura de sua obra: para além das discussões acerca da prática e crítica de tradução, pelas quais são mais conhecidos no meio acadêmico, pode-se empreender uma reflexão sobre o pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti que problematiza a prática de tradução a partir da identificação da prática tradutória como um espaço de diferença, de revelação de estrangeiridade e do diálogo entre o Outro e o Próprio.

Para revelar as diferentes chaves em que os trabalhos de Schleiermacher, Berman e Venuti são lidos no Brasil, recorri a revistas especializadas da área dos Estudos da Tradução, a edições especiais sobre tradução nos periódicos da área de Letras e Linguística e a seções fixas sobre tradução em publicações multidisciplinares, disponíveis online ou em edições impressas. O objetivo desse mapeamento foi reunir um conjunto significativo de textos articulados a partir do pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti e publicados no país, no período de 1994 a 2011. Esse levantamento resultou em 271 artigos, publicados em 21 periódicos distintos (totalizando 95 volumes pesquisados), escritos por 235 pesquisadores diferentes.

Em seguida, foi realizada a categorização dos artigos relacionados, divididos segundo o lugar dedicado aos pensadores em cada artigo: os artigos foram classificados como “incidentais”, “de fundamentação” e “temáticos”. Outra categorização deu-se segundo o modo como os artigos relacionam o pensamento dos três autores em sua reflexão: os artigos foram divididos entre aqueles que fazem referência apenas a Schleiermacher, Berman ou Venuti, aqueles que mencionam dois dos teóricos e aqueles que se utilizam da obra dos três pensadores. Para a terceira e última etapa dessa fase de levantamento de material, foram selecionados os artigos que seriam analisados a partir dos resultados da segunda etapa do trabalho. Para tanto, optou-se pelos textos que foram classificados como “temáticos” e por aqueles que contam com ao menos dois dos pensadores de interesse entre suas referências. A adoção desses critérios justifica-se pela tentativa de compor um *corpus* de artigos abrangente o suficiente para a análise da recepção das ideias de Schleiermacher, Berman e Venuti no Brasil por diversas vias. Os estudos que têm como ponto central o pensamento desses teóricos, incluídos na categoria “temáticos” da segunda etapa da pesquisa, são resenhas de livros e textos dos três pensadores, e também reflexões desenvolvidas de forma mais aprofundada a partir

da obra desses três autores. Os artigos que fazem referência a pelo menos dois desses teóricos, por sua vez, foram selecionados devido à possibilidade de indicar um trabalho consistente com as ideias desses teóricos — ou seja, ao incluir os artigos que fazem menção a pelo menos dois desses pensadores, existe a chance de encontrar diversas razões para eles serem combinados, seja pela identificação de uma proposta semelhante quanto à diferença e à estranheiridade que podem ser comunicadas na tradução, seja por qualquer outro motivo. Assim, reuniu-se um *corpus* bastante representativo da recepção do pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti no Brasil, com 59 artigos. Com base nesse *corpus*, foram levantadas hipóteses sobre o modo como o pensamento de cada um desses teóricos vem sendo lido no Brasil no contexto do que passo a chamar de “leituras fortes”, observando a maneira como o autor de cada texto articula as questões levantadas pelos três teóricos. Dessa forma, foi possível identificar as principais vertentes de recepção do pensamento desses autores no país.

A análise dos artigos revelou que a maior tendência de recepção do pensamento tradutório de Schleiermacher, Berman e Venuti no Brasil é uma leitura *metodológica* de suas reflexões — ou seja, os artigos revelam que a maior parte dos pesquisadores concentra-se nas propostas de estratégias discursivas e seus efeitos sobre a prática e a crítica de tradução. Observa-se também que é comum que os pesquisadores identifiquem as três propostas como passíveis de superposição — em outras palavras, como se a tradução “que leva o leitor até o autor” de Schleiermacher fosse exatamente igual à “tradução ética” de Berman e a “tradução estrangeirizadora” de Venuti, igualando-se em objetivos, decisões discursivas e contextos de partida em que cada autor empreende sua defesa. Sabemos que não é este o caso, especialmente no caso de Venuti e Schleiermacher, como vimos anteriormente.

Venuti, Schleiermacher e Berman partem de reflexões muito distintas para chegar às propostas que os tornaram nomes inequívocos junto aos pesquisadores de Tradução em todo o mundo. No entanto, em meu levantamento, observei que são poucos os pesquisadores que atentam para essa diferença entre as propostas dos três pensadores, e diminuto é também o número de pensadores que depreende das propostas de Venuti, Schleiermacher e Berman algo mais amplo e não restrito a

questões meramente metodológicas. Cito um exemplo da redução e da identificação das propostas dos três autores:

Depois de uma reflexão apoiada pelas palavras de Schleiermacher, Berman e Venuti, optei pela tradução estrangeirizante, enquanto projeto de tradução, por acreditar que esse tipo de tradução é o que mais respeita tanto o texto de partida, mantendo sua identidade cultural definida dentro da sociedade receptora da tradução, quanto ao leitor do texto de chegada, por fazer com que esse leitor reconheça o elemento estrangeiro naquilo que lê e adquira conhecimentos que excedem o seu ambiente doméstico [...] (SILVA, 2005, sem páginas numeradas).

No artigo citado, a autora lança uma proposta de tradução “estrangeirizadora” do *Dr. Faustus* de Marlowe para o português. A aplicação *ipsis litteris* do projeto de tradução minorizante de Venuti a um projeto de tradução brasileira pode suscitar diversos questionamentos. O primeiro deles diz respeito à produtividade desse tipo de projeto num contexto como o nosso: o que significa “estrangeirizar uma tradução” num contexto não hegemônico como o brasileiro?

Venuti deixa sempre muito claro que seu projeto de estrangeirização se dirige a uma situação da cultura anglo-americana, que, dado o seu caráter etnocêntrico e xenofóbico (ao menos para Venuti), necessitaria de uma intervenção via tradução para forçar uma abertura ao Outro, ao estrangeiro. Os exemplos em *The Translator's Invisibility* vêm todos de traduções feitas na Inglaterra e nos Estados Unidos, e é partir desses estudos de caso que Venuti denuncia, de um lado, a invisibilidade do tradutor e, de outro, o fechamento dessas culturas ao capital cultural estrangeiro. Assim, a tradução estrangeirizadora tem um caráter subversivo, de resistência e desafio a uma tradição linguística, cultural, econômica, política e ideológica há muito estabelecida. Adotar uma postura estrangeirizadora em um país como o Brasil, cuja história linguística, cultural, econômica, política e ideológica é tão distinta daquela dos Estados Unidos e da Inglaterra, visa a se posicionar exatamente contra o quê? Esta é uma questão explorada por Sousa e Veras (2009, p.32):

No entanto, não podemos deixar de nos questionar [...] se, no contexto brasileiro, a opção por um modo de traduzir estrangeirizador se configuraria realmente como tradução subversiva e de resistência — como quer Venuti

— uma vez que não somos uma cultura hegemônica e não temos uma história de preferência por um ou outro modo de traduzir.

Também Rodrigues (2007, p.3) endereça a mesma questão: “olhar para o Outro continua a significar também olhar para o Outro não hegemônico, um Outro subalterno, inferior em termos de cultura ou de poder econômico. Esse Outro, em última instância, seríamos nós — do dito Terceiro Mundo”. De acordo com Rodrigues, o ponto principal da ética da diferença, conceito que, em sua análise, caracteriza o pensamento de Venuti, seria uma proposta para olhar o Outro não hegemônico e recebê-lo em uma cultura hegemônica. Assim, as estratégias defendidas por Berman e Venuti não poderiam ser adequadas para os tradutores brasileiros que visam a obter o efeito imaginado por esses teóricos pela simples razão de que o Brasil não ocupa a mesma posição que a França ou os Estados Unidos: para ela, o Brasil “já acolhe o suficiente o outro hegemônico e lhe dá bastante voz” (RODRIGUES, 2007, p.3).

A pesquisadora prossegue, destacando que os dados sobre a tradução no Brasil confirmam a suspeita de que o Outro tem espaço suficiente no âmbito da tradução:

Enquanto o percentual de traduções publicadas no Brasil entre 1991 e 1995 foi de 64%, na França foi de 11%, de acordo com as estatísticas da UNESCO. A Organização não fornece os percentuais dos Estados Unidos e do Reino Unido, mas, de acordo com Venuti, “nos Estados Unidos, em 1994, publicaram-se 51.863 livros, 1.418 (2,74%) dos quais eram traduções” ([1998] 2002: 302). Não temos estudos sistemáticos que indiquem que no Brasil alguma estratégia específica seja privilegiada, mas Lia Wyler afirma que, no Brasil, “a tradução tem sido sucessiva e cumulativamente um meio de comunicação inter-pessoal, um meio de aculturação e, no século XX, um meio de difusão intensa tanto de produtos culturais para a formação das elites quanto para a diversão das massas” (1999: 97). O que a autora salienta nesse trecho é o que vemos em nosso dia a dia: um bombardeio de produções estrangeiras e a incorporação do Outro em nossa cultura. Nesse quadro fica uma pergunta, colocada de outra maneira por Wyler (1999): seriam essas propostas teóricas adequadas para nós? Será que, em contextos não hegemônicos, a tradução ética seria mesmo a que acolhe o Outro? (Rodrigues, 2007, p.3)

Ora, se levarmos ao extremo o argumento de que no Brasil já existe bastante espaço para o estrangeiro e, portanto, não haveria a necessidade de se

estrangeirizar a situação, o que explicaria a popularidade de Venuti entre os pesquisadores e tradutores brasileiros? Os dados fornecidos por Rodrigues atestam a situação privilegiada da tradução no país: se 64% do total de traduções publicadas entre 1991 e 1995 são traduções, teoricamente a situação da tradução no país seria muito mais favorável no Brasil em relação ao contexto anglo-americano. Assim, por que haveria a necessidade de promover uma tradução estrangeirizadora no Brasil?

Talvez aquilo que identifico como o problema da recepção de Venuti no país ofereça um caminho para a resposta a essa pergunta. Refiro-me à tendência redutora de leitura da obra de Venuti no Brasil, aquela que despe suas propostas acerca da estrangeirização de sua carga ideológica e concentra-se na questão metodológica. Lido nessa chave, Venuti surge como o proponente de uma prática de tradução que busca revelar o tradutor na obra traduzida, apresentando as traduções como traduções, libertando-as da exigência de que passem como obras originais. Nessa chave de leitura, a questão de estrangeiro é redimensionada, e sua carga política é diminuída: objetiva-se mostrar a diferença no texto traduzido sem que isso se desdobre para reflexões mais profundas sobre o significado dessa diferença.

Uma possível evidência para minha interpretação dessa popularidade de Venuti junto aos tradutores brasileiros é a imensa preferência desses pesquisadores por *The Translator's Invisibility*: no levantamento realizado no âmbito de minha Iniciação Científica, observei que cerca de 80% das referências feitas a Venuti eram direcionadas a trechos desse livro. Esse é um dado que causa estranheza, uma vez que o seu segundo livro, *The Scandals of Translation*, não apenas dedica um capítulo à tradução em contextos não hegemônicos (um tema que deveria chamar a atenção dos pesquisadores brasileiros), como também foi traduzido para o português e pode facilmente ser encontrado em livrarias universitárias, o que amplia seu público leitor, uma vez que nem todos os tradutores brasileiros dominam o inglês. No entanto, é logo no primeiro capítulo de *The Translator's Invisibility* que Venuti faz as considerações mais incisivas quanto à situação de invisibilidade do tradutor e àquilo que considera como consequências nefastas da tradução domesticadora. Um discurso muito bem articulado e certamente apelativo para tradutores em todo o mundo — e também no Brasil: ainda que o espaço dedicado à tradução nas editoras brasileiras seja significativo, dificilmente poderíamos dizer que o tradutor brasileiro goza de vantagens que seus colegas norte-americanos e

ingleses não têm. Desse modo, um discurso bastante envolvente que oferece uma “solução” à desconfortável situação em que poderia se encontrar o tradutor certamente encontrará um público bastante disposto a ouvi-lo no Brasil.

No entanto, ainda que boa parte dos pesquisadores brasileiros o faça, não podemos depreender da roupagem ideológica de que se revestem as propostas de Venuti: o que fazer com a estrangeiridade no texto traduzido? Se damos espaço suficiente ao Outro na condição de cultura não hegemônica, nossa saída seria adotar uma postura domesticadora e fecharmo-nos ao capital cultural estrangeiro?

Venuti explora esse tópico em *Escândalos da Tradução*. Uma questão identificada por Venuti fica na outra ponta da denúncia que faz do contexto anglo-americano: se nos Estados Unidos e na Inglaterra circulariam poucas traduções, em contextos não hegemônicos circulariam traduções demais — geralmente, best-sellers originários dos Estados Unidos ou da Inglaterra. Na avaliação de Venuti, a preferência das editoras dos países em desenvolvimento por traduções ao invés de publicações locais (pouco rentáveis) tem como resultado a limitação do desenvolvimento das línguas, literaturas e públicos-leitores domésticos (VENUTI, 2002, p.305). No entanto, a promoção de um método de tradução subversivo pode atuar no processo de formação de identidade desses países colonizados:

A tradução é altamente eficaz em exacerbar as tensões do discurso colonial porque o movimento entre as línguas coloniais e nativas pode reconfigurar as hierarquias culturais e políticas entre elas, desestabilizando o processo de formação de identidade, a imitação dos valores hegemônicos na qual a colonização se baseia (VENUTI, 2002, p.321).

Assim, a questão da minorização da língua deve se reconfigurar no âmbito dos países colonizados, não hegemônicos, uma vez que as categorias do “doméstico” e do “estrangeiro” “são variáveis, sempre reconstruídas no projeto de tradução em função do cenário local” (VENUTI, 2002, p.352). Desse modo, a questão se desloca de uma preocupação quanto à opção por uma estratégia discursiva específica (“fluente” ou “resistente”) para o objetivo de promover inovação e mudança cultural. Isso porque a melhor forma de apontar a estrangeiridade de um texto estrangeiro é “revisar a hierarquia dos discursos culturais que preexistem



àquele texto na língua-alvo, cruzar as fronteiras entre as comunidades culturais domésticas e alterar a reprodução de valores e práticas institucionais” (VENUTI, 2002, p.353). Uma ética da igualdade que se atém aos valores domésticos dominantes acaba por consolidar as instituições que os reforçam, limitando os efeitos que revelam a estrangeiridade do texto para evitar qualquer perda de autoridade cultural sobre aquela cultura pós-colonial.

Nesse sentido, a tradução em massa de best-sellers de língua inglesa é danosa ao estabelecimento de uma independência cultural de países não hegemônicos em relação à cultura anglo-americana:

Uma indústria editorial que repetidamente produz traduções fluentes e domesticadoras dos mais recentes best-sellers americanos — escritos no dialeto-padrão da língua oficial — encoraja o consumo não crítico de valores hegemônicos, enquanto mantém assimetrias correntes no intercâmbio cultural (VENUTI, 2002, p.354).

Uma tradução domesticadora, que busca uma localização extrema “arrisca uma ênfase homogeneizadora que pode refletir e encorajar fundamentalismos étnicos e religiosos enquanto elimina as diferenças culturais dos textos estrangeiros” (VENUTI, 2002, p.354). No entanto, de forma geral, esse pode ser um projeto válido em diversos contextos culturais pós-coloniais: essa tradução domesticadora “pode revisar os valores hegemônicos mesmo quando pareça empregar as estratégias de domesticação mais conservadoras — estratégias, em outras palavras, destinadas a reforçar as tradições locais dominantes na língua-alvo” (2002, p.354). Do mesmo modo, os discursos tradutórios que são radicalmente estrangeirizadores “podem alcançar para além de uma elite restrita, à qual se dirigiam originalmente, e exercer uma forte influência sobre as formas vernáculas e populares” (2002, p.354).

O que Venuti tenta demonstrar com essas afirmações e com os diversos exemplos de traduções nas culturas chinesa, indiana, indonésia, entre outras, é que os efeitos da adoção de uma estratégia específica de tradução em contextos não hegemônicos tão variados não podem ser previstos e nem controlados; contudo, “esse elemento de incerteza aumenta em vez de diminuir a responsabilidade do tradutor em avaliar o impacto de um projeto reconstruindo a hierarquia dos valores

domésticos que fundamentam a tradução e sua provável recepção” (VENUTI, 2002, p.355).

O que essa reflexão pode indicar é que a adoção das propostas concernentes à tradução estrangeirizadora em contextos não hegemônicos se justifica em diversos sentidos. O principal deles diz respeito à variedade de efeitos possíveis que a opção por essa abordagem discursiva pode desencadear: considerando que a tradução estrangeirizadora age na revelação de um texto traduzido enquanto tal, a adoção de uma tradução resistente pode revelar a estrangeiridade do texto traduzido sem necessariamente embarcar em um jogo de deslocamento de poderes entre culturas. Sendo assim, um projeto de tradução que se vale de recursos estrangeirizadores pode assumir uma postura ética no sentido de fazer soar a voz estrangeira, como parece ser o projeto de Silva (2005, sem páginas numeradas): “Acredito que o modo como entendo e aplico o enobrecimento<sup>40</sup> seja capaz de liberar o resíduo estrangeiro da própria língua para a qual traduzo e, por conseguinte, conferir à tradução o caráter estrangeirizante”. A liberação do resíduo age justamente no sentido de trazer para o centro do discurso uma língua menor, marginalizada — no caso desse projeto específico, trata-se de um discurso marcado por formas lexicais e verbais que marcam uma forte arcaização do texto, uma poética que certamente tornou-se marginalizada diante do consumo e da produção de textos *fluentes*, que dominam também a tradução no Brasil. A partir de uma postura estrangeirizadora que se desdobra em uma tradução minorizadora, o texto pode se revelar como uma tradução de fato, e, nesse movimento, também o tradutor pode marcar suas intervenções e decisões durante o processo tradutório. Por esses motivos, não creio que a recusa total ao projeto de Venuti baseado na premissa de que ele se refere a uma cultura que não a brasileira e a uma língua diferente do português não se sustenta muito bem: certamente não podemos perder de vista o contexto em que Venuti escreveu o seu texto e a quem ele se dirige mais diretamente; no entanto, isso não impede que suas propostas sejam produtivas também em contextos históricos, sociais e literários distintos.

---

<sup>40</sup> A autora se refere, aqui, a uma das categorias de “deformação etnocêntrica” descrita por Berman. Em seu projeto de tradução, ela opta por utilizar exatamente o recurso do enobrecimento não para assimilar o texto a uma postura etnocêntrica, mas, sim, por acreditar que “quando aplicadas de modo consciente pelo tradutor, algumas dessas deformações podem auxiliar na realização de um projeto e gerar uma ‘boa’ tradução. Assim, não classifico o enobrecimento como uma deformação, mas como um recurso que pode ajudar na concretização de um projeto estrangeirizante de tradução de textos literários, sejam eles prosa ou poesia” (SILVA, 2005, sem páginas numeradas).

A atenção de Venuti ao fato de que os efeitos de uma opção tradutória não podem ser previstos e nem controlados é um ponto bastante relevante deste momento de sua reflexão. A atenção a essa imprevisibilidade de efeitos da tradução já aparece em *The Translator's Invisibility*, mas é em *Escândalos da Tradução* que, em meu entendimento, essa questão assume uma posição mais privilegiada, como veremos a seguir.

## 2.4 Resíduo e subjetividade

A questão do controle ou imprevisibilidade dos efeitos liberados a partir do resíduo é um ponto bastante relevante neste segundo momento da reflexão de Venuti, que, acredito, acaba por se manifestar na centralidade da questão da subjetividade nos trabalhos mais recentes do pensador norte-americano. Para a análise que farei dessa questão retomo as ideias expostas por Ana Maria Siqueira (2002) e Patrícia Mara da Silva (2005) em suas dissertações de mestrado, bem como por Maria Paula Frota (2000) em seu *A singularidade na escrita tradutora*, obras que apontam alguns aspectos conflitantes na concepção de resíduo e no controle dos efeitos liberados pela tradução minorizante.

Primeiramente, é preciso repensar a noção de “resíduo” conforme proposto por Lecercle (1990). Para este pensador, a noção de resíduo corresponde a tudo aquilo que estaria fora da possibilidade de uma descrição gramatical dentro de uma língua, a todos aqueles “detalhes” que qualquer “mapa gramatical necessariamente exclui”, ou seja, a tudo aquilo que as regras de uma língua não têm como controlar (LECERCLE, 1990 apud SIQUEIRA, 2005, p.107). Embora o “resíduo” seja visto como uma “falha”, Lecercle considera-o constitutivo e entende a língua como sendo “governada por uma tensão entre regras [...] e quebra de regras” (LECERCLE, 1990 apud SIQUEIRA, 2005, p.107). O referido autor também descreve o resíduo como sendo outro nome para a “instabilidade” que existiria entre a diacronia e a sincronia dentro da língua, no entendimento de que a sincronia e a diacronia não constituiriam uma oposição, mas sim um encontro, ainda que violento (SIQUEIRA, 2005, p.107). Lecercle associa a noção de resíduo também à psicanálise, considerando-o o

equivalente linguístico do inconsciente freudiano, pois, ainda que “excluído ou reprimido pelas regras da gramática”, tentaria sempre “retornar nas brincadeiras, nos lapsos, nos erros e na poesia” (LECERCLE, 1990, p. 23 apud SIQUEIRA, 2005, p.107).

Venuti, por sua vez, associa a noção de resíduo àquela da língua menor nos termos de Deleuze e Guattari (1995), como vimos anteriormente. Para o pensador norte-americano, o resíduo seria, portanto, a materialização da língua menor na letra da tradução. De fato, as ideias de Lecercle e o pensamento de Deleuze e Guattari têm diversos pontos de contato; no entanto, a noção de resíduo descrita por Lecercle não corresponde totalmente à ideia de línguas menores de Deleuze e Guattari, como exemplifica Siqueira (2005, p.108):

Lecercle entende, por exemplo, que o resíduo pode ser relacionado a emoções (1990: 5) e ao inconsciente freudiano (ibid.: 23). Deleuze e Guattari não relacionam as línguas menores a esse aspecto (cf Deleuze e Guattari, 1980/1995 e 1975/1977). O próprio Lecercle (1990) não associa o resíduo à noção de línguas menores, mas à noção de rizoma, proposta por Deleuze e Guattari (1980/1987). Lecercle afirma que “o rizoma, uma raiz sem estrutura, propagando-se de modo anárquico”, seria “o segundo nome do resíduo — exceto pelo fato de que, então, não h[averia] mais resíduo, porque não h[averia] mais nenhuma abstração ou separação prévia entre uma estrutura e a escória do fenômeno irrelevante” (Lecercle, 1990:50). O resíduo deixaria de ser visto como resíduo, pois não haveria mais “uma fronteira, uma linha de separação” (ibid.: 48).

Como vimos, Venuti propõe a oposição à fluência por meio da estratégia da tradução minorizante, aquela que se utiliza de recursos da língua menor para liberar o resíduo no texto traduzido, chamando, assim, atenção para a sua diferença. Ressaltando a heterogeneidade e a hierarquização das variantes que existem na língua, Venuti aponta a tradução como a liberação de outra língua dentro da própria língua (VENUTI, 2002, p.28), garantindo que “[o] discurso heterogêneo da tradução minorizante resiste a essa ética assimilativa ao salientar as diferenças linguísticas e culturais do texto — dentro da língua maior” (2002, p.29). Ele ressalta que essa heterogeneidade não deve ser tão alienante que acabe por impedir a leitura e aponta que “se o resíduo é liberado em pontos significativos numa tradução que é de forma geral legível, a participação do leitor só será interrompida

momentaneamente” (2002, p.29). Com essa afirmação, Venuti parece indicar que o leitor seria uma entidade exterior ao texto, ora colocando-se dentro do texto, ora fora — ou seja, o leitor não estaria construindo um texto com a sua leitura.

Retomemos o exemplo dos *Fantastic Tales* para ilustrar esse ponto. Venuti afirma que assimilou o texto estrangeiro à tradição gótica, modelando sintaxe e léxico a partir dos escritos de Mary Shelley e Edgar Allan Poe. Venuti declarava que essa opção foi uma tentativa de fazer os efeitos produzidos pelo “resíduo doméstico” de tradução dirigirem-se a um gênero específico da história da literatura inglesa. No entanto, ele pontua que essa estratégia de minorização “depende fundamentalmente da interpretação que o tradutor faz do texto estrangeiro”, voltando-se simultaneamente “às qualidades especificamente literárias daquele texto” e à “avaliação dos leitores domésticos que o tradutor espera alcançar, por uma ideia de suas expectativas e conhecimento (das formas linguísticas, das tradições literárias, das referências culturais)” (VENUTI, 2002, p.37). Desse modo, para que a sua proposta de tradução minorizante possa se efetivar, é necessário que o leitor partilhe dos mesmos pressupostos do tradutor — ou seja, a produtividade da tradução minorizante dependeria do quanto os leitores dessa tradução têm em comum. No entanto, o teórico afirma que o uso de arcaísmos chamou a atenção para o fato de que o texto era uma tradução, sem o rompimento da experiência da leitura, pois entende que o discurso empregado na tradução desse texto “afasta-se notavelmente do discurso do inglês-padrão corrente”, mas não a ponto de tornar-se “incompreensível para a maioria dos leitores contemporâneos” (2002, p.35). Com isso, Venuti parece supor que o texto de uma tradução pode ser percebido de fato como uma tradução em virtude de algo que estaria contido no próprio texto.

Outro ponto que deve ser destacado na discussão dos efeitos potenciais liberados pelo resíduo é a identificação que Venuti traça de métodos bons e ruins de tradução, um ponto abordado com eficiência por Silva (2005). Sobre essa questão, é preciso olhar para as reflexões que partem do âmbito da linguística, que buscam formular uma teoria de tradução capaz de descrever e solucionar os problemas enfrentados pelo tradutor — em outras palavras, uma teoria que tornasse a tradução uma prática previsível e controlada. Para Rosemary Arrojo,

os estudos vinculados à tradição se esterilizam e se emaranham, cada vez mais, num prescritivismo pretensioso e inócuo que, ao tentar limitar a interferência do tradutor em seu trabalho, deixa de explorar o papel seminal que essa atividade desempenha não apenas na constituição das culturas, mas também no intercâmbio geralmente desigual entre os povos (2000, p. 14).

Venuti é um grande crítico da tradição linguística na abordagem da tradução. Para o teórico, essas abordagens partem de pressuposições diametralmente opostas sob a língua e a textualidade, “as quais são com frequência deliberadamente limitadas em seu poder explanatório e, em algumas formulações, repressoras nos seus princípios normativos” (VENUTI, 2002, p. 45-46). O teórico considera ainda que elas projetam um “modelo conservador de tradução que restringiria indevidamente seu papel na inovação cultural e na mudança social” (VENUTI, 2002, p.46). Isso porque as abordagens linguísticas, em seu entendimento, buscam alcançar a teoria “correta” que preveria e resolveria os problemas envolvidos na tradução. No entanto, Venuti também delineia um projeto que se alinha a um modo “correto” de praticar a tradução para, de certa forma, controlá-la. Silva (2005, p.32) aponta que uma diferença a ser ressaltada nessa linha de pensamento é que Venuti busca uma prática de tradução que inclua o tradutor como sujeito de seu trabalho e considere o contexto social, político e ideológico como determinante para a tradução, enquanto os linguistas “desejam essa teoria para excluir da tradução os problemas trazidos pela subjetividade do tradutor e pelo contexto em que ele se encontra para, enfim, formalizá-la e torná-la objetiva” (SILVA, 2005, p.32).

O resíduo seria então o principal impedimento para o domínio sobre a tradução e seu processo de produção, porém ele constitui parte fundamental da teoria que o autor formula exatamente para tentar manipular a tradução segundo seus objetivos. Isso só é possível porque, conforme identifica Silva (2005, p.32-33), Venuti relaciona o resíduo a dois momentos: o primeiro, quando ele é utilizado pelo tradutor; o segundo, quando seus efeitos são liberados, quando o texto é lido. Para Venuti, o resíduo é imprevisível e não pode ser controlado nesse segundo momento — ou seja, no que diz respeito a seus efeitos.

Desse modo, Venuti indica que o tradutor controlaria a utilização do resíduo, ou seja, decidiria pela introdução (ou não) das variáveis marginais em um texto escrito no dialeto padrão, além de decidir quais seriam essas variantes marginais e de que modo elas são marginais em relação ao dialeto padrão. Contudo, considerando-se a imprevisibilidade dos efeitos do resíduo e o fato de que o processo tradutório sofre a influência das contingências sociais, econômicas e culturais que cercam o tradutor, como seria possível garantir que o tradutor atingirá os objetivos inicialmente previstos? Considere-se o que Venuti expõe já em *The Translator's Invisibility*:

Todo passo no processo de tradução — da seleção de textos estrangeiros à implementação de uma estratégia de tradução para editar, revisar e ler essa tradução — é mediado pelos vários valores, crenças e representações que circulam na língua de chegada, sempre em alguma ordem hierárquica (VENUTI, 2008, p.266).

A respeito dessas determinações que agem sobre o trabalho do tradutor, permanece uma questão: a prática tradutória seria determinada apenas por fatores sociais, econômicos, culturais e históricos? Em outras palavras, seria o resíduo apenas social?

Vale aqui chamar à discussão a noção de singularidade na escrita tradutória, um conceito trabalhado por Frota (2000) para defender a ideia de que o tradutor sofre determinações também internas, inconscientes. O livro, fruto de sua tese de doutoramento defendida em 1999, busca “superar a dicotomia sujeito/objeto implícita no modo como a maioria dos teóricos da área concebe a relação entre os tradutores e os textos com que trabalham” (FROTA, 2000, p. 18). A busca por essa superação tem como base a psicanálise, que, na visão da autora, articula a língua e o desejo inconsciente, elemento excluído dessa dicotomia sujeito/objeto.

A dicotomia sujeito/objeto remete às reflexões de Ferdinand de Saussure e à linguística estruturalista. Saussure trabalha a partir da dicotomia língua/fala, colocando, de um lado, a língua, essencial, homogênea, social e, portanto, preexistente ao indivíduo, e, do outro lado, a fala, acessória, heterogênea, individual e controlada pelo indivíduo. Separado de sua língua, o sujeito não tem poder sobre

ela, não pode modificá-la e deve submeter-se a sua estrutura. A fala, por outro lado, pertence ao sujeito, que a manipula de acordo com seus interesses. Aplicada à tradução, essa ideia significa que o tradutor é separado do original, ao qual se atribui uma existência anterior ao tradutor. Por esse viés, restaria ao tradutor a função de recuperar significados depositados no texto pelo autor, que tem total autoridade sobre o que fala/escreve, e de transmiti-los fielmente a outra língua (FROTA, 2000, p.63-70).

Para Frota, também a leitura sintomática e a resistência propostas por Venuti separam o tradutor do texto, uma vez que priorizam os fatores históricos, sociais e ideológicos envolvidos no processo tradutório. Ao afirmar que o sujeito-tradutor é determinado por fatores sociais e históricos, Venuti poderia nos levar a crer que o tradutor é determinado pelo contexto e dele não pode se alienar (FROTA, 2000, p.119), assumindo uma posição de servidão em relação a suas condições sociais e históricas. No entanto, ao alegar que o tradutor pode controlar suas opções linguísticas, Venuti coloca o tradutor-sujeito como senhor de sua fala:

[...] Venuti não rompe com as posturas tradicionalmente atribuídas ao tradutor e expressas no par *langue/parole*: o teórico, althusseriano, situa as formações ideológicas em um plano superestrutural a meu ver transcendente, pois que, mais do que assujeitar-nos a ele, nos exclui em nossa singularidade; e o Venuti tradutor, leitor-cientista de sintomas (bem distintos daqueles da psicanálise) e escritor resistente (a ideologias antes imperceptíveis e incontroláveis), recupera aquele indivíduo senhor, que vê, calcula e monitora, sendo origem do que escreve e enxergando a origem do que lê (FROTA, 2000, p.126).

Para Frota, Venuti parece considerar a “heterogeneidade social como uma esfera exterior às manifestações discursivas, estas pensadas basicamente como um reflexo daquela” (FROTA, 2000, p. 89) — ou seja, Venuti indica ser possível separar o processo tradutório em dois momentos: primeiramente, o tradutor seria subjugado às determinações sociais; em seguida, frente às opções que lhe restam, escolheria a que melhor atende a seus objetivos. Segundo Frota, dividir a relação do tradutor com a língua, separando a linguagem das tensões históricas das tensões históricas e ideológicas, social e discursivamente disseminadas e estabelecendo entre elas



uma relação de exterioridade e de anterioridade, cria a ilusão de podermos, desde que estejamos preparados para tal, enxergá-las e controlá-las.

Essa parece ser a ideia que Venuti inscreve em seu projeto de tradução. Como explica Frota,

o sujeito é recolocado como um indivíduo que, ao modo do *falante*, conscientemente manipula língua e texto, podendo optar por neste se escrever (ou não) através de uma criação unicamente *sua* que romperia, deliberadamente, formações já estabilizadas (FROTA, 2000, p. 93).

Assim, o tradutor seria determinado socialmente, e essa determinação exerceria grande influência sobre as suas escolhas durante o processo tradutório. No entanto, o aspecto social não deveria ser o único a se considerar: o tradutor também seria determinado por fatores intrínsecos, por sua história e experiências pessoais, por sua subjetividade. E, como nos aponta Frota, essa influência do inconsciente é marcada pela singularidade. Assim, a professora brasileira relata que pretende abrir

a possibilidade de fatores subjetivos de diferenciação que, pressupondo aqueles de natureza supostamente social, os ultrapassariam, desencadeando formações singulares vinculadas ao inconsciente. Na situação de escrita, tais formações se materializariam em significantes que, a despeito de sua (in)visibilidade, representariam o sujeito que se escreve, ou seja, o sujeito que emerge simultaneamente a tais formações (FROTA, 2008, p. 95).

Nesse sentido, a singularidade seria “uma diferença que, vinculada a histórias próprias do sujeito que (se) escreve, extrapola diferenças vinculadas a sistemas linguísticos e a formações discursivas” (p. 19). Para Frota, não se pode pensar a tradução ignorando o inconsciente do sujeito-tradutor — ou seja, deixando a “*lalangue*” (a “alíngua”) de fora da língua, como o fazem Saussure e Venuti. Essa impossibilidade decorre do fato de que

em toda língua há um registro que a consagra ao equívoco; em todo discurso pode-se fazer valer uma dimensão do não idêntico e tudo o que o promove: “homofonia, homossemia, homografia, tudo o que suporta o duplo sentido e o dizer em meias-palavras, incessante tecido de nossas conversações” (Milner, 1987, p. 13). E é a esse registro do equívoco, do não-todo, ignorado pela linguística, que Lacan dá o nome de alíngua (FROTA, 2000, p. 64).

A *alíngua* seria, portanto, o resto da linguística, o equívoco, aquilo que os linguistas não consideram como seu objeto de pesquisa e negam como válido para seus estudos. Eles o fazem porque não se pode controlar o registro do equívoco e

torná-lo sistemático, como recomenda a linguística sistêmica. Nesse sentido, a singularidade seria fruto da *alíngua*, fruto do desejo inconsciente do tradutor. Para Frota, a singularidade, enquanto acontecimento, teria uma natureza terciária, uma vez que não se enquadra nos binarismos logocêntricos da classificação certo-errado e se constitui como uma espécie de intersecção, um terceiro entre “bom” e “ruim”. Do mesmo modo, por ser acontecimento, a singularidade se definiria também por sua (in)visibilidade — pois não é incongruente em relação ao contexto linguístico em que se encontra e nem se confunde com erro ortográfico. No contexto da tradução, a singularidade só poderia ser percebida no confronto do texto traduzido com o original, o que também não asseguraria a sua percepção. Ainda que não se constitua como um “erro”, a singularidade, quando percebida, é avaliada segundo a lógica binarista de certo-errado. Assim, do “despreparo para conviver com ‘rupturas obedientes’ ou ‘submissões mal-comportadas’ resulta a forte tendência de [...] as singularidades serem alocadas em uma ou outra das categorias existentes” (FROTA, 2000, p. 239), ou seja, de serem classificadas como certas ou erradas.

Apesar disso, a noção de singularidade descreve

uma modalidade de evento na escrita tradutória para além daquelas que contam com os selos do *certo* e do *errado*. Tal evento, do ponto de vista de sua recepção, não é unanimemente aceito nem rejeitado; do ponto de vista de sua produção, ele se realiza através de formas linguísticas sobredeterminadas na diversidade linguístico-cultural, que é ao mesmo tempo condicionante e efeito da história subjetiva daquele que (se) escreve (FROTA, 2000, p. 194).

Com a noção de singularidade na escrita tradutora, Frota sugere uma relação de determinação mútua entre tradutor e linguagem, tomando

a linguagem como uma estrutura que preexiste ao indivíduo, sim, esse último tornando-se sujeito justamente por sujeitar-se a ela, mas como uma estrutura que, por incluí-lo enquanto sujeito plural e dividido, não só o constitui sob formas singulares, como pode por ele ser singularmente rompida, em sua atualização discursiva (FROTA, 2000, p. 21).

Assim, segundo as reflexões de Frota, por meio dessas formações singulares o tradutor seria capaz de romper a estrutura da língua. No entanto, esse rompimento não se daria inequivocamente segundo a vontade consciente do tradutor — em outras palavras, a singularidade, por estar intimamente ligada ao inconsciente, seria inscrita no texto traduzido mesmo quando o tradutor não a deseja; além disso, ela pode não ser percebida pelo leitor.

Até este ponto de seu trabalho, Venuti parece não considerar inteiramente o aspecto subjetivo envolvido no processo tradutório. Assim, separando o tradutor, sujeito, do objeto-tradução, Venuti por um lado ignora uma gama de efeitos possivelmente liberados pelo discurso tradutório que não podem ser analisados sob a lente do resíduo e, por outro, acaba por projetar a ideia de que existe um sentido resgatável no texto original que pode ser dominado pelo tradutor e manipulado segundo seus interesses durante a tradução. Analisado por esse viés, onde fica a interpretação do tradutor? Esses dois pontos — a possibilidade da existência de um sentido resgatável no texto de partida e a subjetividade do tradutor — tomarão o centro das investigações de Venuti em diversos artigos publicados a partir de 2000, reunidos em *Translation Changes Everything* (2013), como veremos a seguir.

### 3. O TRADUTOR MUDA TUDO

Que os quinze anos que separam a publicação de *The Scandals of Translation* (1998) e *Translation Changes Everything* (2013), livro mais recente de Venuti, não nos deixem enganar: esse foi um período bastante produtivo na carreira do pensador norte-americano e, principalmente, um período de desenvolvimentos, reformulações e reconsiderações de seu trabalho nos Estudos da Tradução.

O livro é uma coletânea de ensaios publicados entre 2000 e 2012. Diferentemente de seus livros anteriores, organizados em unidades temáticas, divididos em capítulos e aparentemente pensados já desde o início como textos de fôlego, essa nova publicação apresenta uma seleção de textos que poderia parecer um tanto randômica; porém, como argumenta Venuti, na verdade apresentam uma coerência interna:

Tomando aproximadamente a década passada como intervalo de tempo, a seleção que apresento pretende servir a dois objetivos: esboçar a trajetória de meu pensamento sobre a tradução e intervir sobre as principais tendências na pesquisa e no comentário sobre a tradução. Esses dois objetivos estão inter-relacionados, uma vez que exercem influência recíproca um sobre o outro, mas cada um é suficientemente distinto para ser descrito isoladamente (VENUTI, 2013, p.1).

De fato, a leitura de todos os artigos na ordem em que eles estão dispostos no livro nos permite visualizar uma gradual substituição e um refinamento do repertório teórico de Venuti. Os temas são bastante variados, abrangendo desde reflexões sobre projetos nacionalistas até experiências tradutórias do próprio Venuti, sem deixar de lado o seu posicionamento crítico perante a marginalização que a crítica, a prática e a pesquisa em tradução sofrem contemporaneamente.

Essa trajetória que Venuti se propõe a esboçar é declaradamente uma exposição daquilo que anuncia como uma “uma mudança significativa” (VENUTI, 2013, p.2) em seu pensamento acerca da tradução. Assim, cada texto se apresenta de fato como um ensaio, “no sentido mais imediato da palavra, tentativas discretas de desenvolver um conjunto recorrente de conceitos teóricos e considerar suas

implicações práticas” (VENUTI, 2013, p.8). Ainda de acordo com o pensador norte-americano, se lidos em sequência cronológica, os ensaios “permitem a visualização de uma trajetória intelectual [...]: um movimento de afastamento do instrumentalismo em direção a um modelo hermenêutico de tradução, o abandono do resíduo e adoção da inscrição e do interpretante, e a reelaboração de uma ética do respeito [...]” (VENUTI, 2013, p.1).

Venuti resume seu novo modelo da seguinte forma:

O modelo diferente que comecei a imaginar se abre às possibilidades interpretativas da tradução, permitindo que elas variem segundo a natureza dos interpretantes aplicados pelo tradutor, mas também permitindo que as interpretações sejam descritas e avaliadas com clareza e precisão nas condições — linguísticas e culturais, sociais e políticas — sob as quais a tradução é produzida e circula. Os conceitos de inscrição e interpretante expandem o poder explanatório do resíduo ao refiná-lo, facilitando o relato preciso dos diferentes efeitos que a tradução libera na situação de recepção — um relatório que, claro, é ele mesmo uma interpretação fundamentada na reconstrução de valores, crenças e representações que definem uma situação (VENUTI, 2013, p.4).

A partir dessas declarações de Venuti, chegamos ao terceiro momento que identifico em sua trajetória. Minha análise pretende demonstrar que, em *Translation Changes Everything*, num processo iniciado em *The Translator's Invisibility* e continuado em *The Scandals of Translation*, Venuti move-se cada vez mais em direção a considerações sobre o papel da subjetividade do tradutor que, em conjunto com as pressões de ordem social, política e econômica, condicionarão a prática tradutória. Para empreender esse movimento, alguns de seus conceitos anteriores são continuados nesse terceiro momento, enquanto outros são abandonados e substituídos. Nesse terceiro momento da trajetória intelectual de Venuti, defendo que ele coloca no centro de suas reflexões três proposições principais: a subjetividade do tradutor, a noção de evento no lugar da resistência e o estabelecimento de uma cultura de tradução.

### 3.1 Ruptura com o instrumentalismo (?): um “novo” modelo hermenêutico

Os novos modelos de pensamento expostos por Venuti indicam um desejo de romper com um “instrumentalismo” que ele declara ter identificado no pensamento

de Berman e Schleiermacher: Venuti alega (2013, p.8) que nos fins dos anos 1990 havia formulado uma abordagem à tradução que buscava sintetizar conceitos teóricos divergentes. No núcleo dessa reflexão estava a defesa empreendida por Friedrich Schleiermacher em favor de um método de praticar a tradução que sinaliza as diferenças linguísticas e culturais do texto de partida — uma noção que é subsequentemente reelaborada por Antoine Berman em sua noção de ética de tradução, um “respeito à alteridade cultural por meio da manifestação da estrangeiridade do texto de partida no texto traduzido” (VENUTI, 2013, p.8). Como vimos anteriormente, é por defender esse modelo de tradução que vê no processo tradutório a oportunidade de chamar atenção para a diferença entre Próprio e Estrangeiro que Venuti é frequentemente associado a Schleiermacher e Berman e as propostas desses três pensadores são consideradas a “mesma” proposta.

Para Venuti, entretanto, essas reflexões de Schleiermacher e Berman assumem uma postura instrumentalista:

O pensamento Schleiermacher-Bermaniano, ainda que aparentemente hermenêutico em sua abordagem, ainda que aparentemente trate a tradução como uma interpretação, apoia-se desconfortavelmente sobre um modelo instrumental de tradução. Aqui a tradução é vista como a reprodução ou transferência de um invariante contido *no* ou *causado pelo* texto de partida, seja qual for sua forma, seu significado ou seus efeitos (VENUTI, 2013, p.3, grifos meus).

Dessa forma, a estrangeiridade do texto de partida seria, segundo a leitura que Venuti faz de Schleiermacher e Berman, um invariante inerente a léxico, sintaxe, estilo, gênero, tema e discurso, e justamente essa estrangeiridade é que deveria ser *reproduzida* pelo tradutor, manifestada pela aderência às características textuais do texto de partida.

Na leitura de Venuti, as propostas de Berman e Schleiermacher aproximam-se inesperadamente daquelas de São Jerônimo e Eugene Nida, cujas respectivas noções de “palavra-por-palavra” e “efeito equivalente” são, ainda hoje, intensamente influentes. Esses postulados, afirma Venuti, “supõem uma essência inerente *ao* ou *produzida pelo* texto estrangeiro e livremente acessível pelo tradutor, independente

do tempo e lugar em que a tradução se dá” (VENUTI, 2013, p.3, grifos meus). Ele destaca que essa inclinação instrumentalista de Berman e Schleiermacher não levaria em consideração a diferença transformadora que a tradução inscreve no texto de partida, uma vez que “qualquer senso de estrangeiridade comunicado em uma tradução nunca está disponível de alguma forma direta ou não mediada: é uma construção sempre mediada por inteligibilidades e interesses na situação de recepção” (VENUTI, 2013, p.3).

Venuti prossegue afirmando que o instrumentalismo é uma “falsidade” incapaz de oferecer uma compreensão incisiva e abrangente da tradução. Isso porque as diferenças linguísticas e culturais que constroem o texto de partida são “inevitavelmente diminuídas e alteradas, mesmo quando o tradutor mantém uma correspondência semântica estrita” (VENUTI, 2013, p.3), já que suas características linguísticas distintivas são o suporte de significados, valores e a funções específicas à sua cultura de origem. “Essas características”, conclui Venuti, “não sobrevivem intactas, sem variação, à mudança para uma língua e uma cultura distintas” (VENUTI, 2013, p.3). Tendo como horizonte seu renovado interesse na subjetividade do tradutor, como veremos em breve, Venuti finalmente sentencia:

Agarrar-se a um modelo instrumental de tradução, insistir na existência de uma fonte invariável, suprimir a interpretação do tradutor e negligenciar a situação cultural a que ela responde é sinal de um medo de mudanças (VENUTI, 2013, p.10).

Dado o destaque que Schleiermacher e Berman têm na introdução a *Translation Changes Everything*, era de se esperar que Venuti dedicasse alguns parágrafos a essa leitura que faz do pensamento desses teóricos como “instrumentalistas”. No entanto, isso acontece de forma bastante restrita: Schleiermacher e Berman são de fato mencionados nos artigos escritos a partir de 2000 e reunidos na coletânea de 2013; no entanto, essa questão específica surge de forma bastante discreta e assistemática e refere-se exclusivamente a Berman.

Antes de explorar a maneira como Venuti identifica uma tendência instrumentalista no pensamento de Berman, acredito ser produtivo avaliar

brevemente a maneira como o pensador francês figura nos trabalhos anteriores de Venuti. Se em *The Translator's Invisibility* (2008) ele surgia quase que exclusivamente como comentador do pensamento de Schleiermacher e dos intelectuais do período romântico alemão<sup>41</sup>, em *Escândalos da Tradução* (2002) Berman desponta como uma das bases éticas do modelo tradutório que Venuti descreve. O quarto capítulo desse livro, “A Formação de Identidades Culturais” (p.129-167), chama o pensador francês à reflexão de Venuti, e a segunda parte do capítulo, “A ética na tradução”, se abre com a seguinte afirmação:

Se a tradução tem efeitos sociais de tão longo alcance, se ao formar identidades culturais ela contribui para a reprodução e a mudança social, parece importante avaliar esses efeitos, indagar se eles são bons ou maus, ou se as identidades resultantes são éticas. Será útil começar com Antoine Berman, cujo pensamento sofreu uma mudança interessante pouco antes de sua morte (VENUTI, 2002, p.154-155).

Apesar de não descrever o sentido dessa “mudança interessante pouco antes de sua morte”, a partir desse ponto Venuti assume o conceito bermaniano de *tradução ética* como norteador das análises propostas, alinhando-o àquilo que ele denomina “a tradução de boa qualidade”:

A tradução de má qualidade forma uma atitude doméstica que é etnocêntrica com relação à cultura estrangeira: “geralmente sob o disfarce de transmissibilidade, ela realiza uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (BERMAN, 1992, p.5). A tradução de boa qualidade visa a limitar essa negação etnocêntrica: ela representa “uma abertura, um diálogo, uma hibridação, uma descentralização” e, dessa forma, força a língua e a cultura doméstica a registrarem a estrangeiridade do texto estrangeiro (VENUTI, 2002, p.155).

Nessa análise, a tradução etnocêntrica descrita por Berman corre em paralelo com a exigência de traduções fluentes descritas por Venuti — ou seja, são as “traduções de má qualidade” —, enquanto a “abertura” promovida pela “tradução de

---

<sup>41</sup> Uma evidência disso é o fato de que as únicas referências ao pensamento de Berman em *The Translator's Invisibility* surgem nos trechos dedicados a Schleiermacher, na primeira parte do terceiro capítulo do livro (p.83-98).



boa qualidade” alinha-se aos ideais de tradução estrangeirizadora e minorizante de Venuti. Ao rejeitar aquilo que Venuti chama de “ética tradutória da igualdade” — “uma tradução que possibilite e ratifique discursos e cânones, interpretações e pedagogias, campanhas publicitárias e liturgias existentes” (VENUTI, 2002, p.156) —, o tradutor tem a possibilidade de redirecionar o movimento etnocêntrico envolvido em qualquer prática tradutória a fim de “descentralizar os termos domésticos que um projeto tradutório tem de, inevitavelmente, utilizar” (VENUTI, 2002, p.157), uma vez que a tradução sempre exerce uma “domesticação fundamental”, uma assimilação necessária para realizar a reescrita em um idioma distinto daquele original. Para Venuti, o tradutor deve ter sempre como horizonte o objetivo de limitar a apropriação domesticadora do texto traduzido a partir de recursos resistentes e minorizantes, sem, no entanto, “recorrer a experiências estilísticas que são tão alienadoras a ponto de causarem o próprio fracasso” (VENUTI, 2002, p.166).

Neste ponto, entra em cena mais uma vez o questionamento quanto à ciência do tradutor em relação ao projeto tradutório que coloca em movimento com a “tradução ética” e a maneira como essa postura se desdobra textualmente:

É possível para um tradutor seguir uma ética da diferença conscienciosamente? Até que ponto tal ética arrisca-se a ser ininteligível, ao descentralizar as ideologias domésticas e a ser culturalmente marginal, ao desestabilizar as operações das instituições domésticas? Um tradutor pode manter uma distância crítica das normas domésticas sem condenar uma tradução a ser impossível de ler? (VENUTI, 2002, p.160)

A questão do controle do tradutor sobre o processo tradutório voltará a ser tematizada por Venuti em seus escritos mais recentes. Neste momento, ressalto que a importância de Berman como defensor da voz do Outro na tradução reaparece em “The poet’s version; or, an ethics of translation” (originalmente publicado em 2012). No entanto, nesse momento de sua reflexão, Venuti reavalia aquilo que considera uma “tradução de má qualidade”: agora tomando os escritos de Alain Badiou como sustentáculo para suas ideias acerca da questão ética na tradução, Venuti anuncia

que passou a evitar “qualquer associação de ‘má tradução’ à ideia de ‘falta de respeito com o nome do Outro’” (VENUTI, 2013, p.185).

Em sua avaliação, esse movimento é feito por Berman em seu *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, originalmente publicado em 1985. Para Venuti, nesse livro Berman argumenta que a tradução pode e deve respeitar as diferenças de textos e culturas estrangeiros por meio de “estratégias discursivas projetadas para revelar ou manifestar (*révéler, manifester*) essas diferenças ao mesmo tempo em que resiste a qualquer redução etnocêntrica” (VENUTI, 2013, p.186). Segundo o pensador norte-americano, ao caracterizar a tradução como uma “manifestação” Berman se vale do conceito heideggeriano de verdade enquanto revelação, explorado em *Ser e Tempo* (originalmente publicado em 1927). Para elaborar sua afirmação, Venuti cita o seguinte trecho da “Carta sobre o Humanismo” (originalmente publicado em alemão em 1947):

A linguagem é a morada do ser. Na habitação da linguagem mora o homem. Os pensadores e os poetas são guardiões dessa morada. Sua vigília consiste em levar a cabo manifestações do ser, na medida em que, por seu dizer, a levam à linguagem e nela a custodiam (HEIDEGGER, 2008).

Venuti propõe uma leitura do pensamento de Berman a partir de Heidegger que passa pela substituição de “ser” por “a estrangeiridade do texto estrangeiro”, “homem” por “tradutor”, e “dizer” por “traduzir”<sup>42</sup> (VENUTI, 2013, p.186). Na análise de Venuti, é nessa formulação que tem origem o conceito bermaniano de dimensão ética da tradução enquanto “o desejo de abrir o Estrangeiro enquanto o Estrangeiro em seu próprio espaço de língua” (BERMAN, 2007, p.69). Ele prossegue:

---

<sup>42</sup> A citação de Heidegger que Venuti apresenta, traduzida por F. A. Capuzzi (não creditado no corpo do texto) é a seguinte: “Language is the house of being. In its home human beings dwell. Those who think and those who create with words are the guardians of this home. Their guardianship accomplishes the manifestation [*Offenbarkeit*] of being insofar as they bring this manifestation to language and preserve it in language through their saying” (Heidegger, 1947, p.193). As substituições propostas por Venuti são: “We can grasp the Heideggerian assumptions in Berman’s thinking by substituting, in this passage, ‘the foreignness of the foreign text’ for ‘being’, ‘translators’ for ‘human beings’, and ‘translations’ for ‘saying’.”

Para atingir essa manifestação heideggeriana do estrangeiro, Berman recomenda um interpretante formal em particular, “fidelidade à letra”, às características linguísticas e estruturas significadoras do texto de partida, ou o que é, com efeito, uma estratégia literalizante (VENUTI, 2013, p.186).

Na avaliação de Venuti, essa opção pelo literalismo, pela fidelidade à letra do texto pressupõe que de algum modo o texto de partida está disponível de forma não mediada — uma ideia a que o pensador norte-americano se opõe veemente nesse terceiro momento de sua trajetória intelectual. Para o autor: “o etnocentrismo se dá de modo inevitável, porque aquele texto [o texto de origem] é recontextualizado na língua e cultura de tradução, por isso sua estrangeiridade nunca pode ser revelada ‘em si’ por meio de e em uma tradução” (VENUTI, 2002, p.186). Venuti nos lembra, aqui, que todo processo tradutório se submete a uma inevitável domesticação em algum grau. O próprio Berman descreve um sistema de forças etnocêntricas que “deformam” o texto de partida e “operam em todas as traduções” (BERMAN, 2007, p.45). Para Venuti, esse reconhecimento de que a tradução é uma transformação contradiz o alinhamento de Berman com Heidegger, enfraquecendo a ideia de que “o Estrangeiro como Estrangeiro” pode ser manifestado em um texto traduzido (VENUTI, 2013, p.186).

Venuti encerra seu comentário quanto à contradição entre Heidegger e Berman alegando que o pensador francês assume um posicionamento ambíguo, contraditório:

De um lado, um essencialismo que projeta a tradução como uma manifestação direta das diferenças linguísticas e culturais por meio do literalismo, uma metafísica do estrangeiro e, do outro lado, um materialismo que projeta a tradução como uma prática inovadora que sinaliza a diferença indiretamente ao desviar de formas linguísticas dominantes e conhecimento institucionalizado, uma estrangeiridade contingente que sofre variações culturais e históricas (VENUTI, 2013, p.187).

Discordo da visão de Venuti quanto a uma ambiguidade em Berman. Se sua análise acerca do pensamento de Berman o identifica com um binarismo, uma lógica do “*ou* isso *ou* aquilo”, também podemos analisar esse movimento do pensador francês sob a lógica do “isso e aquilo”: ao mesmo tempo em que se busca o Outro

na tradução também se transforma o Próprio. Lido dessa forma, podemos aproximar a abordagem bermaniana à tradução ao *double bind* nos termos em que Derrida (2002) aborda o tema. A ideia do *double bind* permeia muitas das discussões que se colocam também neste trabalho (ainda que o termo *double bind* não surja explicitamente nessas reflexões); no entanto, esse tópico não será abordado aqui de forma sistemática, pois o escopo deste trabalho não comportaria tal reflexão com a merecida profundidade<sup>43</sup>.

A ideia de que a estrangeiridade do texto estrangeiro não se manifesta em si é a tônica dessa linha de pensamento tomada como central neste terceiro momento da reflexão venutiana. O pensador norte-americano identifica também no discurso de Schleiermacher um alinhamento a essa reflexão: para Venuti, a proposta formulada por Schleiermacher, de “levar o leitor até o autor” reveste-se do mesmo *literalismo* defendido por Berman e, desse modo, também compactua com a ideia de que a estrangeiridade do texto traduzido poderia ser revelada por meio de um método de tradução que se mantém “fiel” à materialidade do texto. Do modo como Venuti entende essa postura *literalizante*, Schleiermacher e Berman deixariam de lado, portanto, a interpretação e a subjetividade do tradutor no processo tradutório, uma vez que um acesso imediato ao Estrangeiro seria possível por meio de recursos textuais específicos.

Em nenhum de seus artigos mais recentes Venuti discute o caso da “tendência instrumentalista” de Schleiermacher em detalhes<sup>44</sup>; desse modo, podemos apenas fazer suposições acerca de suas novas convicções. Na introdução

<sup>43</sup> Sobre esse tema, são exemplares os artigos reunidos na edição especial sobre tradução, desconstrução e a pós-modernidade na revista *Alfa* (2000), sobretudo o texto de Paulo Ottoni, intitulado “A tradução da *différance*: dupla tradução e double bind” (p.45-58).

<sup>44</sup> No artigo “Local Contingencies: translation and national identities” (originalmente publicado em 2005), Venuti revisita o projeto nacionalista de Schleiermacher nos mesmos moldes da discussão exposta em *The Translator's Invisibility*, discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Mais uma vez, Venuti expõe o projeto do pensador alemão como “menos nacional do que erudito e burguês” (2013, p.129), uma vez que parte da escolha de textos feitos por uma elite intelectual que, em sua avaliação, se dirigia a um segmento restrito da sociedade prussiana, “o homem bem educado, o leitor especializado” (2013, p.129). Segundo essa visão, o impacto dos tradutores alemães foi inevitavelmente limitado. Apesar de “terem iniciado uma tradição de tradução que se estendeu ao século XX, inspirando pensadores como Nietzsche e Walter Benjamin” (VENUTI, 2013, p.130), em seu contexto histórico essas traduções estrangeirizadoras de textos canônicos influenciaram apenas a formação de leitores que, como eles, tinham não apenas uma inclinação e formação erudita, como também estavam familiarizados com traduções já existentes em alemão e com o desenvolvimento da literatura de língua alemã. Esse é, resumidamente, o único momento em que Schleiermacher figura no novo livro de Venuti, excetuando-se a introdução.

a *Translation Changes Everything*, porém, Venuti faz referência a duas passagens da conferência “Sobre os Diferentes Métodos de Tradução” que definiriam o “verdadeiro objetivo” de toda tradução: na versão traduzida por Susan Bernofsky, o texto diz “the true goal of all translation is the fullest possible unadulterated enjoyment of foreign works” e “the most direct enjoyment of the works themselves” (SCHLEIERMACHER, 2002 apud VENUTI, 2013, p.3). A partir dessa tradução, Venuti declara que os termos “unadulterated” e “direct” indicam “que o tradutor oferece não uma interpretação do texto de partida, mas, sim, acesso imediato a esse texto” (VENUTI, 2013, p.3).

No entanto, no artigo “Genealogies of Translation Theory: Schleiermacher” (1991), Venuti demonstra uma postura diferente em relação ao pensador alemão:

Schleiermacher deixa clara a natureza socialmente situada dos discursos culturais ao mostrar que o que constitui o estrangeiro em uma tradução estrangeirizadora *nunca está disponível de forma não mediada*, totalmente livre do etnocentrismo. É sempre uma *interpretação* feita pelo tradutor, não necessariamente aberta a todo leitor, ganhando visibilidade e sendo privilegiada apenas a partir de uma visada ideológica específica na cultura da língua de chegada (VENUTI, 1991, p.146, grifos meus).

Nesse mesmo artigo, Venuti destaca que Berman apontou o paradigma hermenêutico no texto de Schleiermacher, a ênfase na tradução como o objeto de interpretação textual que permite a compreensão subjetiva (VENUTI, 1991, p.129). É precisamente por isso, segundo Venuti, que a comunicação é o critério pelo qual as opções metodológicas são validadas e a tradução “autêntica” se distingue da “falsa”. De fato, no capítulo de *A Prova do Estrangeiro* dedicado a Schleiermacher (BERMAN, 2002, p.252-280), o pensador francês declara que é preciso considerar Schleiermacher “o fundador dessa hermenêutica moderna que se considera uma teoria da *compreensão*” (BERMAN, 2002, p.254, grifos do autor). Ele explica que a conferência de Schleiermacher na Academia Real das Ciências de Berlim é “um discurso sobre a tradução que se considera racional e filosófico e que visa a constituir uma teoria da tradução fundamentada em uma certa teoria da *subjetividade*” (BERMAN, 2002, p.260, grifos do autor). Isso porque, ao distinguir a tradução generalizada da tradução restrita (ou seja, a tradução entre línguas),

Schleiermacher traça uma distinção entre as operações promovidas por intérprete e tradutor: a função do intérprete estaria mais associada à vida dos negócios, enquanto a tradução se desenvolve nos domínios da ciência e da arte. Para Berman,

Essa distinção acarreta uma outra: a interpretação é essencialmente oral, a tradução é essencialmente escrita. Trata-se de distinções que têm origem no simples bom senso, e Schleiermacher vai procurar fundamentá-las em uma outra distinção, mais essencial: a do *objetivo* e do *subjetivo*: “Quanto menos, no original, o próprio autor aparece, mais ele age unicamente como órgão de assimilação do objeto [...] mais se trata, na tradução, de um simples tipo de função do intérprete.” Sempre que o autor aparece como o simples servidor de um conteúdo objetivo, há assim interpretação — oral ou escrita. Sempre que ele próprio tende a se expressar, no domínio da “ciência” ou da “arte”, há tradução (BERMAN, 2002, p.261).

Segundo a análise de Berman, o campo da interpretação<sup>45</sup> é aquele dos discursos em que a linguagem tende a se tornar “pura designação sem espessura”, e, nesse caso, a linguagem é “simplificada ao extremo, mas não tem valor em si mesma, é apenas o veículo indiferente de um conteúdo” (BERMAN, 2002, p.261). No caso da “ciência” e da “arte”, por outro lado, autor e texto envolvem-se em uma dupla relação com a linguagem: “há ao mesmo tempo modificação da língua e expressão do sujeito” (BERMAN, 2002, p.261). Ele vai além, afirmando que os discursos de ciência e arte (ou seja, filosofia e literatura) são a “expressão única do indivíduo” (BERMAN, 2002, p.261). Na avaliação de Berman, portanto, o discurso de Schleiermacher coloca tradutor e hermeneuta unidos no trato com a literatura e a filosofia, que se desenvolvem “no domínio do subjetivo” e que significa também uma “*intimidade* com a língua própria que não existe no caso dos textos destinados à interpretação” (BERMAN, 2002, p.262, grifos do autor). Ele completa: “Aderindo ao subjetivo do sujeito e ao íntimo da língua materna, o texto literário ou filosófico afasta-se de qualquer objetividade” (BERMAN, 2002, p.262).

Berman nos lembra que Schleiermacher fez sua conferência numa época em que surge uma nova percepção de linguagem, agora não considerada tanto

<sup>45</sup> Vale lembrar que o termo “interpretação” aqui se refere não a um processo de interpretação subjetiva, mas, sim, à atividade de um intérprete de conferências, da tradução simultânea — ou seja, de uma prática oral de tradução.

*representação* quanto *compreensão*: por esse motivo, a linguagem “pressupõe um *enraizamento* não junto às coisas percebidas, mas junto ao sujeito em sua atividade” (BERMAN, 2002, p.262, grifos do autor). Disso, depreende-se a extensão da “tradução autêntica”:

Na verdade, uma vez que a língua é uma coisa histórica, não existe sentido autêntico desta sem um sentido de sua história. As línguas não são inventadas e qualquer trabalho puramente voluntário sobre elas e nelas é loucura; mas elas são pouco a pouco descobertas e a ciência e a arte são as forças pelas quais essa descoberta é realizada e concluída (SCHLEIERMACHER, 1813 apud BERMAN, 2002, p.262).

O tradutor seria, portanto, o responsável por transmitir essas obras da ciência e da arte que fazem a história de uma língua. No entanto, Berman questiona: “Como ele pode passar para a sua língua alguma coisa que depende ao mesmo tempo da intimidade com a língua estrangeira e com a do sujeito que se exprime nessa língua? Como transmitir a *interioridade* da outra língua e do autor estrangeiro?” (BERMAN, 2002, p.262).

Da maneira como entendo a reflexão de Berman a partir de Schleiermacher, não concordo com Venuti na leitura de que algo em seus discursos apontaria para a existência de uma invariabilidade no texto estrangeiro que possa ser transposta para o texto traduzido. Para Schleiermacher, “cada pessoa é dominada pela língua que fala, ela e todo o seu pensamento são um produto dela” (2001, p.35-37), o que significaria que somos todos condicionados por nossa língua materna e que nossa compreensão de mundo depende essencialmente de nossa língua:

Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada o que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela (SCHLEIERMACHER, 2001, p.37).

Para o filósofo, “todo discurso livre e mais elevado requer ser concebido de duas formas: em parte pelo espírito da língua de cujos elementos é formado [...]; por

outro lado, ele requer ser concebido pela alma do enunciador como sua ação” (SCHLEIERMACHER, 2001, p.37). O discurso só pode ser entendido como um produto da língua que formou o enunciador “à medida que se sente que somente um heleno poderia pensar e falar dessa forma, que só essa língua poderia ter esse efeito num espírito humano” (SCHLEIERMACHER, 2001, p.38). Nesse ponto, Schleiermacher revela o quanto a identidade, as características, a personalidade e as ideias de um povo estão intrinsecamente relacionadas com a língua nacional.

Ora, se pensamento e língua estão intrinsicamente relacionadas, como se dá o acesso do tradutor a esse conjunto? Acredito que Schleiermacher pressupõe, sim, a interpretação por parte do tradutor no processo tradutório, segundo o modelo hermenêutico pelo qual é famoso. Esse é um ponto de vista compartilhado por Vermeer:

As investigações de Schleiermacher relacionam-se a quatro fatores de um processo hermenêutico: Compreender um dado objeto (ex. trecho de um texto), suas condições de produção, suas condicionantes situacionais e sua inserção num todo maior — também transcendente ao próprio objeto (cf. a inclusão de um produtor do texto). Assim, o objeto é “dinamizado”. Para que a compreensão seja bem sucedida, de acordo com Schleiermacher, é requisito conhecer os objetos aos quais se dirige a compreensão; conhecer a língua, meio pelo qual é possível a compreensão; e conhecer o “autor” (produtor do texto) — dito de modo mais geral: as circunstâncias imanentes e transcendentais à obra (como provavelmente se diria hoje). O texto é uma individualização do autor e da língua em uma determinada situação e para um determinado skopos (VERMEER, 1994 apud SNELL-HORNBY, 2012, p.195).

Considerando que Venuti não explora a questão desse instrumentalismo que identifica em Schleiermacher e Berman de forma mais aprofundada, podemos apenas supor que a classificação de Venuti está relacionada aos recursos textuais que esses pensadores sugerem empregar como desdobramento das posturas tradutórias que defendem — como se a tentativa de se aproximar o máximo possível da letra do original dispensasse os processos interpretativos envolvidos num projeto de tradução, uma vez que considerariam apenas a materialidade do texto e dispensariam sua associação a questões históricas, ideológicas, políticas e poéticas da cultura em que o texto original é produzido.



Venuti indica que a partir da percepção desse “instrumentalismo” no pensamento de Berman e Schleiermacher passou a desenvolver um “modelo hermenêutico que vê a tradução como um ato interpretativo, a inscrição de uma possibilidade interpretativa entre outras” (2013, p.4). É com esse modelo hermenêutico que Venuti se afasta das associações que são comumente feitas entre o seu trabalho e as propostas de Berman e Schleiermacher: na leitura do pensador norte-americano, Berman e Schleiermacher não considerariam a interpretação como fundamental no processo tradutório, enquanto Venuti, nesse terceiro momento de sua trajetória nos Estudos da Tradução, coloca as noções de inscrição e interpretante no centro de suas reflexões.

É bastante questionável esse posicionamento de Venuti — a meu ver, trata-se uma análise sobre o pensamento de dois importantes pensadores da tradução que se sustenta em uma redução bastante radical das propostas de Berman e Schleiermacher. De um lado, Schleiermacher aparece apenas como proponente de estratégias de tradução que levam ou trazem alguma coisa e como o defensor de uma reação burguesa e intelectualizada contra a dominação francesa que perverte os “reais” objetivos da tradução em termos venutianos (a saber, desafiar e desestruturar o cânone linguístico, literário, político, ideológico e institucional). Em momento algum Venuti considera que Schleiermacher é referenciado como o “pai da hermenêutica” justamente por trazer o elemento da subjetividade e da relação entre intérprete e contexto para a análise textual, além de desconsiderar que as propostas de Schleiermacher já têm cerca de 200 anos de idade. Berman também surge de forma bastante reduzida no pensamento de Venuti: o mergulho que esse pensador francês faz no estabelecimento de uma tradição de pensamento sobre a tradução e a questão ética levantada por esse aprofundamento nas reflexões da Alemanha romântica se resume a metodologias de tradução e ferramentas de análise num modelo quase descritivista, o que não reflete alguns dos pontos centrais do pensamento bermaniano. Ao leitor, resta a sensação de que Venuti tenta se colocar como o proponente de “novas” reflexões e análises quase de forma independente em relação aos pensadores de tradução que o antecederam, ainda que a leitura dos principais textos de Schleiermacher e de Berman, entre outros autores, possam nos revelar que, na realidade, algumas reflexões e abordagens já circulavam há bastante

tempo no pensamento tradutório, ainda que de forma menos “sistematizada” do que aquela que Venuti agora propõe.

Esse caráter de “novidade” no pensamento de Venuti deve ser analisado com cautela: esse “novo” modelo hermenêutico que o pensador norte-americano propõe me parece bastante semelhante à hermenêutica schleiermacheriana. Para Schleiermacher, “como todo discurso tem uma dupla relação, com a totalidade da linguagem e com o pensar geral de seu autor: assim também toda compreensão consiste em dois momentos, compreender o discurso enquanto extraído da linguagem e compreendê-lo enquanto fato naquele que pensa” (2005, p.95). Essa citação nos indica o caráter subjetivo e coletivo da hermenêutica aos moldes do pensador alemão, para quem essa atividade é “a arte de compreender e interpretar” (SCHLEIERMACHER, 2005, p.87). Considerando-a uma obra de arte, a atividade hermenêutica traz em si o caráter que distingue a arte das demais atividades humanas: ela não pode ser mecanizada. Isso significa que a atividade hermenêutica depende mais da destreza do artista ou intérprete do que de uma aplicação metódica de regras ou padrões universais de interpretação. Assim, todo discurso (bem como cada compreensão de um discurso), é sempre “a construção de um determinado finito a partir de um indeterminado infinito” (SCHLEIERMACHER, 2005, p. 99). Isso porque a linguagem é um infinito, uma vez que são infinitas suas possibilidades de ser determinada por terceiros (RUEDELL, 2012). Da mesma forma,

é infinita a intuição particular de alguém, bem como são infinitas as possibilidades de influência que alguém pode sofrer de fora. Interpretar e compreender um texto requer movimentar-se nessa tensão entre o finito de uma construção particular e o infinito de sua linguagem e de seu autor, em que nenhuma regra pode dar-nos a certeza de sua aplicação . . . . Sem a ilusão de que um dia a comunicação seja plena ou total, ou de que se chegue a uma compreensão definitiva, Schleiermacher concebe o discurso como resultado da imaginação e de um ordenamento criativo de seu autor. É a perspectiva do discurso enquanto fator de transformação e de inovação (RUEDELL, 2012).

Entendido dessa forma, não vejo como Venuti pode considerar que sua “nova” hermenêutica pode estar tão distante assim dessas reflexões de

Schleiermacher: o que expus muito brevemente nos mostra que Schleiermacher considera, sim, a interpretação como parte fundamental de qualquer processo comunicativo, e seu modelo não deixa de levar em conta os aspectos subjetivos e sociais que influenciam o discurso.

Vale ressaltar também que Venuti critica abertamente a redução que a sua própria obra sofreu. Como vimos anteriormente, existe uma tendência de se ler Venuti considerando-o o proponente de duas *metodologias de tradução*, duas *ferramentas tradutórias* distintas, desconsiderando-se o contexto e os objetivos que ele tem em mente ao delinear as propostas de estrangeirização e domesticação.

Nesse movimento, Venuti ressignifica o conceito de “resíduo”, agora considerado “a criação de um novo contexto”, pois “a tradução recontextualiza o texto de partida na língua e na cultura de tradução ao aplicar um conjunto de interpretantes formais e temáticos para inscrever uma interpretação” (VENUTI, 2013, p.4). Observa-se que nos artigos mais recentes do pensador norte-americano esses termos — “inscrever”, “interpretantes”, “interpretação” — tomam o centro de suas reflexões, o que resulta em um “novo” modelo hermenêutico, diferente da tradição alemã que tem Heidegger e Gadamer como principais proponentes. O modelo de Venuti vale-se das reflexões de Derrida acerca do conceito de inscrição e do pensamento de Charles Peirce sobre a noção de interpretante. Nesse sentido, o processo de tradução revela-se “a aplicação de mediadores temáticos e formais que realizam a inscrição, transformando o texto de partida no texto traduzido” (VENUTI, 2013, p.4).

Essa nova abordagem se revela logo no primeiro parágrafo do primeiro artigo de *Translation Changes Everything*, “Translation, Community, Utopia” (originalmente publicado em 2000). Considerando que uma tradução nunca transcorre sem problemas, já que o tradutor negocia as diferenças linguísticas e culturais do texto de partida, reduzindo-as e oferecendo outro conjunto de diferenças depreendido da situação de recepção, Venuti declara:

O texto de partida, portanto, é menos comunicado que domesticado ou, mais precisamente, assimilado às inteligibilidades e interesses da situação de recepção por meio de uma inscrição. Essa inscrição começa com a

própria escolha de um texto para a tradução, uma escolha sempre bastante seletiva e intensamente motivada, e continua com o desenvolvimento de estratégias discursivas para traduzi-lo, sempre uma escolha de discursos específicos na situação de recepção (VENUTI, 2013, p.10).

O que Venuti descreve como um processo de inscrição está bastante próximo daquilo que, em *Escândalos da Tradução*, era descrito como as etapas rumo à tradução minorizante. No entanto, ao retornar a essa ideia, Venuti faz agora questão de destacar a influência da interpretação do tradutor no processo tradutório. Voltando-se contra qualquer associação entre tradução e algum tipo de “invariante” no texto de partida que pode ser comunicado no texto de chegada, Venuti destaca que “a mensagem-fonte é sempre interpretada e reinventada, especialmente em formas culturais abertas à interpretação” (VENUTI, 2013, p.13, grifos meus). O teórico questiona, então, como uma mensagem poderia ser invariante se ela é submetida a um processo de estabelecimento em uma língua e cultura de chegada: “[a mensagem] é sempre reconstruída segundo diferentes conjuntos de valores e sempre variável segundo diferentes línguas e culturas” (VENUTI, 2013, p.13).

Torna-se necessário um parêntese para o questionamento do que poderia ser “invariante” na comunicação humana. Afinal, o que poderiam ser características formais e temáticas invariantes num romance, por exemplo? Uma vez que os cânones literários variam de acordo com o tempo histórico e as culturas em que se estabelecem, também as definições dessas características formais e temáticas se transformam. A maneira como a tradução é praticada hoje é argumento em favor dessa ideia: os tradutores contemporâneos, ao menos no Brasil, procuram preservar os elementos básicos da forma narrativa. A trama não é reescrita para alterar eventos ou a sequência em que eles acontecem, e nem as ações dos personagens são editadas ou mesmo apagadas. Datas, dados históricos e geográficos e nomes de personagens geralmente são preservados, ou alterados somente em casos extremos (por exemplo, na transliteração de nomes russos ou japoneses para o português). No entanto, como Venuti demonstra com os estudos de caso apresentados em *The Translator’s Invisibility* (2008) e *Os Escândalos da Tradução* (2002), a situação não é a mesma em todo o mundo nem em todos os períodos históricos. Na maneira como a tradução é praticada hoje, portanto, a tradução de um

romance deve comunicar os elementos básicos da forma narrativa que estruturam o texto de partida. No entanto, mesmo esses elementos não estão livres de variação.

Venuti destaca que qualquer uso da linguagem pode provocar variações no dialeto padrão ao recorrer a uma diversidade de formações menores: dialetos regionais, jargões, clichês, inovações estilísticas, arcaísmos, neologismos. Seguindo o conceito de resíduo de Lecercle (1990), Venuti pontua que o uso dessas variações ultrapassa “a comunicação de um significado unívoco e, em seu lugar, chama a atenção para as condições do ato comunicativo” (VENUTI, 2013, p.13). Essas condições são, a princípio, linguísticas e culturais, mas também acabam incorporando fatores sociais e políticos. Qualquer comunicação via tradução vai envolver, portanto, a liberação de um resíduo doméstico, especialmente no caso da literatura: “O texto de partida é reescrito em dialetos e discursos, registros e estilos domésticos, que produzem efeitos textuais que têm significado apenas na história da língua e da cultura de tradução” (VENUTI, 2013, p.14).

No entanto, como vimos anteriormente, o conceito de resíduo de que Venuti se utiliza parece não considerar a influência da subjetividade do tradutor. Em seus artigos mais recentes, observamos como gradualmente essa questão é incorporada ao repertório conceitual de Venuti por meio das considerações acerca da inscrição. Esse novo interesse na subjetividade do tradutor é delineado no segundo artigo do livro, “The difference that translation makes: the translator’s unconscious”, originalmente publicado em 2002. Nesse artigo, Venuti anuncia dar continuidade aos estudos de Frota (2000), Gavronsky (1977) e Bass (1985), que chamam atenção para “a ideia de que o inconsciente, uma categoria universal na teoria psicanalítica, de alguma forma poderia influenciar as escolhas do tradutor e se fazer visível no texto traduzido” (VENUTI, 2013, p.33). Diferentemente desses pesquisadores, no entanto, Venuti anuncia que seu ponto de partida não é a psicanálise, mas, sim, a teoria de tradução, as questões linguísticas e culturais que a tradução levanta:

Se o inconsciente do tradutor está trabalhando no processo tradutório, então é importante compreender como a prática linguística e cultural distintiva que é a tradução dá uma forma e um significado específicos a conceitos psicanalíticos. Essa abordagem vai permitir traçar uma distinção entre diferentes aspectos do inconsciente do tradutor, do tradutório e do pessoal, do cultural e do político (VENUTI, 2013, p.33).

Considerando as diferenças irreduzíveis que já estão presentes antes mesmo do início do processo de tradução (as quais o tradutor pode optar por resolver ou simplesmente mistificar, tornar invisível) e que continuam influenciando o texto traduzido e complicando sua função comunicativa, Venuti se volta às reflexões de Jacques Derrida acerca da linguagem e da textualidade. Para tanto, o pensador norte-americano toma a seguinte passagem como ponto de partida para essa reflexão específica:

Ora, um corpo verbal não se deixa traduzir ou transportar para uma outra língua. É aquilo mesmo que a tradução deixa de lado. Deixar de lado o corpo é mesmo a energia essencial da tradução. Quando ela reinstitui um corpo, é poesia. Neste sentido, constituindo o corpo do significante o idioma para todo o sonho, o sonho é intraduzível (DERRIDA, 2002, p.198).

Venuti interpreta essa passagem do seguinte modo:

Na visão de Derrida, o corpo (“le corps”) do texto de partida, sua materialidade no sentido de uma cadeia específica de significantes acústicos e gráficos que o constituem, não pode ser reproduzido na tradução e, por isso, é inevitavelmente deixado de lado pelo tradutor. Esse abandono, para ser mais preciso, envolve uma perda em dois sentidos: a perda de efeitos intratextuais, que compõem a textura ou processo de significação único do texto de partida, e ao mesmo tempo a perda de relações intertextuais, que o investem de significância para leitores da língua de partida que leem de forma abrangente naquela língua. Ao deixar de lado a materialidade do texto de partida, a tradução é radicalmente descontextualizadora: ela desmancha o contexto que constitui aquele texto. Essa descontextualização é a primeira diferença produzida pelo processo tradutório em si (VENUTI, 2013, p.35).

Derrida observa também que, quando uma tradução restaura um corpo, a materialidade no sentido de uma nova cadeia de significantes em outra língua, a tradução é “poesia”. Na interpretação de Venuti, essa “poesia” se refere ao sentido filosófico de *poiesis*: nessa leitura, fazer uma tradução significa um ato particular de criação ou invenção. A tradução cria outra cadeia de significantes, que é acompanhada por “efeitos intratextuais e relações intertextuais que são

programadas para reproduzir o texto de partida, mas que também operam na língua e cultura de tradução” (VENUTI, 2013, p.35).

O resultado é que a tradução ultrapassa a comunicação de qualquer significado unívoco que o tradutor estabelece para o texto de partida, não importando o quanto ele pode ser reduzido ou descontextualizado. Nessa criação de uma nova cadeia de significantes, as possibilidades semânticas se proliferam ao mesmo tempo em que o tradutor busca fixar um significado que responda, de um lado, ao texto de partida e, de outro, às inteligibilidades e interesses na situação de recepção. Com isso, “ao restaurar a materialidade, ao criar um texto, a tradução é radicalmente recontextualizadora” (VENUTI, 2013, p.35), ou seja, produz um conjunto de diferenças linguísticas e culturais que é inscrito no texto de partida.

Venuti volta, então, a abordar o conceito de “resíduo”, segundo Lecercle (1990), esclarecendo que não se trata de uma “sobra” do dialeto padrão em uma cultura específica, mas, sim, parte de uma língua específica que, devido às características fonológicas, lexicais e dialetais em relação ao dialeto padrão, é capaz de complicar a comunicação de sentidos unívocos ao chamar atenção para as condições linguísticas, culturais e sociais de todo e qualquer ato comunicativo, revelando que o dialeto padrão é apenas uma possibilidade em meio a uma ampla variedade de dialetos. Nesse momento, Venuti volta a confiar na possibilidade de controle sobre a liberação do resíduo por um usuário da língua, nos mesmos termos em que o fizera em *Escândalos da Tradução* (2002): o tradutor faria uso do resíduo conscientemente, numa manobra que Harvey (1995) chama de “compensação”:

Um tradutor pode decidir liberar o resíduo para variar a forma e o sentido do texto de partida, pois uma característica linguística ou efeito literário não pode ser nada além de aproximado na tradução ou porque não pode ser reproduzido precisamente no mesmo ponto em que ocorre no texto de partida. Esse tipo de variação intencional é, por vezes, chamada de compensação, a criação de uma característica ou efeito que compensa a perda de algum aspecto do texto de partida, resultante de diferenças linguísticas e culturais (VENUTI, 2013, p.38).

No entanto, ao contrário do que aconteceu em *Escândalos da Tradução*, Venuti assume que o resíduo pode ser liberado também de maneira inconsciente,

sem que o tradutor possa controlá-lo. Pela primeira vez, Venuti revela que o próprio *Lecercle* associa a noção de resíduo ao inconsciente descrito por Freud na condição de recurso verbal excluído ou reprimido por normas gramaticais, mas que retorna em piadas, lapsos, erros e na poesia. Assim, “um resíduo pode ser inconsciente por parte do tradutor, porém, é altamente significativo em relação ao texto de partida e à cultura de chegada” (VENUTI, 2013, p.38). O inconsciente do tradutor é, portanto, textual: ele se revela quando a língua é usada no processo de tradução. Ao produzir uma cadeia de significantes para traduzir o texto de partida, o tradutor libera um resíduo que “expõe o funcionamento de seu inconsciente — mas apenas em relação àquele texto ou a uma passagem em particular nele” (VENUTI, 2013, p.40).

Essas considerações, a meu ver, sustentam-se na ideia de *différance* explorada por Derrida. Venuti as cita no artigo “Translating Derrida on translation”, artigo originalmente publicado em 2003 que versa sobre a tradução que Venuti fez para o texto “Qu’est-ce qu’une traduction ‘relevante’?”, registrado a partir de uma conferência feita por Derrida em 1998. A noção de *différance* refere-se justamente à ideia de que o significado, enquanto “efeito de relações e diferenças ao longo de uma cadeia de significantes potencialmente infinita” (VENUTI, 2013, p.58), é sempre uma instância que excede o controle do indivíduo, uma vez que não representa uma unidade original e apresenta-se como o local onde as possibilidades interpretativas se proliferam. Sendo assim, a linguagem não teria nada de “natural”, “intrínseca” ou “biológica” (como metáforas como “língua mãe” ou “língua nativa” nos fariam crer): trata-se de uma instância cultural, adquirida a partir da imersão e educação em uma cultura específica. A aquisição de uma língua, assim, infiltraria os usos individuais tornando-os coletivos, de forma tão sutil que geralmente não é percebida (VENUTI, 2013, p.58). Por esse motivo, a língua nunca pertence a um indivíduo e nem é simplesmente “uma” língua:

A linguagem é imposta pelas exigências de uma situação social que é estruturada hierarquicamente, seja essa situação cultural ou política, seja uma questão de se dirigir a uma audiência especializada às margens de uma instituição ou submeter-se às limitações e exclusões de um projeto colonial (VENUTI, 2013, p.59).



Observe-se que Venuti move-se cada vez mais em direção a uma consideração sobre a linguagem que destaca o papel da interpretação no processo tradutório, agora reconhecendo que existem pressões externas (cultura, ideologia) e internas (inconsciente, subjetividade) atuando sobre o tradutor. Essa renovada valorização da subjetividade e do inconsciente do tradutor não pode prescindir da reavaliação do papel da interpretação no processo tradutório, e é exatamente esse o “passo seguinte” nesse novo momento da trajetória de Venuti. Em “The poet’s version; or an ethics of translation” (2011), ele coloca a interpretação como central para o processo tradutório. Em sua avaliação, o modelo instrumentalista vigente mascara tanto a interpretação do tradutor quanto as condições linguísticas e culturais em que trabalha, uma vez que considera que a tradução “reproduz ou transfere um invariante que é contido no ou causado pelo texto de partida, seja sua forma, seu significado, ou seu efeito” (VENUTI, 2013, p.178). Seu “novo” modelo hermenêutico, por sua vez, considera que, enquanto reprodução de segunda ordem, a tradução é uma interpretação que se dá durante o processo tradutório, sujeito a investigações mais profundas pelo público leitor.

Venuti argumenta que a tradução deve ser vista como uma interpretação porque é radicalmente descontextualizadora: as diferenças estruturais entre as línguas, mesmo aquelas que têm semelhanças léxicas e sintáticas (devido à mesma origem etimológica ou ao histórico de “empréstimos” mútuos), demandam que o tradutor desmanche, rearranje e desloque a cadeia de significantes que constrói o texto de partida. Nesse processo, diz Venuti, três línguas se perdem:

A primeira é intratextual e, portanto, constitutiva do texto de partida, de seus padrões linguísticos e suas estruturas discursivas, sua textura verbal. A segunda é intertextual (enquanto relações entre textos preexistentes) e interdiscursiva (enquanto relações com formas e temas preexistentes), no entanto, igualmente constitutiva, uma vez que abrange a rede de relações linguísticas que dá ao texto de partida a significância em relação a leitores que já fizeram leituras amplas na língua de partida. A terceira, que é também constitutiva, mas ao mesmo tempo intertextual, interdiscursiva e inter-semiótica, é o contexto da recepção, os vários meios pelos quais o texto de partida continua a oferecer significância quando começa a circular em sua cultura originária, desde decisões editoriais como tipografia, tamanho de corte e encadernação a textos das orelhas e fotos do autor, bem como de estratégias de publicidade, resenhas em periódicos especializados, críticas acadêmicas e sinopses em blogs a diferentes edições, inclusão em antologias e adaptações de diversos tipos (peças de teatro, roteiros de filmes, versão em quadrinhos, etc.). Por “constitutiva”

quero dizer que esse contexto triplo inclui o processo de significação do texto de partida, permitindo que ele sustente significados, valores e funções que, por sua vez, nunca sobrevivem intactos à transição para uma língua e uma cultura diferentes (VENUTI, 2013, p.180).

Assim, por estar envolvido simultaneamente em três instâncias linguísticas distintas e inseparáveis, o leitor de uma tradução jamais poderá ter a experiência de leitura que dispare respostas equivalentes (ou mesmo comparáveis) àquelas experimentadas pelo leitor do texto de partida (ou seja, o leitor que tem longa experiência em leituras naquele idioma e está imerso na cultura de partida). É por esse motivo que o texto de partida não apenas é descontextualizado como também recontextualizado, uma vez que a tradução o reescreve em termos que são inteligíveis e interessantes ao público imerso no idioma e na cultura de chegada. Para isso, ele é situado em diferentes padrões de uso de língua, em diferentes valores culturais, diferentes tradições literárias e diferentes instituições sociais. Para que isso aconteça, é preciso que o tradutor crie um novo conjunto de relações inter e intratextuais, estabelecidas *na e a partir da* tradução. Segundo Venuti, essa recontextualização traz consigo uma relação de perdas e ganhos: de um lado, o texto perde alguns de seus aspectos semânticos e formais; de outro, no esforço de fixar a forma e a estrutura do texto, “o tradutor desenvolve uma interpretação na língua de tradução que acaba por proliferar diferenças culturais” (2013, p.181).

Este é o ponto de sua reflexão em que Venuti demonstra uma evolução em relação às propostas apresentadas em *Escândalos da Tradução* (2002): essas “diferenças culturais” que podem ser proliferadas no processo de tradução possivelmente estariam operando da mesma maneira que o resíduo. No entanto, como vimos, o conceito de “resíduo” não considera a questão interpretativa envolvida no processo tradutório. Assim, Venuti precisa dar um passo adiante em sua teoria e refinar esse conceito: ao lançar mão da categoria de “interpretantes” para fazer a mediação entre cultura e língua doméstica e estrangeira, o pensador é capaz de elaborar uma teoria de tradução capaz de englobar o repertório conceitual que vem explorando desde o início de sua carreira:

Interpretantes formais podem incluir um conceito de equivalência, como a correspondência semântica baseada em pesquisa filológica ou dicionários, ou um conceito de estilo, léxico e sintaxe distintivos relacionados a um gênero ou discurso. Interpretantes temáticos são códigos: valores, crenças e representações que podem estar afiliados a grupos sociais e instituições específicas; um discurso no sentido de um corpus relativamente coerente de conceitos, problemas e argumentos; ou uma interpretação particular do texto de partida que foi articulada independentemente (VENUTI, 2013, p.181).

Também dando um passo adiante em relação às propostas expostas em *Escândalos da Tradução*, Venuti reconsidera o papel do leitor na leitura da tradução: aqui, ele reconhece que é preciso que o leitor compartilhe dos mesmos pressupostos que Venuti para identificar as inscrições feitas pelo tradutor no texto traduzido. Ele aplica, portanto, um conjunto de *interpretantes críticos* para “inferir e formular a interpretação inscrita por uma tradução” (VENUTI, 2013, p.183). Esses interpretantes críticos referem-se a uma contextualização histórica, que entende que a inscrição se dá em uma situação cultural específica na qual valores e práticas são dispostos de forma hierárquica. Do mesmo modo, práticas como a tradução são ativas tanto na formação de identidades culturais para agentes sociais quanto no funcionamento de instituições sociais onde esses agentes operam. O leitor deve também compartilhar das ideias sobre linguagem e tradução que foram debatidas por pensadores como Jacques Derrida, restringindo a pluralidade de possíveis interpretações ao mesmo tempo em que enfatiza a mais interrogativa de todas essas possibilidades (VENUTI, 2013, p.183).

Considerando que uma tradução necessariamente transforma o texto de partida ao retirá-lo de seu contexto originário ao mesmo tempo em que o recontextualiza, ela não pode ser avaliada meramente a partir de um cotejo entre texto de partida e texto de chegada sem levar em consideração as condições culturais e sociais em que se dá a sua interpretação. Assim, nesse terceiro momento de sua trajetória intelectual junto aos Estudos da Tradução, Venuti formula uma “nova” hermenêutica que busca reparar os problemas apontados em suas propostas anteriores: neste momento, Venuti considera tanto o aspecto objetivo quanto o subjetivo da tradução importantes para a interpretação do tradutor (o que parece buscar reparar o tipo de crítica que expus no item 2.4 deste trabalho), destaca o papel da interpretação também do leitor no processo tradutório (comentado no item

2.2) e relativiza a dicotomia estrangeirização/domesticação ao deslocar o tipo de efeito que uma tradução pode liberar para as inscrições específicas operadas pelos interpretantes que fixam uma possibilidade interpretativa, sem perder de vista o fato de que essa interpretação feita pelo tradutor sofre pressões de ordem política, cultural, ideológica e mesmo inconsciente (o que poderia ser útil em uma reavaliação das questões levantadas no item 1.5). O que podemos observar é um refinamento de seu repertório conceitual que se presta a uma reflexão sobre a tradução que busca ser mais ampla, menos localizada nas questões levantadas no âmbito da cultura anglo-americana, mesmo que os exemplos explorados por Venuti em *Translation Changes Everything* partam de práticas tradutórias realizadas principalmente na Inglaterra e nos Estados Unidos. Com esse “novo”<sup>46</sup> modelo hermenêutico, discussões sobre a produtividade da opção por uma ou outra postura perante a tradução perderiam o sentido, uma vez que Venuti deixa claro que os interpretantes inscritos nas traduções são cultural, linguística, social e subjetivamente específicos.

Vale destacar, no entanto, que, embora Venuti elabore essa sua nova abordagem à tradução a partir de conceitos depreendidos das reflexões de Derrida e Peirce, os tópicos da inscrição e dos interpretantes não surgem em nenhum momento de sua reflexão fazendo referência a esses pensadores: o nome de Peirce aparece duas vezes em todo o livro (na introdução e na entrada do índice remissivo), enquanto Derrida é chamado à discussão diversas vezes (em trechos nos quais Venuti se refere principalmente à *différance* e à relevância); no entanto, em nenhuma dessas ocasiões se coloca um detalhamento da ideia de inscrição. É de se perguntar pelas razões para esse tipo de omissão no trabalho de Venuti. Ora, se ele pretende demonstrar uma trajetória intelectual em seus artigos mais recentes, conduzindo seu leitor ao modelo mais “atual” que sustenta suas reflexões, apresentar em detalhe os pensamentos de Peirce e Derrida que propõem esse repertório teórico para só então direcionar essas ideias para um modelo de reflexão sobre a tradução não seria uma etapa necessária de seu trabalho? É possível que Venuti trabalhe com a ideia de que seu público leitor — que, sabemos, é composto majoritariamente por pessoas ligadas à academia nas áreas das Humanidades — já

---

<sup>46</sup> Utilizo o termo entre aspas como forma de questionar em que medida esse “novo” modelo é, de fato, uma inovação no cenário dos Estudos da Tradução, como discutido anteriormente.

está familiarizado com esses conceitos de Peirce e Derrida. No entanto, é bastante questionável a assimilação das ideias de Peirce e Derrida que se desdobra nos textos de Venuti: se este insiste tanto na institucionalização dos Estudos da Tradução junto à academia norte-americana, não deveria ele buscar respaldo em reflexões amplamente conhecidas propostas por figuras de autoridade em suas áreas justamente para demonstrar a abrangência dos Estudos da Tradução e sua intensa relação com reflexões de outras áreas já institucionalizadas? Voltaremos ao tema da institucionalização dos Estudos da Tradução no contexto norte-americano no item 3.3. Por ora, retomo um tópico apenas indicado nas páginas anteriores: uma nova abordagem ética à tradução neste terceiro momento das reflexões de Venuti.

### 3.2 Ética e evento

Tendo como horizonte as transformações envolvidas no processo tradutório nesse terceiro momento de suas reflexões, Venuti reposiciona suas considerações acerca da ética envolvida na prática tradutória. Considerando-se a tradução como um ato de recontextualização de um material estrangeiro, a avaliação que se faz de um texto traduzido deve ser deslocada para um nível que, na análise de Venuti, é propriamente ético: “Ao inscrever uma interpretação no texto de partida, uma tradução ou adaptação pode demarcar uma posição ética e, desse modo, servir a uma função ideológica em relação a interpretações concorrentes” (VENUTI, 2013, p.184).

Essa é uma avaliação que Venuti declara ter se originado em Badiou (2001) e em suas ideias sobre a ética baseada na verdade. O discurso de Badiou se coordena a partir dos conceitos de “verdade”, “evento” e “sujeito”: de forma resumida, para Badiou, a verdade é disparada por um evento e se espalha como uma chama alimentada pelo esforço subjetivo, que se mantém sempre incompleto. Isso porque a verdade não é um dado teórico, mas, sim, uma “questão prática”: ela é algo que *acontece*, um processo a partir do qual algo novo emerge em oposição à adequação entre conhecimento e seu objeto. Por esse motivo, toda verdade é, ao mesmo tempo, singular e universal (BADIOU, 2001, p.67).

O evento simultaneamente localiza e preenche um “vazio” ou falha em uma situação, articulando e investigando as consequências que coloca em movimento e as ramificações da ideia, forma ou prática que adquire, então, o valor de “verdade”. Uma verdade é específica à situação da qual se origina ao mesmo tempo em que é universal, igualmente aplicável a cada indivíduo que se compromete com esse “processo” da verdade, que opera no universo construído por esse processo. No entanto, essa verdade não estabelece um poder totalizante repressivo ou exclusivo porque se sustenta em um “inominável”, um elemento que fica fora de seu alcance conceitual. Reconhecer a existência de um nominável, assegura Venuti, “é recusar-se a impor a verdade como definitiva” (VENUTI, 2013, p.184).

Esse processo representa o que é “bom”. Ele se torna “mau” quando é revertido em um pseudoevento que localiza não um “vazio” em uma situação, mas uma “plenitude”, uma “substância”, o que resulta em um “simulacro da verdade” (BADIOU, 2001, p.72-73). O problema desse simulacro da verdade é que ele está afiliado às particularidades de uma comunidade específica, que seleciona ou exclui indivíduos (BADIOU, 2001, p.73-74). Assim, comprometer-se com esse simulacro significa totalizar seu poder ao incorporar todo e qualquer elemento no espectro de seu conhecimento, afixando, portanto, um nome ao nominável. A ética da verdade de Badiou advoga em favor de um conceito de verdade que promova inovação e igualdade de forma desinteressada e compartilhada universalmente, enquanto o simulacro — antiético — trabalha em favor dos interesses de uma comunidade específica e limitada.

Venuti aponta um questionamento bastante interessante nessas reflexões de Badiou. Para o pensador norte-americano, a ética de Badiou demonstra uma

antipatia em relação ao comunitário, como se todo agrupamento social fosse exclusivo ou repressivo, como se fosse possível imaginar uma formação social ou realizar uma ação política sem tais agrupamentos e suas relações hierárquicas (VENUTI, 2013, p.185).

A resposta para essa situação, na leitura de Venuti, gira em torno da ideia de que o coletivo emerge quando sujeitos são formados em seu comprometimento com um

evento que transforma uma situação e estabelece sua igualdade em um processo de verdade (Venuti, 2013, p.185). Na avaliação de Venuti, o antiético, na realidade, não é que o conhecimento possa servir a qualquer interesse comunicativo, mas, sim, que ele esteja a serviço de uma comunidade que atingiu um poder tão grande dentro de uma instituição social que pode excluir ou marginalizar os conhecimentos de comunidades concorrentes (VENUTI, 2013, p.185).

Eis a situação da tradução: nesse novo modelo ético de Venuti, um projeto tradutório deve ser avaliado segundo seu impacto (potencial ou real) em instituições culturais ou sociais na situação de recepção, observando se ela desafia os estilos, gêneros e discursos que conquistaram autoridade institucional, se estimula reflexões, pesquisas e escritas inovadoras. Do mesmo modo, uma “má” tradução refere-se ao “desejo de nomear *a qualquer preço*” (BADIOU, 2008 apud VENUTI, 2013, p.185), ou seja, impor normas culturais que rejeitam a singularidade e excluem todo um conjunto de interpretantes alternativos que possibilitam uma tradução diferente, uma interpretação distinta (VENUTI, 2013, p.185).

O que Venuti apresenta a seguir é uma reflexão ética sobre a análise crítica das traduções (ou *leitura sintomática*) que é bastante inovadora em relação às ideias que vinha explorando até este terceiro momento de sua trajetória intelectual: se antes Venuti ocupava-se da denúncia da manipulação sofrida pela tradução em favor de interesses hegemônicos, etnocêntricos, xenofóbicos e imperialistas principalmente do contexto anglo-americano e associava à “má” tradução toda prática que apagava as intervenções do tradutor, seu discurso agora é modulado e considera o efeito que a tradução tem na cultura que a recebe:

[...] uma tradução [...] não deve ser advertida apenas por exibir características que são comumente chamadas de antiéticas: a manipulação do texto de partida, ignorância em relação à linguagem de partida, até mesmo plágio de outras traduções. Devemos, ao contrário, examinar as condições culturais e sociais da tradução, avaliando se seus interpretantes iniciam um evento, criando novos conhecimento e valores ao suprir um vazio que indicam naqueles que atualmente são dominantes na situação de recepção. [...] nenhum interpretante deve ser visto como inerentemente valoroso, destacado de sua situação em uma cultura específica em um momento histórico específico (VENUTI, 2013, p.185).

Esse modelo ético de tradução que Venuti adota em seus trabalhos mais recentes representa um redirecionamento conceitual bastante expressivo em relação a suas reflexões anteriores. Venuti mostra-se muito mais preocupado com as contingências culturais e históricas específicas em que se dão as interpretações de um texto, as influências internas e externas que agem sobre o trabalho do tradutor e os efeitos que a inscrição de uma possibilidade interpretativa. Essas preocupações que agora tomam posição central em suas reflexões desdobram-se em uma postura ética mais ampla, mais focada nas possibilidades que os efeitos liberados por uma tradução podem desencadear, colocando de lado questões sobre o sucesso de uma tradução em reproduzir aspectos específicos do texto de partida (pois essas questões estariam associadas a conceitos essencialistas de equivalência e representação). Abandonando qualquer associação entre a tradução e a possibilidade da existência de algum invariante que se mantém durante a transformação do texto de partida no texto de chegada, Venuti assume agora que o processo de tradução revela que “invariantes não existem, que as características do texto de partida devem ser fixadas por meio de um ato interpretativo e que qualquer tentativa de fixação só pode ser provisória” (VENUTI, 2013, p.192). Isso porque a tradução só pode comunicar uma *interpretação*, nunca o texto em si ou algum tipo de significado que se acredita ser inerente a ele.

A interpretação que a tradução inscreve é sempre parcial e contingente: parcial porque “é incompleta na recriação do texto de partida e inclinada à cultura de chegada”, contingente porque “é fixada por um conjunto de interpretantes que variam segundo os âmbitos culturais de recepção, situações sociais e momentos históricos” (VENUTI, 2013, p.192). Por esse motivo, Venuti chama os estudantes de tradução a nos concentrarmos nesses interpretantes, especialmente nas relações que a tradução constrói com “tradições e convenções, estilos e gêneros, discursos e cânones” (VENUTI, 2013, p.192), para avaliarmos se essa tradução inscreve uma interpretação que seja inovadora em relação às interpretações que atingiram o status de autoridade naquela cultura de chegada.

Ao dirigir-se diretamente aos estudantes, pesquisadores de tradução e tradutores nos momentos finais de sua reflexão sobre o modelo ético descrito por Badiou, Venuti novamente faz um “chamado à ação” aos agentes da mudança que vislumbra a partir de sua proposta — o mesmo movimento que faz no capítulo final



de *The Translator's Invisibility* (2008). Dessa vez, no entanto, Venuti ressalta que esse chamado à ação não deve ser “anarquicamente subversivo” ou “arbitrário” (VENUTI, 2013, p.192), como o “chamado” anterior poderia ter dado a entender: neste momento, Venuti conclama os indivíduos que trabalham com a tradução (seja de forma prática, crítica ou teórica) a “assumir a responsabilidade por trazer um texto estrangeiro a uma situação diferente ao reconhecer que é sua própria estrangeiridade que demanda uma inovação cultural” (VENUTI, 2013, p.192). Assim, deixando de lado a conclamação ao enfrentamento da invisibilidade do tradutor, à resistência aos valores etnocêntricos e hegemônicos produzidos por traduções domesticadoras e à marginalidade da tradução, Venuti chama os tradutores a uma prática ideal de tradução que busca a inovação, o questionamento da verdade provisória estabelecida por uma comunidade específica. Com esse movimento, Venuti desfaz-se da ética da diferença descrita por Berman, associada a um modelo de instrumentalismo, como vimos anteriormente, e a substitui pela ética da verdade de Badiou, que julga amparar melhor as suas reflexões mais recentes.

### 3.3 Uma cultura de tradução

O último artigo apresentado na coletânea de *Translation Changes Everything* é “Towards a Translation Culture”, originalmente publicado em 2011. Nesse artigo, Venuti toca em um tema que muitas vezes foi ponto de partida para uma crítica a suas propostas: ele defende uma prática de tradução que se sustenta na prática empreendida por ele; no entanto, dificilmente um tradutor “comum”, que não fala do mesmo lugar privilegiado em que se encontra Venuti, poderia levar adiante o mesmo projeto. De fato, na condição de tradutor premiado, professor universitário e editor do selo de tradução em uma grande editora acadêmica, Venuti encontra-se em uma posição relativamente confortável para conclamar seus leitores a buscarem uma prática de tradução resistente, a procurarem alternativas à maneira como a tradução é praticada hoje nos Estados Unidos, na Inglaterra e em tantos outros países, pois é reconhecidamente uma autoridade no assunto. Como esperar que o tradutor “comum”, que depende da remuneração pelas traduções que faz, arrisque um ousado projeto de tradução que se revela como tal, que se utiliza de recursos

linguísticos que se desviam da norma padrão para revelar a estrangeiridade do texto de chegada, sabendo que esse projeto dificilmente será aprovado por alguma editora? Ao longo dos artigos reunidos em seu livro mais recente, Venuti nos revela que as suas traduções também enfrentam resistência, seja em editoras de perfil mais comercial, seja em periódicos especializados. Colocando-se também na posição de “vítima” da maneira como a tradução é avaliada, praticada e criticada contemporaneamente, Venuti aproveita a oportunidade para advogar em favor de

uma cultura na qual textos traduzidos são reconhecidamente escritos, lidos, ensinados, estudados e reconhecidos como trabalhos que não são simplesmente distintos dos textos de partida, mas principalmente vitais para a cultura de recepção e suas trocas com diversas culturas estrangeiras (VENUTI, 2013,p.248).

Partindo de sua experiência pessoal, Venuti destaca que as traduções rejeitadas por editoras não devem apenas ser lamentadas: é preciso que essas rejeições sejam questionadas. O que um tradutor pode aprender com a recusa de ter seu trabalho publicado, ou por ser reprovado em testes de tradução? Para investigar essa questão, Venuti analisa o caso de duas de suas traduções que foram reprovadas por editores (cujos nomes ele preserva para desviar de acusações de que escreve como “vingança”) para anunciar uma crítica a “métodos editoriais e suas pressuposições acerca da tradução” (VENUTI, 2013, p.232), por acreditar que essas questões precisem ser discutidas com urgência tanto por tradutores como por leitores de tradução.

Venuti apresenta, então, as dificuldades que enfrentou com a tradução de alguns poemas do catalão Ernest Farrés no ano de 2009. Seu projeto visava a “criar um público leitor para um escritor estrangeiro que era inteiramente desconhecido no mundo anglófono” (VENUTI, 2013, p.232). Ele relata que recebeu diversas cartas de aceite para sua tradução; no entanto, os “sim” vieram em número imensamente inferior aos “não”, “que surgiram em respostas padrão ou cartas e e-mails mais lacônicos possíveis” (VENUTI, 2013, p.232). Após ter sua tradução rejeitada por um editor que conhecia há bastante tempo, Venuti pediu a ele que explicasse os

motivos que levaram à recusa de publicar os poemas traduzidos. Nesse pedido, Venuti desejava fazer esse editor tomar uma atitude bastante rara no meio editorial: explicitar os critérios com que as traduções são avaliadas por conselhos editoriais, editores de periódicos acadêmicos, gerentes de editoras etc. Esse editor lhe respondeu que as traduções foram rejeitadas porque os poemas não os impressionaram — mais especificamente, a resposta do editor foi: “the poems didn’t make us feel like the top of our heads were taken off” (VENUTI, 2013, p.232). A resposta faz referência à correspondência de Emily Dickinson com Thomas Wentworth Higginson, na qual ela declara:

If I read a book and it makes my whole body so cold no fire can warm me I know that is poetry. If I feel physically as if the top of my head were taken off, I know that is poetry. These are the only way I know it. Is there any other way? (DICKINSON, 1870 apud TODD, 2011).

Venuti pressionou ainda mais esse editor e lhe perguntou se alguma vez ele parou para pensar que “traduções, por sua natureza, devem ser julgadas de maneira distinta em relação a composições originalmente compostas em inglês” (VENUTI, 2013, p.232); no entanto, o editor parou de responder às suas mensagens.

Tendo em vista as traduções que não “impressionaram” o editor, Venuti questiona se uma tradução para a língua inglesa de um poeta catalão do século XXI deve ser julgada segundo um conceito de poesia formulado por um poeta norte-americano do século XIX. Mais ainda:

Por que deveríamos comparar um poeta que escreve em uma língua menor e cuja literatura é sub-representada em inglês a um padrão articulado a partir de uma poeta que, após uma recepção inicial pouco favorável, agora ocupa uma posição inquestionável no cânone da literatura norte-americana? [...] Um poema que “arrancou o topo da cabeça” de uma poeta reclusa, absorta em si mesma na New England do século XIX poderia fazer o mesmo com um leitor anglófono contemporâneo? [...] Ou o problema foi que a minha tradução pareciam estrangeiras demais, demandando uma resposta que não é visceral, mas, sim, menos imediata ou espontânea, mais pensativa, especialmente sabendo que os poemas são eufrásticos, todos baseados em pinturas de Edward Hopper? [...] Ou estaria a revista buscando uma universalidade que poucas poéticas estrangeiras poderiam — ou, diria ainda, deveriam — apoiar na tradução? (VENUTI, 2013, p.233).

Venuti não esperava que seu editor tivesse resposta para esses questionamentos, feitos justamente para iniciar um debate. No entanto, ele se revela impressionado com o fato de que o editor não foi capaz de sequer formular esse tipo de questionamento, mesmo tendo ampla experiência com a publicação de traduções: se nem a lida diária com a prática de tradução foi capaz de aprofundar as reflexões desse editor acerca do sentido de uma tradução e de sua crítica, o que fazer?

O pensador norte-americano apresenta ainda outro exemplo, dessa vez relacionado a um editor que estava produzindo uma antologia de ensaios em que os tradutores discutem seu ofício. Esse editor entrou em contato com Venuti porque desejava incluir o texto “Translating Jacopone da Todi: poetries and modern audiences” (2003), reproduzido em *Translation Changes Everything*, nessa antologia. No entanto, esse editor pediu a Venuti para excluir toda a seção em que discute o suporte metodológico para a sua tradução, pois ele dispersaria “a sutileza das linhas de raciocínio desenvolvidas na última parte do texto e [encorajaria] os estudantes a ignorá-las, já que [Venuti] já as descreveu no *abstract*” (VENUTI, 2013, p.234). Para Venuti, dizer que ele “já” descreveu uma metodologia no sumário significaria, na verdade, que o editor acredita que a teoria é redundante e desnecessária.

O que chamou sua atenção foi esse editor dizendo ser “um grande fã das abordagens teóricas incorporadas na prática”: ora, *toda* prática literária e crítica incorpora conceitos teóricos como pressuposições que, ao mesmo tempo, permitem e restringem a prática. Esses conceitos tornam possível a tradução, determinando que forma ela tomará, e constituem uma teoria, mesmo que de forma não articulada ou inconsciente. Por esse motivo, Venuti entende que seu editor provavelmente acredita existir uma correspondência exata entre teoria e prática (por isso uma descrição das estratégias de tradução utilizadas em um texto pode parecer redundante); no entanto, para o pensador norte-americano, a relação entre teoria e prática de tradução é desigual, imprevisível, suscetível a diferentes interpretações e revisões ao longo do processo (VENUTI, 2013, p.234).

Com esse comentário, acredito que Venuti se posiciona não apenas em relação à fala do editor do exemplo, mas também aos críticos de seu trabalho que buscam descobrir em sua prática tradutória um reflexo exato de sua produção crítica e teórica: jamais poderemos observar o desdobramento inequívoco de suas propostas de tradução minorizante ou estrangeirização em práticas efetivas que sejam inteiramente minorizantes ou estrangeirizadoras porque a tradução é um processo de interpretação; logo, a maneira como essas estratégias são percebidas no resultado de uma tradução que se declara alinhada a essas posturas éticas varia segundo a subjetividade do leitor, o contexto cultural, histórico, social e ideológico em que está inserido. Esse tipo de crítica, que busca na tradução o teórico, estará sempre sujeito a impressões de leitura, tornando-se uma questão muito mais subjetiva do que objetiva: o que um leitor reconhece como um recurso domesticador pode ser analisado sob um viés estrangeirizador por outro, o que pode tornar uma intenção de comparar teoria e prática um trabalho muito pouco produtivo. Ainda que Venuti explique seus projetos e forneça detalhes sobre as decisões que tomou ao longo do processo tradutório com base em suas crenças acerca do que a tradução ideal deveria buscar como efeito, seus leitores não acatarão necessariamente essas explicações como únicas possibilidades de interpretação. Como ele mesmo reconhece, “um conceito teórico pode dirigir aplicações práticas diversas” (VENUTI, 2013, p.234) — logo, procurar traços de um comprometimento total com uma postura X ou Y pode ser um esforço em vão.

Venuti conclui que esse editor pode estar simplesmente manifestando uma tendência anti-intelectual em relação à tradução e denuncia que essa tendência domina as abordagens ao pensamento sobre a reflexão desde o começo do século passado. Retomando uma reflexão iniciada em *The Translator's Invisibility* (2008), Venuti relata que essa dominação corre em paralelo àquilo que denomina o “beletrismo” nas reflexões tradutórias, uma inclinação cujas raízes estão nas práticas literárias, linguísticas e editoriais do começo do século XX:

[O beletrismo] se originou nas práticas literárias modernistas, particularmente na inserção de traduções ou adaptações em composições originais, mas também na poliglossia que caracteriza diversos textos modernistas, o uso e a citação de idiomas estrangeiros que transforma o leitor em tradutor. Essas práticas apagaram as distinções que geralmente podem ser traçadas entre criações de primeira e segunda ordem, permitindo

que uma tradução ou adaptação passasse a ser vista como uma composição original (VENUTI, 2013, p.235).

Ao longo dos anos 1960, a abordagem beletrista, que enfatiza as qualidades estéticas do texto traduzido (VENUTI, 2013, p.236), foi decisiva para a implementação da ideia de que a prática de tradução é uma prática de “escrita criativa”. No entanto, formulações explícitas em defesa de uma abordagem beletrista tornaram-se cada vez mais raras, pois as pressuposições dessa abordagem seriam bastante assistemáticas, baseadas em gosto literário ou em definição bastante frouxa de “boa” literatura. Nessa linha de pensamento, os comentários sobre a teoria da tradução consideravam-na inútil, desnecessária: a prática de tradução seria, então, “intuitiva” ou “inconsciente”, enquanto o texto traduzido contaria com uma “autonomia estética” em relação ao texto original (VENUTI, 2013, p.237). Por considerarem a teoria de tradução “dispensável”, Venuti acredita que os tradutores tornaram-se incapazes de comentar ou refletir sobre suas práticas: eles simplesmente nunca pensaram a respeito desse assunto.

A ideia da tradução enquanto “escrita criativa”, dominante em escolas e cursos de tradução norte-americanos, acabou por afastar os tradutores e estudantes de tradução da teoria, uma vez que a pedagogia vigente era fortalecer uma prática orientada para a produção de textos em língua inglesa, dedicando pouca (ou nenhuma) atenção à relação entre o texto original e o texto traduzido (VENUTI, 2013, p.240-243). Nesse modelo, o ensino de tradução funciona como uma “oficina”, na qual se buscam soluções para problemas pontuais que surgem durante o processo tradutório. Para Venuti, esses problemas precisariam ser formulados como tais e essas formulações poderiam acontecer somente a partir de uma base conceitual. A teoria, especialmente a especulação abstrata, cria parâmetros conceituais dentro dos quais certos problemas se tornam visíveis, enquanto outros desaparecem ou perdem importância. Uma vez que o problema é formulado, uma solução pode ser desenvolvida — mas apenas dentro dos parâmetros estabelecidos por conceitos específicos. Assim,

[a] ênfase na prática caracteriza o processo tradutório como liberto dos pressupostos do tradutor, como se o tradutor não trouxesse para a sua prática um conjunto de valores, crenças e representações que incluem conceitos teóricos. O tradutor é representado como um escritor cuja reflexão é limitada a escolhas lexicais específicas (VENUTI, 2013, p.242).

O modelo de “oficina de tradução” é geralmente conduzido por um poeta-tradutor ou tradutor profissional que impõe suas preferências estéticas a seus alunos-tradutores, muitas vezes de forma inconsciente. Essa imposição acontece de duas formas: (1) as possibilidades discursivas são escolhidas não a partir das relações que estabelecem com o texto de partida ou a cultura de chegada, mas, sim, segundo o gosto do professor e suas crenças sobre o que torna uma obra boa; (2) a partir da ênfase nos problemas práticos, que são solucionados de acordo com as preferências estéticas do instrutor. Como consequência, os estudantes de tradução, futuros tradutores, não adquirem um vocabulário conceitual para explicar, justificar e principalmente questionar sua prática e as tendências beletristas vigentes no âmbito da literatura norte-americana: “Os estudantes podem desenvolver algumas habilidades tradutórias, mas eles não aprendem a pensar sobre a tradução criticamente ou a traduzir de forma independente” (VENUTI, 2013, p.243).

Segundo Venuti, a predominância da abordagem beletrística limitou drasticamente o desenvolvimento da tradução literária e do pensamento sobre a tradução principalmente nos Estados Unidos, mas também nos países anglófonos de forma geral. O pensador se queixa que

mesmo após gerações de tradutores incrivelmente talentosos, mesmo com a existência de premiações e organizações culturais que reconhecem e apoiam o trabalho dos tradutores, mesmo com a criação selos editoriais e coleções dedicadas à tradução, mesmo com a emergência dos Estudos da Tradução como área de pesquisa e ensino nas instituições acadêmicas, o fato é que a tradução literária continua sendo grosseiramente mal compreendida, subestimada ou negligenciada, e persistentemente explorada. A abordagem beletrista não fez nada para mudar essa situação (VENUTI, 2013, p.244).

Buscando uma transformação na maneira como a tradução é pensada, criticada e praticada no contexto norte-americano, Venuti destaca a urgência de deixar o beletrismo para trás e junto com ele as abordagens instrumentalistas à tradução, aspectos que deveriam ser substituídos pelo modelo hermenêutico e pelo entendimento da tradução enquanto um ato interpretativo (VENUTI, 2013, p.244). As vantagens que o modelo hermenêutico oferece se referem a seu “poder explanatório” e “aplicação prática”: considerando a tradução um ato interpretativo que começa com a escolha de um texto a ser traduzido e continua com a escolha de uma estratégia para traduzi-lo, ressalta-se que esses estágios do processo tradutório são determinados não apenas pelo texto de partida, mas também pelos valores, crenças e representações na cultura de chegada. Assim, os tradutores devem ser capazes de reconhecer em seu trabalho essas condições culturais — daí a importância de que o tradutor domine não apenas as estratégias discursivas que pretende aplicar num projeto de tradução, mas que também saiba reconhecer a interpretação que está inscrevendo no texto que traduz: “os tradutores devem ser capazes de articular os interpretantes que tornam possíveis suas traduções” (VENUTI, 2013, p.246).

Para traduzir segundo o modelo hermenêutico proposto por Venuti e ser capazes de reconhecer a tradução como um ato interpretativo, “os tradutores devem estar armados com um sem-número de qualificações que não recebem da pedagogia prevalente das oficinas de tradução” (VENUTI, 2013, p.246). Na contramão da tendência beletrista dos programas de formação de tradutores contemporâneos nos Estados Unidos, Venuti delinea um “currículo” da formação ideal de tradutores:

Essas qualificações começam com a proficiência avançada na língua de partida, mas também incluem a habilidade de escrever utilizando uma variedade de estilos na língua de tradução com clareza, precisão e ressonância. Os tradutores devem contar também com um conhecimento abrangente e profundo das tradições de tradução na língua e na cultura de chegada, por exemplo, um domínio histórico de conceitos teóricos e estratégias práticas. E eles devem ser especialistas nas áreas que traduzem, uma vez que essas áreas se desenvolveram tanto na cultura de partida quanto na cultura de chegada (VENUTI, 2013, p.246-247).



Nesse modelo, um tradutor anglófono de poesia francesa deve não apenas ser proficiente na língua francesa como também dominar as tradições literárias de língua francesa; ser proficiente não apenas na língua inglesa como também nas tradições literárias de língua inglesa; ser capaz de imitar e avaliar as poéticas de língua inglesa; e conhecer as tradições de tradução nas culturas francesa e inglesa, passadas e presentes, que informam as teorias e práticas que constituem as tradições anglófonas e francófonas. A promessa desse modelo de formação é a autoconsciência e a autocrítica, assim como a expansão do repertório do tradutor.

Segundo Venuti, “o estado atual da tradução literária, particularmente nos países anglófonos, indica a urgência de tradutores como descrevi” (VENUTI, 2013, p.247). Em sua avaliação, o longo período em que o beletrismo imperou sobre o pensamento e a prática de tradução levou a uma irreflexão sobre o que o tradutor de fato faz e a um agressivo anti-intelectualismo que desencoraja o pensamento sobre a tradução. Como resultado, uma discussão pública contínua sobre esse tema nunca se materializou, e as consequências para as publicações de traduções foram catastróficas, uma vez que uma compreensão mais ampla sobre o ofício do tradutor “é essencial para a criação de um público-leitor que pode apreciar a literatura traduzida” (VENUTI, 2013, p.247).

O pensador norte-americano destaca que, mais recentemente, os tradutores vêm afirmando que a tradução é, de fato, um tipo de saber, mas permanecem tão envolvidos em uma abordagem beletриста que não conseguem (ou talvez não queiram) traçar um relato teórico-crítico de suas traduções. Afinal, apenas reconhecer que a tradução pode ser considerada uma área de ensino e pesquisa não vai transformar o pensamento dos acadêmicos em relação a conceitos de originalidade e criatividade que há muito tempo predominam nas instituições de ensino em todo mundo, especialmente nos Estados Unidos. Esses conceitos não vão se transformar simplesmente alertando esses pesquisadores de que aquilo que leem é uma tradução, uma obra de caráter interpretativo capaz de registrar forte carga subjetiva, histórica, política. Para isso, é preciso que a prática da tradução venha acompanhada por pesquisa minuciosa e abrangente.

Por esses motivos, Venuti identifica uma falha no estabelecimento de uma *cultura de tradução*, descrita como

cultura na qual os textos traduzidos são lidos e escritos, ensinados e estudados, reconhecidos como obras que não são simplesmente distintas do texto de partida que traduzem mas que também são vitais para a cultura de recepção e suas trocas constantes com diversas outras culturas estrangeiras (VENUTI, 2013, p.247-248).

Venuti imagina que, se vivêssemos nessa cultura de tradução, os tradutores simultaneamente aprenderiam a traduzir e a comentar suas traduções de maneira ponderada. Suas críticas teriam sustentação em conhecimentos históricos, teóricos e críticos, além de um conhecimento das tradições de tradução em si e das áreas nas quais os textos traduzidos são produzidos e circulam. Os tradutores seriam capazes também de situar seus projetos em relação a teorias e práticas passadas e de reconhecer os efeitos desses projetos sobre os leitores contemporâneos. Nessa cultura de tradução, os tradutores poderiam compartilhar seus conhecimentos com os leitores que usam seus textos e precisam de seu trabalho por meio de pesquisas e artigos sobre teoria e história da tradução dirigidos a pesquisadores, relatórios sobre traduções voltados às dúvidas levantadas por editoras, resenhas de romances e poemas para periódicos literários, prefácios a traduções escritos pelos próprios tradutores, entrevistas sobre seus projetos e suas carreiras, e sites sobre debates contemporâneos acerca da tradução (VENUTI, 2013, p.248). O estabelecimento dessa cultura de tradução em oposição ao beletrismo significaria, portanto, que

os leitores vão aprender a apreciar traduções enquanto traduções sem reduzi-las a seus textos de origem; a prática de tradução será compreendida e valorizada em instituições acadêmicas [...] e editoras verão um retorno financeiro que motivará e apoiará seu investimento contínuo em traduções (VENUTI, 2013, p.248).

Esse artigo encerra o livro mais recente de Venuti e revela uma mudança significativa no tom e na direção de suas críticas e apelos. O que acompanhamos é um Venuti que se posiciona também como um tradutor que sofre com a maneira como a tradução é praticada hoje nos Estados Unidos, mas que ao mesmo tempo fala de um lugar privilegiado: o que o pensador norte-americano oferece a seus leitores é um relato que se sustenta, de um lado, em sua própria experiência

(mostrando que mesmo o fato de ser um tradutor e crítico reconhecido e premiado não lhe garante que as suas traduções serão aprovadas integralmente todas as vezes em que submete um novo trabalho à avaliação de editores) e, de outro, nos dados sobre a história da forma como a tradução é praticada no contexto norte-americano. Argumentos “da prática” e “da teoria” se cruzam aqui e agem no mesmo sentido: identificar onde está o problema da tradução hoje nos Estados Unidos.

As conclusões a que esse cruzamento chega também são distintas da reflexão feita em *The Translator's Invisibility*: se anteriormente Venuti identificava na invisibilidade do tradutor a fonte de toda a marginalidade da tradução no contexto anglo-americano e chamava os tradutores a uma mudança na forma como praticam a tradução, suas reflexões mais recentes nos indicam que ele passa a considerar uma nova questão nessa equação. Nesse seu terceiro momento, Venuti reconhece que os tradutores simplesmente não são treinados a pensar criticamente sobre sua prática; logo, não criam ferramentas para modificar sua prática ou mesmo para defender suas opções no processo tradutório, pois a formação de tradutores, ao menos nos Estados Unidos, considera a prática da reescritura que é a tradução como idêntica a uma prática de escritura — ou seja, problemas pontuais que devem ser *resolvidos*, não criticados, avaliados e questionados.

Assim, Venuti desloca seu chamado a ação não mais aos tradutores (como discutido anteriormente), revelando a urgência de resistirem às práticas domesticadoras, mas, sim, àqueles que educam esses tradutores. Agora, os interlocutores de Venuti são os professores de universidades, institutos de formação e cursos livres de tradução, que são chamados a reavaliar a insistência numa abordagem beletrista à tradução, oferecendo a seus estudantes também uma formação voltada à reflexão sobre seu ofício. Preparando-os também crítica e teoricamente, uma nova geração de tradutores pode praticar a tradução de forma muito mais consciente e empoderada: é a partir dessa ciência sobre a extensão dos efeitos da atividade tradutória que os tradutores poderão buscar uma prática que promova a diferença do texto estrangeiro e revele a tradução como tal.

Um ponto que deve ser ressaltado nessa reflexão de Venuti é a posição dos Estudos da Tradução junto à academia norte-americana: o pensador identifica no

anti-intelectualismo descrito por Bourdieu (1988) a explicação para a marginalização da disciplina nas universidades dos Estados Unidos:

A introdução de diferentes materiais e práticas provavelmente vai encontrar resistência se eles representam um desafio fundamental ao valor do pensamento institucionalizado, se buscam deslocar a importância investida nele para outro tipo de pensamento (VENUTI, 2013, p.61).

Essa resistência pode se manifestar na recusa em publicar artigos em periódicos da área ou em livros em editoras universitárias, na reprovação de candidatos a programas de mestrado e doutorado com pesquisas em teoria de tradução, na rejeição do financiamento de pesquisas na área, entre outros: “O destino institucional dos Estudos da Tradução nos Estados Unidos envolve diversos tipos de resistência institucional” (VENUTI, 2013, p.62).

Na avaliação de Venuti, ainda falta aos Estudos da Tradução uma institucionalização na academia norte-americana. Ele avalia que, enquanto os países europeus (e, podemos acrescentar, também o Brasil<sup>47</sup>) incentivaram o crescimento do número de instituições de formação de tradutores nos últimos anos (lembrando que desde os anos 1940 algumas instituições europeias de ensino já contavam com cursos específicos de tradução<sup>48</sup>), os Estados Unidos ficaram para trás, fazendo dos cursos de especialização ou dissertações e teses em Estudos da Tradução “uma exceção” (VENUTI, 2014, p.62).

Observe-se que Venuti faz parte da margem da academia, mesmo sendo professor do curso de Inglês da Temple University. Essa universidade não conta com um programa de mestrado ou doutorado em tradução, e o currículo da graduação não conta com disciplinas nem de teoria e nem de prática de tradução. A denúncia que Venuti faz sobre a rejeição em se institucionalizar os Estudos da Tradução se revela, então, uma questão também pessoal: seu trabalho de crítica e teoria de tradução, que o tornou famoso em todo o mundo, parece não encontrar um

<sup>47</sup> A antologia organizada por Costa, Guerini e Torres (2013) oferece um excelente panorama do estabelecimento e crescimento da área dos Estudos da Tradução no Brasil.

<sup>48</sup> O site do Translator-Training Observatory oferece uma lista com informações atualizadas periodicamente sobre programas de formação de tradutores em todo o mundo. Disponível em: <<http://isg.urv.es/tti/tti.htm>>.

espaço para diálogo nos Estados Unidos. Chamar atenção para a marginalização dos Estudos da Tradução nos Estados Unidos é também buscar uma posição de destaque junto aos acadêmicos do país onde trabalha e desenvolve seus estudos. Assim, ao mesmo tempo em que busca reformar a maneira como os tradutores norte-americanos são formados, Venuti também se coloca como um norte, um líder para essa reforma em um sistema universitário que não tem uma tradição de Estudos da Tradução. Minha avaliação pessoal é que a longa trajetória de Venuti, que começa com um mergulho na história da tradução para a língua inglesa, passa pela denúncia dos “escândalos” que mantêm a prática, a crítica e a teoria da tradução em situação de marginalidade e culmina num novo interesse pelos processos interpretativos envolvidos na tradução, revela-se como uma tentativa de inaugurar essa tradição no âmbito norte-americano, oferecendo um “currículo” de reflexões que devem ser implementadas com urgência na educação da próxima geração de tradutores para que as mudanças vislumbradas em *The Translator’s Invisibility* e em *Escândalos da Tradução* finalmente tomem forma. Resta saber se o novo direcionamento de seu “chamado à ação” terá, enfim, os resultados que Venuti parece desejar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra de referência *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Venuti redigiu o verbete “Strategies of Translation”, definido como “as tarefas básicas de escolha de um texto a ser traduzido e o desenvolvimento de um método para traduzi-lo” (1998, p.240). Venuti ressalta que as diferentes estratégias de tradução que surgiram desde a Antiguidade poderiam ser divididas em dois grupos: de um lado, a tradição domesticadora; de outro, a tradição estrangeirizadora. Que Venuti identifique essas duas estratégias como as únicas possíveis não causa surpresa: o texto acompanha um momento de sua trajetória marcado por dicotomias e enfrentamentos, numa reflexão que polariza as “boas” e as “más” traduções segundo seu alinhamento ético e ideológico a uma postura hegemônica ou ao favorecimento de um espaço de alteridade na tradução — alinhamentos estes que resultam em estratégias discursivas distintas: de um lado, traduções resistentes; de outro, traduções fluentes. Digo que essa não é uma surpresa tendo em vista os resultados da pesquisa de Iniciação Científica que apresentei anteriormente: o nome de Venuti já é praticamente sinônimo de “estrangeirização *versus* domesticação” e de “invisibilidade do tradutor”.

No entanto, por mais que esses sejam os conceitos que tornam Venuti um pensador muito conhecido entre os pesquisadores de Estudos da Tradução, isso não é tudo o que Venuti tem a oferecer. Observamos, em artigos, ensaios e pesquisas da área, uma intensa redução metodológica das propostas de Venuti, um movimento que muitas vezes ignora o contexto político, ideológico e institucional em que Venuti está envolvido. Ao deixar de lado exatamente esse caráter social do pensamento de Venuti e concentrar-se em subsídios para justificar a tomada de decisões específicas ao longo do processo tradutório, acredito que se abre mão de reflexões muito interessantes e atuais que poderiam ser colocadas em jogo. Mais do que isso, arrisca-se perder de vista um projeto muito mais amplo do que a descrição de opções discursivas em tradução: um projeto que se refere à maneira como a tradução é praticada, ensinada, criticada e pensada na tradição anglo-americana, além de propostas para reformar o entendimento do que é uma tradução e do que o tradutor faz.

Ao longo dos três momentos da trajetória de Venuti (consoantes aos três livros que Venuti escreveu) que descrevi neste trabalho, espero ter sido capaz de apresentar e problematizar esse projeto do pensador norte-americano. Assim, minha reflexão se iniciou com a descrição desse repertório conceitual que tornou Venuti um nome inequívoco entre os pesquisadores da área, sem ignorar a intensa vinculação entre o seu pensamento e as ideias do filósofo alemão do século XIX Friedrich Schleiermacher. Meu objetivo foi demonstrar que, ainda que esses dois pensadores se aproximem no que diz respeito a estratégias discursivas empregadas na tradução e à postura ética que se instaura a partir da escolha de uma ou outra opção, suas propostas poderiam se afastar no que concerne aos desdobramentos previstos para cada proposta defendida por Schleiermacher ou Venuti: enquanto Schleiermacher vê na prática tradutória “que leva o leitor até o autor” a chance de estabelecer uma identidade nacional forte o suficiente para combater a dominação francesa ao menos no nível linguístico e literário, Venuti identifica na prática estrangeirizadora uma reação contra uma estrutura etnocêntrica e hegemônica que recusa o capital linguístico e cultural estrangeiro.

Também na primeira parte do trabalho procurei apresentar algumas problematizações das propostas de Venuti. Minha intenção foi questionar o tipo de efeito que a adoção da estratégia estrangeirizadora poderia ocasionar e as maneiras como podemos percebê-la no texto traduzido. Observei que a dicotomia *domesticação versus estrangeirização* talvez não seja capaz de dar conta de todos os fenômenos envolvidos em uma tradução e que nem podem ser tão claramente observados e definidos nos textos traduzidos, como Venuti indica diversas vezes.

A problematização de alguns desses aspectos pode ser reavaliada a partir do segundo momento da trajetória de Venuti: em *Escândalos da Tradução*, as problemáticas noções de estrangeirização e domesticação dão lugar a uma reflexão sobre os efeitos que podem ser liberados a partir da tradução minorizante. Apesar de não pontuar explicitamente os motivos que o levam a essa substituição de repertório conceitual, é possível observar que o conceito de tradução minorizante não criaria a falsa impressão de que Venuti sai em defesa de um texto truncado, que chama atenção para a estrangeiridade do texto estrangeiro devido à dificuldade de leitura, como aparentemente foi interpretada a noção de *tradução resistente* por parte de seu público leitor. Ao se concentrar mais em efeitos e não em estratégias,

Venuti parece se afastar de um modelo metodológico que caracterizou a recepção de sua obra, como descrevi no item 2.2, “A recepção do pensamento de Venuti no Brasil: a tradução em contextos não hegemônicos”. Nesse item, refleti sobre a receptividade da adoção das propostas de Venuti num contexto como o brasileiro, tendo em vista que o pensador norte-americano sempre deixa bastante claro que mantém as questões do universo tradutório anglófono como seu horizonte de trabalho.

Também no segundo capítulo deste trabalho abordei uma questão que, creio, é definitiva para os novos rumos que o pensamento de Venuti vem tomando: a questão do controle do tradutor sobre a obra traduzida. Ao propor a introdução do *resíduo* no texto traduzido como um recurso estratégico que deve ser empregado pelos tradutores que visam a um projeto de tradução minorizante, Venuti pressupõe que o tradutor tem controle total sobre o processo tradutório e sobre os efeitos que esse resíduo pode liberar em seu público leitor (o que pressupõe também o controle da recepção da tradução). Ora, e onde ficaria a subjetividade do tradutor e a imprevisibilidade da língua nessa proposta?

A resposta vem com *Translation Changes Everything*, livro mais recente de Venuti, que associa ao terceiro movimento de sua trajetória intelectual. Venuti coloca a interpretação como questão central de seus trabalhos, chegando a uma abordagem da tradução que considera o processo tradutório como a inscrição de uma interpretação específica feita por um tradutor, dependente de fatores sociais, políticos, institucionais, poéticos e subjetivos. Com isso, Venuti expõe um modo de pensar a tradução muito mais abrangente, capaz de pensar a prática tradutória a partir de muitos pontos distintos de observação.

É também nesse livro que Venuti chega a uma reflexão que, em minha análise, revela o seu grande projeto para a tradução contemporânea. Ao deslocar o “chamado” à reforma da maneira como a tradução é praticada e avaliada dos tradutores e críticos para as pessoas envolvidas com o ensino de tradução, podemos compreender a iniciativa do “resgate” do tradutor de sua condição de invisibilidade de maneira muito mais produtiva: se o tradutor não é *educado* para pensar o seu ofício, para reconhecer as falhas na percepção que os críticos têm das obras traduzidas, e passa sem consciência histórica da tradição de tradução ao



menos em suas línguas de trabalho, como ele poderia se posicionar criticamente, comentar suas traduções, defender suas escolhas ao longo do processo? O grande projeto de Venuti se volta, então, à educação dos tradutores para a reflexão sobre sua prática e à urgência do estabelecimento de espaço em que essa educação possa ocorrer. É dessa maneira, acredito, que o tradutor tem a real possibilidade de romper com sua condição de “invisibilidade”: a partir da autoconsciência e da reflexão sobre aquilo que o tradutor é e aquilo que a tradução faz.

No entanto, esse projeto não passa sem críticas. O que há de “novidade” nele refere-se, em minha opinião, à comparação com o trabalho anterior de Venuti: seu “novo” modelo hermenêutico oferece uma atualização de repertório e de fontes em relação ao modelo de Schleiermacher, mas não se afasta tanto das propostas do filósofo alemão a ponto de poder ser considerado “novo”. No entanto, esse “novo” modelo certamente representa uma evolução de seu pensamento sobre a tradução, uma vez que agora Venuti considera a influência de contingências subjetivas e objetivas sobre o ofício do tradutor. Outra questão que surge nesse terceiro momento de sua trajetória intelectual refere-se à redução que Venuti empreende do pensamento de Schleiermacher e Berman. Ao classificá-los como “instrumentalistas” e “ambíguos”, Venuti elabora suas reflexões subsequentes tendo em vista apenas uma pequena parcela dos escritos desses dois pensadores, que se refere especificamente a questões de ordem discursiva, de desdobramentos práticos de uma teoria de tradução. Desse modo, ele promove uma redução do pensamento desses dois pensadores, do mesmo modo como muitos pesquisadores da área de tradução fazem com as reflexões de Venuti, uma leitura numa chave metodológica que é abertamente criticada pelo autor. Além disso, Venuti coloca esses dois pensadores numa polaridade bastante desconfortável, num movimento bastante questionável especialmente para um pensador que tem tanta afinidade com o pensamento pós-estruturalista.

O objetivo deste trabalho foi apresentar a trajetória do pensamento de Venuti ao longo das últimas duas décadas, observando a maneira como seu repertório conceitual se transforma e problematizando algumas de suas propostas. O que podemos depreender dessa empreitada é um pensamento em constante renovação e atualização, que busca se tornar cada vez mais abrangente e agregador, valendo-se de reflexões que partem da linguística, da filosofia e da psicanálise. É por esse

motivo que, logo nas primeiras páginas deste trabalho, cito Berman quando o pensador francês diz que a tradução pode passar sem teoria, mas não sem reflexão: o pensamento de Venuti está sempre em transformação, recusando uma limitação estanque ou uma categorização que a confina nos limites de uma “teoria”. No entanto, trata-se de uma reflexão muito valiosa para nós, tradutores e pensadores da tradução, situarmo-nos em nosso ofício e em nossa história, abrindo-nos para o questionamento, a problematização, o debate que apenas um trabalho ainda em movimento pode oferecer.

## REFERÊNCIAS

- ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: FROTA, M. P. *A singularidade na escrita tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas: Pontes, 2000. p. 13-15.
- BADIOU, A. *Ethics: An Essay on the Understanding of Evil*. Tradução de P. Hallward. Londres: Verso, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Conditions*. Tradução de S. Corcoran. Londres: Continuum, 2008.
- BAKER, M. (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres; Nova York: Routledge, 1998.
- \_\_\_\_\_. (Ed.) *Critical Readings in Translation Studies*. Londres; Nova York: Routledge, 2010.
- BASS, A. On the History of a Mistranslation and the Psychoanalytic Movement. In: GRAHAM, J. (Ed.). *Difference in Translation*. Ithaca: Cornell University Press, 1985. p. 102-141.
- BASSNETT, S.; LEFEVERE, A. (Ed.). *Translation, History and Culture*. London; New York: Pinter, 1990.
- BERMAN, A. *A Prova do Estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Holderlin*. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras; Florianópolis: PGET/UFSC, 2007.
- BERNSTEIN, C. *Content's Dream: Essays 1975–1984*. Los Angeles: Sun & Moon, 1986.
- BETTELHEIM, B. *Freud and Man's Soul*. Nova York: Knopf, 1982.
- BLANCHOT, M. Translating. Tradução de R. Sieburth. *Sulfur*, v. 26, p. 82-86, 1990.
- BOURDIEU, P. *Practical Reason: On the Theory of Action*. Tradução de S. Farage et al. Stanford: Stanford University Press, 1998.
- CARDOZO, M. *Solidão e encontro: prática e espaço da Crítica de Tradução Literária*. 2004. 174 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- \_\_\_\_\_. O significado da diferença: a dimensão crítica da noção de projeto de tradução literária. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, v. 18, p. 101-117, 2009.

CHRIST, R. Translation Watch. *PEN American Center Newsletter*, v. 53, p. 8, Winter 1984.

COSTA, W. C.; GUERINI, A., TORRES, M. H. C. *Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*. Tubarão: Editora Copiart, 2013.

DAWSON, J. *Friedrich Schleiermacher: The Evolution of a Nationalist*. Austin; Londres: University of Texas Press, 1966.

DE ANGELIS, M. L'idea centrale. *L'almanacco dello Specchio*, v. 4, p. 371-391, 1975.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: Toward a Minor Literature*. Tradução de D. Polan. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1986.

\_\_\_\_\_. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célio Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

DERRIDA, J. *Deconstruction and Criticism*. Nova York: Continuum, 1979.

\_\_\_\_\_. "Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'?" In: QUINZIEMES ASSISES DE LA TRADUCTION LITTERAIRE. Arles: Actes Sud, 1998. p. 21-48.

\_\_\_\_\_. *A Escritura e a Diferença*. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

DICKINSON, E. *Letters of Emily Dickinson*. Editado por M. Todd. Mineola, NY: Dover Publications, 2011.

DURANT, W.; DURANT, A. *The Age of Napoleon*. Nova York: Simon and Schuster, 1975.

FRANÇA, L. *A dimensão político-ideológica da defesa da alteridade empreendida por Schleiermacher e Venuti*. 2010. 49 f. Monografia (Bacharelado em Letras) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

\_\_\_\_\_. *Tradução, relação e alteridade: questões de recepção do pensamento de Schleiermacher, Berman e Venuti*. Relatório de Iniciação Científica. Curitiba, 2011–2012. Não publicado.

FREITAS, L. F. de. Venuti: tradutor de Tarchetti. In: FREITAS, L. F. de; MONTEIRO, J. C. N.; TORRES, M. H. (Org.). *Clássicos em Tradução, Rotas e Percursos*. Tubarão: Editora Copiart, 2013. p. 171-182.

FROTA, M. P. *A Singularidade na Escrita Tradutora: linguagem e subjetividade nos estudos da tradução, na lingüística e na psicanálise*. Campinas: Pontes, 2000.

GAVRONSKY, S. The Translator: From Piety to Cannibalism. *Substance*, v.16, p. 53-61, 1977.

GOETHE, J. W. Três trechos sobre tradução. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. In: HEIDERMANN, W. (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: Alemão-Português*. Florianópolis: NUT, 2001. (Antologia Bilingüe; v. 1). p.29-35.

HARVEY, K. A Descriptive Framework for Compensation. *The Translator*, v. 1, n. 1, p. 65-86, 1995.

HEIDEGGER, M. *Carta Sobre o Humanismo*. In: HEIDEGGER, M. *Marcas do Caminho*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos). p. 326-376.

HERMANS, T. (Ed.). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translation*. Londres; Sydney: Croom Helm, 1985.

HUTHMACHER, F. A linguagem entre o devir e a alienação. 2011. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

IANUCCI, A. Teaching Dante's Divine Comedy in Translation. In: SLADE, C. (Ed.). *Approaches to Teaching Dante's Divine Comedy*. Nova York: Modern Language Association of America, 1982.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito antropológico*. 18. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LECERCLE, J.-J. *The Violence of Language*. Londres; Nova York: Routledge, 1990.  
LEFEVERE, A. *Translating Literature: The German Tradition from Luther to Rosenzweig*. Amsterdã: Van Gorcum, 1977.

LEWIS, P. The Measure of Translation Effects. In: GRAHAM, J. F. (Ed.). *Difference in Translation*. Ithaca; Londres: Cornell University Press, 1985. p. 31-62.

NAVARRO, F. Which is the world's most important language?. *Lebende Sprachen*, v. 42, n. 1, p. 5-10, 1997.

NEWMARK, P. *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon Press, 1981.  
PYM, A. *Venuti's Visibility*. 2010. Versão online, sem páginas numeradas. Publicado originalmente em Target, v. 8, n. 1, p. 165- 177, 1996. Disponível em: <[http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/1996\\_Venuti.pdf](http://usuaris.tinet.cat/apym/on-line/translation/1996_Venuti.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2014.

\_\_\_\_\_. *Exploring translation theories*. Londres; Nova York: Routledge, 2010.  
\_\_\_\_\_. *Review of Translation Changes Everything* (by Lawrence Venuti). 2013. Disponível em: <<http://usuaris.tinet.cat/apym/>>. Acesso em: 7 out. 2014.

PETRY, S. C. Tradução e relação discutidas a partir de uma perspectiva bermaniana. *Travessias*, v. 6, p. 01-12, 2009. Disponível em:

<[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_006/ARTE%20E%20COMUNICA%C7AO/PDF/tradu%E7%E3o%20e%20rela%E7%E3o.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_006/ARTE%20E%20COMUNICA%C7AO/PDF/tradu%E7%E3o%20e%20rela%E7%E3o.pdf)>. Acesso em: 6 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. Antoine Berman, leitor do romantismo alemão. *Scientia Traductionis*, n.11, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/viewFile/1980-4237.2012n11p368/22422>>. Acesso em: 6 dez. 2014.

REIMÃO, S. Tendências do mercado de livros no Brasil. *MATRIZES*, v. 5, n. 1, p. 194-210, 2011.

RODRIGUES, C. C. A prática de tradução por teóricos tradutores. *Tradução em Revista*, n. 4, 2007. Disponível em: <[http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/trad\\_em\\_revista.php?strSecao=input0](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/trad_em_revista.php?strSecao=input0)>. Acesso em: 17 set. 2014.

RUEDELL, A. Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher. *Natureza Humana*, São Paulo, v.14, n.2, 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302012000200001&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 4 set. 2014.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMAN, W. (Org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: Alemão-Português*. Florianópolis: NUT, 2001. (Antologia Bilíngüe; v. 1). p.38-101.

\_\_\_\_\_. On the different methods of translating. Tradução de S. Bernofsky. In: VENUTI, L. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. Nova York; Londres: Routledge, 2002. p. 43-63.

\_\_\_\_\_. *Hermenêutica e crítica I*. Tradução de A. Ruedell. Ijuí: Unijuí, 2005.

SHAMMA, T. The exotic dimension of foreignizing strategies: Burton's translation of the *Arabian Nights*. *The Translator*, v. 11, n. 1, p. 51-67, 2005.

SILVA, P. M. da. *O Senhor dos Anéis: a tradutora na obra traduzida*. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

SILVA, W. G. *Dr. Faustus* e um projeto de tradução estrangeirizante. *Scientia Traductionis*, n. 1, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12859/12026>>. Acesso em: 3 out. 2014.

SIQUEIRA, A. M. Aspectos conflitantes nas concepções textuais da reflexão de Lawrence Venuti sobre tradução. 2002. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

SNELL-HORNBY, M. *The Turns of Translation Studies: New paradigms or shifting viewpoints?* Amsterdã; Filadélfia: John Benjamins, 2006.

\_\_\_\_\_. A “estrangeirização” de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher aos Estudos da Tradução? Tradução de Tinka Reichmann e Marcelo Moreira. *Pandaemonium*, v. 15, n. 19, p. 185-212, jul. 2012.

SOUSA, D.; VERAS, V. Mensagem numa garrafa virtual: pode haver diálogo entre o tradutor e o teórico da tradução?. *Graphos*, v. 11, n. 2, p. 29-44, 2009.

TYMOCZKO, M. Translation and Political Engagement: Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts. *The Translator*, v. 6, n. 1, p. 23 - 47, 2000.

VERMEER, H. Hermeneutik und Übersetzung (swissensschaft). *TEXTconTEXT*, v. 9, n. 3, p. 163-182, 1994.

VENUTI, L. The translator's invisibility: *Criticism*, v. 38, n. 2, p. 179-212, 1986.

\_\_\_\_\_. Genealogies of Translation Theory: Schleiermacher. *TTR: traduction, terminologie, rédaction*, v. 4, n. 2, p. 125-150, 1991.

\_\_\_\_\_. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. Londres; Nova York: Routledge, 1992. p. 1-17.

\_\_\_\_\_. *The Translator's Invisibility: a history of translation*. Londres; Nova York: Routledge, 1995.

\_\_\_\_\_. *The Translator's Invisibility: a history of translation*. 2nd ed. Londres; Nova York: Routledge, 2008.

\_\_\_\_\_. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. *Palavra*, n. 3, p. 111-134, 1995.

\_\_\_\_\_. *The scandals of translation*. Londres; Nova York: Routledge, 1998.

\_\_\_\_\_. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrin et al. Bauru: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. (Ed.) *Translation Studies Reader*. Londres; Nova York: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. *Translation Changes Everything: Translation and practice*. Nova York: Routledge, 2013.

VINAY, J-P.; DARBELNET, J. *Stylistique Comparée du Français e de l'Anglais*. 2. ed. rev. Paris: Didier, 1977. Primeira edição de 1958.

WARD, A. *Book production, fiction and the German reading public, 1740-1800*. Oxford: Oxford University Press, 1974.